

REVISTA DA SEMANA

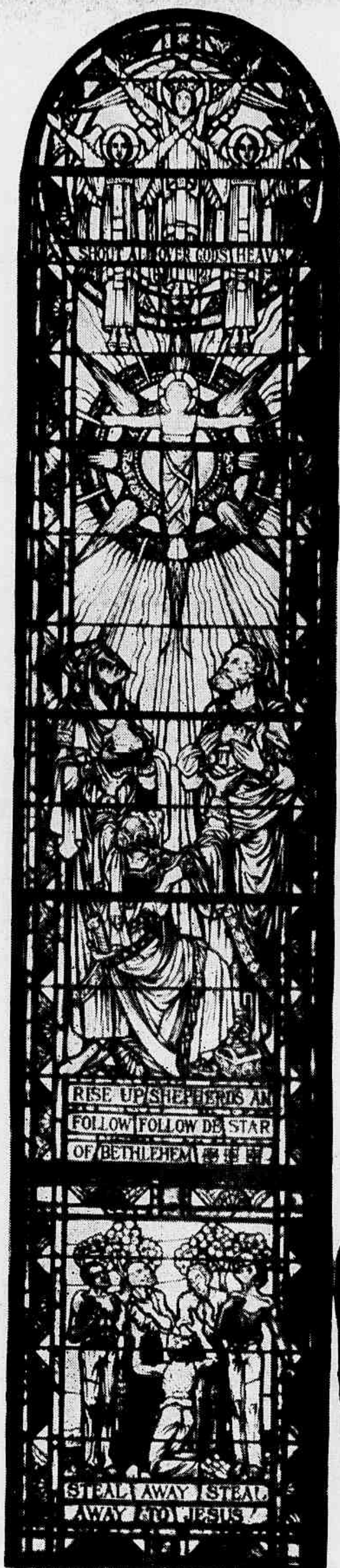
N.º 13

31-3-45



CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL

NO TEXTO:
**3 CARICATURISTAS
DA VELHA GUARDA**



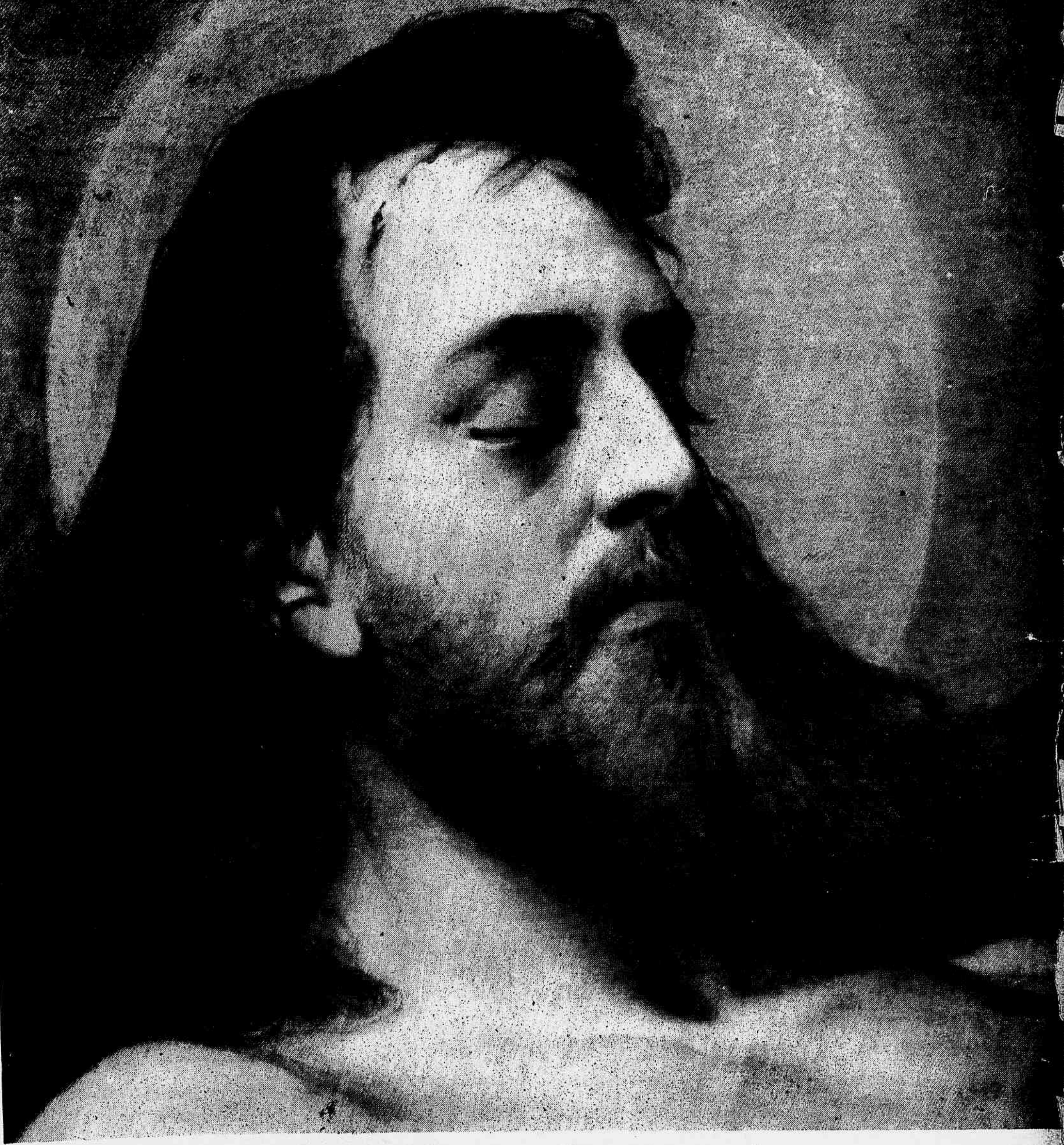
...e o pungente "Ecce homo" transfundiu-se no "Ecce Salvator", o Redentor. E desde aquela época, do Ressurgido, do Redivivo do Thabor, celebra o mundo, impelido pelo influxo da idéia nova espalhada pelos discípulos amados, a semana máxima, êsses dias imorredouros na lembrança da cristandade. E é a Igreja que mais fiel, mais impressionadora conserva a pungitiva tradição do martirólogo de Jesus.

Nessas comemorações, solenemente majestosas, a alma cristã experimenta bem ao vivo o sofrimento inexprimível do Filho de Maria; o coração se confrange ao rememorar as cenas da Paixão; o espírito se abate ante a magnitude do espetáculo em cuja presença nem mesmo os incrédulos podem sopitar misteriosa explosão de sentimentos reprimidos.

E quando, após os dias merencórios da Paixão, rebrilha no céu o sol radiante da Ressurreição, a alma se desafoga, se realenta no triunfal e vibrante hino "Gloria in excelsis Deo", a derramar-se como uma promessa de paz, de amor, assegurados por Jesus. Aleluia!

ALELUIA!





Esta semana — santa de nascimento — é, pelo hábito, uma semana triste. As recordações anuais que a enchem, embora comecem no Domingo de Ramos e terminem no Domingo da Ressurreição, têm, na Quarta-Feira, na Quinta e na Sexta, além do "Mártir do Calvário" em teatros e circo — trevas, endoenças, paixão — colossas, também pelo hábito, nocivas à tranquilidade particular.

E ainda há quem replta que o hábito não faz o monge!

Faz, sim. Retirei-me ofelicemente da circulação. Vim para o mais obscuro dos retiros. Um pequeno espaço no universo.

RETIRO

ALVARO MOREYRA

Meti na mala, apenas, com uns cigarros, a reportagem dos quatro evangellistas. Bem que me deu vontade de trazer a "Imitação de Cristo." Mas eu gosto da vida. Não sei por que. Gostos não se discutem... Um dos meus amigos, São Francisco de Assis, por seguir os exemplos da existência maravilhosa, quase morreu no fogo da Inquisição — e era São Francisco de Assis, que até os lobos entendiam, e amava com o mesmo amor tôdas as criaturas.

Não afirmo que estou no Reino de Deus, que não é dêste mundo. Imagino que estou, assim, em paz, diante de umas rosas, com o meu velho coração de menino, cercado de céu por todos os lados.

Na voz de Mateus, Marcos, Lucas, João, colegas remotos (cujos retratos Herbert Moses se esqueceu de inaugurar em qualquer salão da A. B. L., longe do restaurante) — na voz dêles vou acompanhando os bons avisos de Jesus:

— Não queiras julgar, para que não sejas julgado. Pois com o juízo com que julgares serás julgado; e com a medida com que medires te medirão a ti.

— Na tua paciência possuirás a tua alma.

— Não tenhas medo daqueles que matam o corpo, e depois não têm mais nada que fazer.

Como sabia contar histórias! E como exaltava os errados! — os pobres de espírito, os mansos, os que choram, os perseguidos, os que têm fome e sede de justiça, outros. Chamava-os "sal da terra". Chamava-os "luz do mundo".

— Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua fôrça, com que outra coisa se há de salgar? — para nenhuma coisa mais fica servindo, senão para se lançar fora e ser pisado dos homens.

— Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade que está situada sobre um monte; nem os que acendem uma lâmpada a põem debaixo do alqueire; alta a colocam para que ilumine todos os que estão em casa.

Seriam os bemaventurados.

— Assim, o que quereis que vos façam os homens, fazei-o também aos homens.

— Nenhuma coisa se oculta, que não venha a descobrir-se; e nenhuma há escondida, que não venha a saber-se.

Quando, no dia seguinte ao da multiplicação dos pães, os que se haviam aproveitado da fartura seguiram atrás dêle — Jesus lhes disse:

— Buscáis-me, não porque vistes o milagre, mas porque comestes os pães.

Na verdade, Jesus, tu foste o Divino Mestre.



Ao local do grande incêndio de quarta-feira transata compareceram desde logo as autoridades para chefiar os respectivos serviços de policiamento, ataque ao fogo e salvamento das vítimas. Aqui vemos o ministro João Alberto, chefe de Polícia, comandante Aristarco Pessoa, do Corpo de Bombeiros, e outras autoridades. Por espaço de muitas horas, até madrugada alta, os bravos soldados do fogo trabalharam no local do sinistro, muitas vezes com risco das próprias vidas.

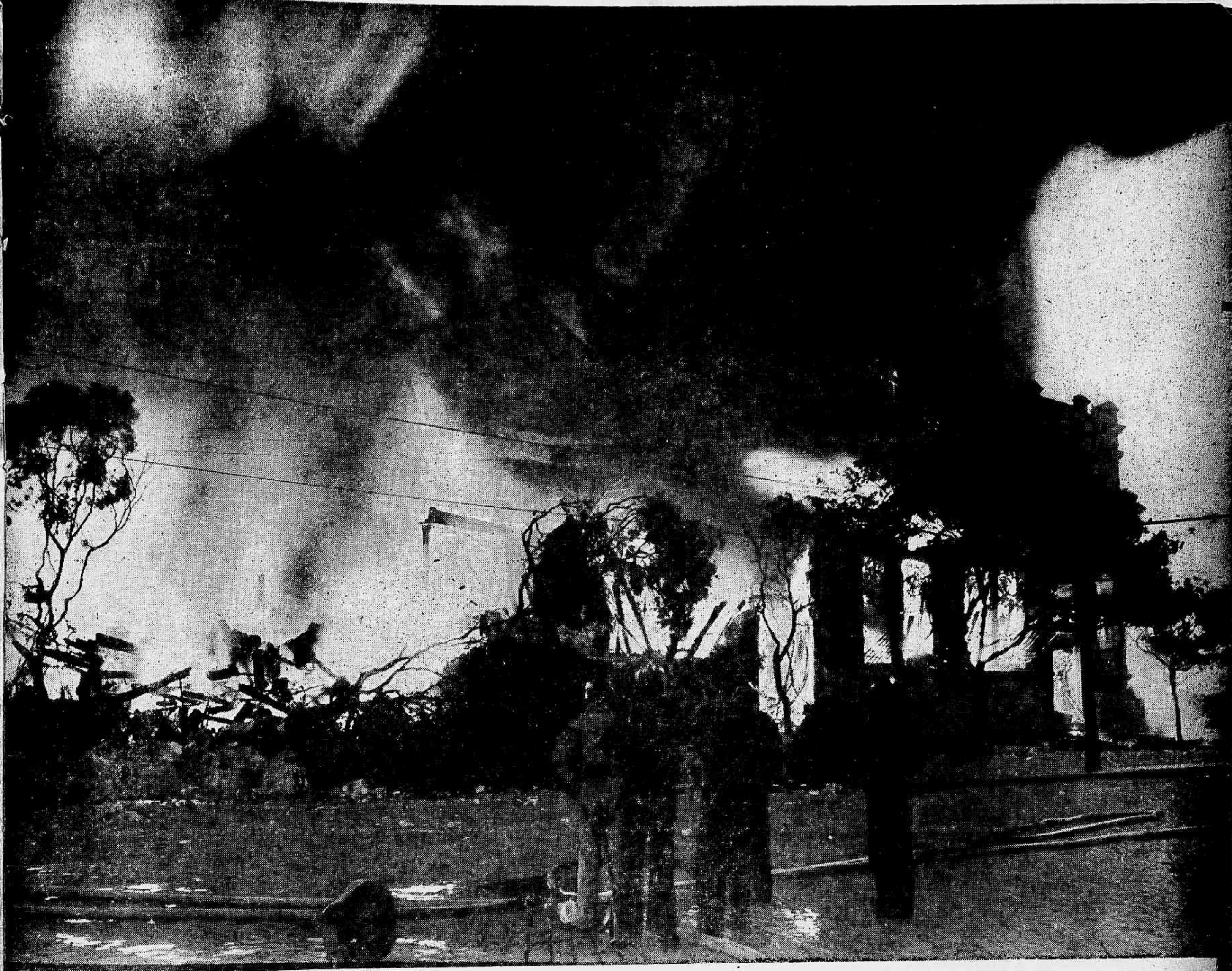
Foi por volta das dezessete horas, no dia 21, que o Rio, quase se extinguindo mais um dia de labor, ficou em sobressalto com as explosões partidas do Cais do Pôrto e os grossos róis de fumaça toldando o céu. Três grandes estampidos sucediam-se, em alguns minutos, e enormes línguas de fogo surgiram dos destroços do edifício. Pesados madeirames, vigas de ferro, chapas de aço eram atirados a grande distância, pelo deslocamento de ar. Continuavam as explosões em ritmo assustador. Partiam-se as vidraças dos prédios adjacentes e toda aquela área tremia, como que sacudida por um terremoto. A repercussão do sinistro estendia-se à Pró-Matre, cuja sede na avenida Venezuela

PANICO E EMOÇÃO NO INCENDIO DA AVENIDA BARÃO DE TEFFÉ

é fronteira ao depósito da firma Dias Garcia & Cia. No hospital as senhoras, alucinadas, queriam atirar-se à rua, ali existindo cerca de 180 enfermas, além de igual número de doentes operadas ou aguardando o momento de serem submetidas a intervenções cirúrgicas. Duas outras tinham sido submetidas a operação cesariana. Todas abandonaram o leito, sendo socorridas em plena rua. Também na cantina do combatente, ali perto, repleta de soldados, houve balbúrdia e inúmeros feridos. São desse grande sinistro as fotografias que oferecemos aos leitores, nestas páginas, registrando-o como um dos mais impressionantes destes últimos dez anos.

As primeiras explosões abalaram a cidade, assinalando um dos mais apavorantes incêndios destes últimos tempos e causando indescritível pânico em toda uma grande área do Rio. Centenas de pessoas telefonavam para as redações e todos queriam saber onde ocorrera o sinistro, que muitos pensavam tivesse sido no Depósito de Material Bélico do Exército, o que felizmente não se verificou. Aqui está um soberbo aspecto da imensa fogueira, quando as nuvens toldavam o céu da cidade.





As chamas ergulam-se, ao correr das explosões, a uma altura aproximada de cinquenta metros, enquanto grossos rolos de fumaça avançavam para o céu, numa visão alucinante. Tudo fazia crer que se tratava de uma verdadeira catástrofe, e só a indômita coragem dos bombeiros evitou que isso realmente acontecesse.

Mais de uma centena de senhoras, internadas no Hospital Pró-Matre — gestantes e puérperas — queriam se atirar à rua, alucinadas pelas explosões que faziam tremer os edifícios em seus alicerces. Esta chapa foi batida em plena rua, onde as doentes, envoltas em lençóis e deitadas em colchões, eram depositadas, aguardando outros socorros médicos. Vendo passar ambulâncias repletas de gestantes, rumo aos diversos hospitais da cidade, o povo pensava que se tratasse de mortos às dezenas...





(Fotos de BUENO FILHO)



Só em material perdido a firma Dias Garcia & Cia. teve prejuizos superiores a doze milhões de cruzeiros, mas tinha a mesma seguros em várias companhias, no total de dez milhões. O depósito incendiado continha grande quantidade de salitre, breu e enxôfre, além de tambores de óleo e certa quantidade de água-rás. Não se descobriu ainda a origem do fogo, mas presume-se que as explosões tenham ocorrido nos tambores de óleo. Na manhã seguinte novas explosões soterradas nos escombros treze vítimas, porém nenhuma havia sido ainda encontrada, malgrado os esforços dos bombeiros. Ao alto, outro aspecto do grande sinistro e, ao lado, um recém-nascido, nos braços de sua genitora, também deitado na avenida Barão de Teffé.

NESTE NUMERO

ANO XLVI ... N.º 13 ... 31-3-945

LITERATURA

Retiro (Alvaro Moreyra)	3
Ver para crer (Russel S. Hughes)	13
Ouro Preto (Camerino de Azevedo)	18
Semana da Paixão (Escragnolle Doria)	26
Salino (Geraldina Max)	28/29
O caso da criada (Rose Franken)	34
Um quadro para a História (Walter Prestes)	37
Livros Novos (J. L.)	42/43
Jesus Cristo está na Eucaristia (Mons. Melo Lula)	53

REPORTAGENS

Pânico e emoção no incêndio da Av. Barão de Teffé	4/6
Jockey Club	14
3 Caricaturistas da Velha Guarda	19/25
Figuras e Fatos	41

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos	27
Modas	32/33
Modelos vários	44/45, 50 e 52
Várias Femininas	48

SECÇÕES

Aconteceu há 40 anos	7
A Semana em Revista	8
De Rádio (Djalma Maciel)	35
De Música	35

ATUALIDADES

Aleluia!	2
Mariana e a Semana Piedosa	10/12
A guerra em marcha	15/17
L'amour, toujours l'amour	30/31
Onde a cobra está fumando	38/39
Gráficas de Hollywood	46/47

CARICATURAS

Dois em uma (Michel)	9
De Bom Humor	40
"Charge" de Raul	56

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	57/58
-------------------------------	-------

NOSSA CAPA



Entre as mais belas de Hollywood, ressaltando entre os tipos verdadeiramente clássicos na moderna concepção da beleza feminina, encontra-se Rita Hayworth, a fulgurante "estrela" da Columbia, de quem damos, na capa deste número, uma de suas mais recentes poses.

Sem dúvida, é difícil encontrar meia dúzia de iguais tipos tão dotados de predições físicas, notadamente no rosto, que vale por um primor de concepção e de harmonia. Ela é também, na vida real, a esposa de Orson Welles, e ainda na escolha de uma noiva encantadora o criador de "Cidadão Kane" revelou-se um homem genial.

Mas, além da sobre-capa, podemos destacar na presente edição a curiosa entrevista coletiva — hoje esse gênero de entrevistas está em grande moda... — concedido por três caricaturistas antigos: Yantok, Loureiro e Sterni.

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências da Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos. Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fôra de horas para que tenham indigestão, dôres no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dôres de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convem dar **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre-Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dôres de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre-Livre** sempre em casa.

Aconteceu...

HÁ QUARENTA ANOS

A REVISTA DA SEMANA de 16 de abril de 1905 publicava em suas páginas as fotografias de vários chefes de Estado, dividindo-os em duas categorias: "Os que viviam em segurança" e "os que viviam em contínuos cuidados".

Vejamos o que diziam as legendas:

— Rei Oscar II da Suécia e Noruega — Conseguiu captar tôdas as simpatias dos povos que vivem à sombra de seu trono.

— Imperador Francisco II da Austria — A sua bondade pessoal mantém a união austro-húngara.

— D. Carlos de Portugal — Popular como grande sportsman, vive despreocupadamente.

— Guilherme II da Alemanha — Os seus esforços para manter a Alemanha à frente das outras nações dominam o espírito de seu povo.

— Cristiano da Dinamarca — Muito amado por seu povo.

— Mutshuito do Japão — Considerado pelos nipons como um deus.

Na parte relativa aos soberanos e presidentes que "viviam em constantes cuidados" figuravam o Shah da Pérsia, Abdul Amid, sultão da Turquia, Pedro I da Sérvia, Victorio Emmanuele de Itália, o czar Nicolau II, Teodoro Roosevelt, Abdul Azziz, sultão de Marrocos, Ferdinando da Bulgária e Afonso XIII.

Quem se lembrará ainda hoje do destino desses maiores?

Dos que viviam com o poder abalado, muito poucos escaparam das revoluções e dos atentados. E mesmo dos outros, considerados como "amados por seus povos", quantos não foram arrancados do trono pelas tropas revolucionárias.

Queremos porém lembrar que, ao tempo dessa publicação, Fernando José, o arquiduque assassinado em Serajevo, era ainda um garoto.

O rei de Portugal, posteriormente derrubado pelos republicanos, D. Manoel, era um príncipezinho desconhecido.

De Gaulle fazia os seus preparatórios.

Hirohito brincava de soltar papagaios de papel.

Passemos a outros:

Mustafá Kemal Pachá, Ataturk, assentou praça ao tempo em que era publicada essa nota.

Pedro II, da Sérvia, nasceu 17 anos depois, e o general Tito aprendia então, com o seu pai, o ofício de sapateiro.

Mussolini não passava de um pequeno moleque de Roma.

Stalin cumpria a sua primeira pena de degrêdo na Sibéria.

Franklin Delano Roosevelt era um advogado recém-saído da universidade.

Franco ainda não havia iniciado os seus estudos...

Aí está uma prova de como mudam os tempos e como se transformam os destinos dos povos.

Um - calçado da moda para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO

A SEMANA EM REVISTA

E ALI O CANHÃO EMUDECEU!



O "cliché" publicado por um vespertino era de uma extraordinária eloquência, mesmo naquele cantinho de coluna. E de um significado por demais simbólico. Mostrava um possante "tank" germânico estacionado à porta de uma casa secular, na cidade alemã de Bonn. E a legenda incumbia-se de esclarecer. Naquela mesma casa nascera Beethoven, o gênio da harmonia, que era surdo, como sabemos. Pois ali também, por singular coincidência, foi emudecer a máquina de guerra, destituída de qualquer parcela de harmonia, desconjugada por um poderoso tiro aliado... Era como se o próprio Beethoven pudesse, do além, intimar os bárbaros nazistas a um silêncio que a própria boca do canhão precisava obedecer. Não mais o estrondo ruidoso dessa arma de guerra. Não mais a destruição espalhada pelos próprios germânicos, de tradições nefastas na guerra, mediocres e submissos, passivos e conhecendo apenas o princípio da obediência.

Quem obedece de mais não tem iniciativa nem fibra para agir por conta própria. E os alemães, que timbram em proclamar seus pruridos de disciplina, foram sempre, por alguma lei atávica, eminentemente corajosos em conjunto e deploravelmente covardes de per si. Se a Alemanha nos deu algo de aproveitável no terreno da ciência, não deixou que se perpetuassem essas conquistas, desaparecidas e ofuscadas pelo instinto da guerra, da conquista e da destruição. O "tank" rebentado à porta da casa onde nasceu Beethoven não pôde acompanhar os demais veículos demolidores na arrancada para a retaguarda, mas estacou, deixando talvez em poder dos soldados invasores, na qualidade de prisioneiros, seus tripulantes. Estes, por sua vez, não mais investirão contra os velhos, as crianças e os enfermos dos países aliados, implantando o seu "heroísmo" tipicamente nazista, porque de um campo de concentração não se foge com facilidade. E assim o "tank" emudecido à porta da casa em que viu a luz o gênio surdo de Beethoven não terá sido mais que a repetição banal de milhares de outros "tanks", paralizados em todos os campos da luta... Silenciando um após outro... Inúteis como o próprio cérebro inútil do germânico metido a conquistador do Mundo...

NOSSOS FERIDOS DE GUERRA



Eles ali estão chegando, quase diariamente, em aviões militares, e lotando os hospitais da cidade. Desembarcam em padiolas, sob assistência médica, também militar, e recolhem-se ao leito, com o consolo e a compensação de estarem reintegrados na vida do país onde nasceram e por quem foram bater-se, longe de nossas fronteiras. Eram, há um ano passado, homens sadios, aptos para as grandes investidas desta guerra, e voltam mutilados, nem sempre em condições de serem devolvidos ao labor civil. São os nossos gloriosos feridos, os que ainda tiveram a sorte de voltar, porque tantos outros lá ficam, no anonimato da morte, em solo conquistado ao inimigo pelo preço alto do derrame de sangue brasileiro. Eles estiveram em Monte Castello e souberam por que é preciso enfrentar a fúria nazista com coragem e denodo. Nazista é sinônimo de barbárie e de ameaça, de torpedeamento covarde e de submissão aos soldados brasileiros e

dos demais países, quando sabem estar prisioneiros. Levantam os braços, não para gritar "heil Hitler!", mas "kamerade". E mostram a mesma covardia perene em todos os fascistas natos de todas as nações. Fascismo que vale por um sinônimo de lepra, porque onde dá não sai mais. Fascismo que tem um nome diferente em cada terra — e no Brasil se chamou integralismo... Foi devido à ameaça fascista, aos grupelhos integralistas, foi por causa deles que nossos bravos rapazes aqui estão chegando mutilados, enquanto outros arrancam para a frente, dispostos a entrar em Berlim. E os terceiros tombam no campo da honra. Nessa pátria não quis comprar o comodismo da neutralidade, sob o frívolo pretexto de se pouparem as vidas dos nossos irmãos. Muitos deles estão imolados, outros regressam feridos, mas são em muito maior número os que acompanham os vencedores desta guerra. Não quisemos ser neutros porque não podíamos disfarçar a afronta do torpedeamento de nossos barcos. E por que preço vil estão pagando a neutralidade, esses que ainda a mantêm! Nossos feridos gloriosos de uma guerra onde é preciso ter fibra e espírito de renúncia, afirmam a glória da nossa condição de brasileiros. Como devem invejar-nos em algumas partes do mundo!

"ENTRE LES DEUX..."



Suicidou-se no México o jovem Carlos Valdemar Quintero, de 16 anos, boa aparência, saúde invejável. Descobriu a polícia, após a sua morte, uma carta. E nela estava escrito: "O amor se apoderou de mim, de forma excessiva. Amo loucamente duas belas mulheres — Elda e Carmen — e não sei por qual das duas hei de me decidir. Por isso resolvo matar-me". E matou-se. Deixou assim o mundo, na flor da idade, o jovem e simpático mexicano Carlos Valdemar Quintero. Nunca mais as abas largas de seu "sombbrero" elegante ocultarão um beijo de Elda dos olhares indiscretos. Já não cantará "La Paloma", sob o postigo florido de Carmen, em noites de luar mexicano. Está morto e dorme sob a

de ventura os dias da eternidade desse jovem mexicano, que muito sofreu por amar ardentemente duas belas mulheres e não saber o que faria de uma delas. E cansado dessa indecisão, diante do terrível dilema do "ser ou não ser", o rapaz, como o burro da fábula, numa fraca comparação, não soube pelo que optar: se pelo capim, se pela água. E morreu entre as duas, ainda com o coração balançando.

Fiquem nestas linhas, Carlos Valdemar Quintero, um protesto contra a sua imbecilidade, e o testemunho da nossa inveja. Você, pobre ingênuo, tendo um tesouro, julgou-se pobre. Tendo dois caminhos pela frente, cobertos de flores e diretos ambos ao reino da felicidade, julgou-se um viajor perdido. Você precipitou-se, Carlos; você não soube raciocinar. A solução para o seu problema era outra, muito outra. Hoje, em vez do envólucro da mortalha de madapolão, você poderia ter em torno ao corpo os braços de Carmen ou de Elda. Se duas lhe eram de mais, pobre moço, por que não nos mandou a outra, Carmen ou Elda?

Pense bem e veja que a repartição das riquezas tem resolvido muitos problemas mais intrincados que o seu. E a caridade continua a ser, até hoje, uma nobre virtude.

O LEÃO SOSSEGADO E A REFORMA ORTOGRÁFICA



Inaugurou-se o novo jardim zoológico do Rio de Janeiro. Bonito. Muito bonito mesmo, sobretudo na dependência destinada aos bichos de pena. O aviário é o que se pode imaginar de mais perfeito, com gaiolas e viveiros higiênicos, bem arranjadinhos, com o nome de toda a bicharada escrito em placas de esmalte, na porta da residência de cada um. Uma visita a este aviário é motivo de orgulho para os nossos instintos patrióticos de tupiniquim, que se ufana diante da riqueza da fauna brasileira. Mas o "departamento da ferocidade" está fraco: um urso, três onças mirradas, muito diferentes das "jaguara-etês" que roncavam nas matas do Amazonas. Miniaturas de onça. Afóra estes, uma sussuarana mirim, dorminhoca e filósofa. E o leão? Esse, coitado, parece um pobre "habitué" do Saps: magro de dar pena. As costelas do pobrezinho podem ser contadas pelos visitantes. Até parece que para ele também existe o raciocinamento da carne. E a triste vítima dorme o dia inteiro, numa modorra de jeca-tatú sub-

alimentado. Quando acorda e circunvaga um olhar desanimado, lança entre os dentes cariados esta pergunta aos curiosos: "Afimil que rei sou eu?". E como se não bastasse tudo isso, na placa indicativa de sua espécie escreveram-lhe errado o nome científico: "Felix Leo". Era o que faltava. Mudar o nome pomposo de Sua Majestade, justamente no momento em que a ortografia é considerada o maior problema do país. Errar a nomenclatura técnica, quando o sr. Claudio de Souza se dirige a Lisboa, com despesas pagas, para que todas as letras estejam certas e todas as aspas estejam no lugar? Não, não está direito. O problema se agrava. Num jardim público, enquanto os heróis da nossa ortografia arrumam as malas para Lisboa, enxovalham assim os seus nomes e, além do mais, chamam "feliz" a um leão esquelético e faminto. Não, mil vezes não! Os dois problemas estão a exigir uma solução por parte das autoridades. Os dois, sim: o da ortografia e o da alimentação do "Rei dos Animais". Não temos nada com isso, mas poderíamos, aqui, apresentar a nossa modesta sugestão, para que tudo se resolva a contento: — Que tal jogarmos o sr. Claudio de Souza na jaula do leão da Quinta, à guisa de almôço? Pensamos que, assim, estariam satisfeitos as letras nacionais e o infeliz Felix Leo do novo "zoo".

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00

Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knope & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

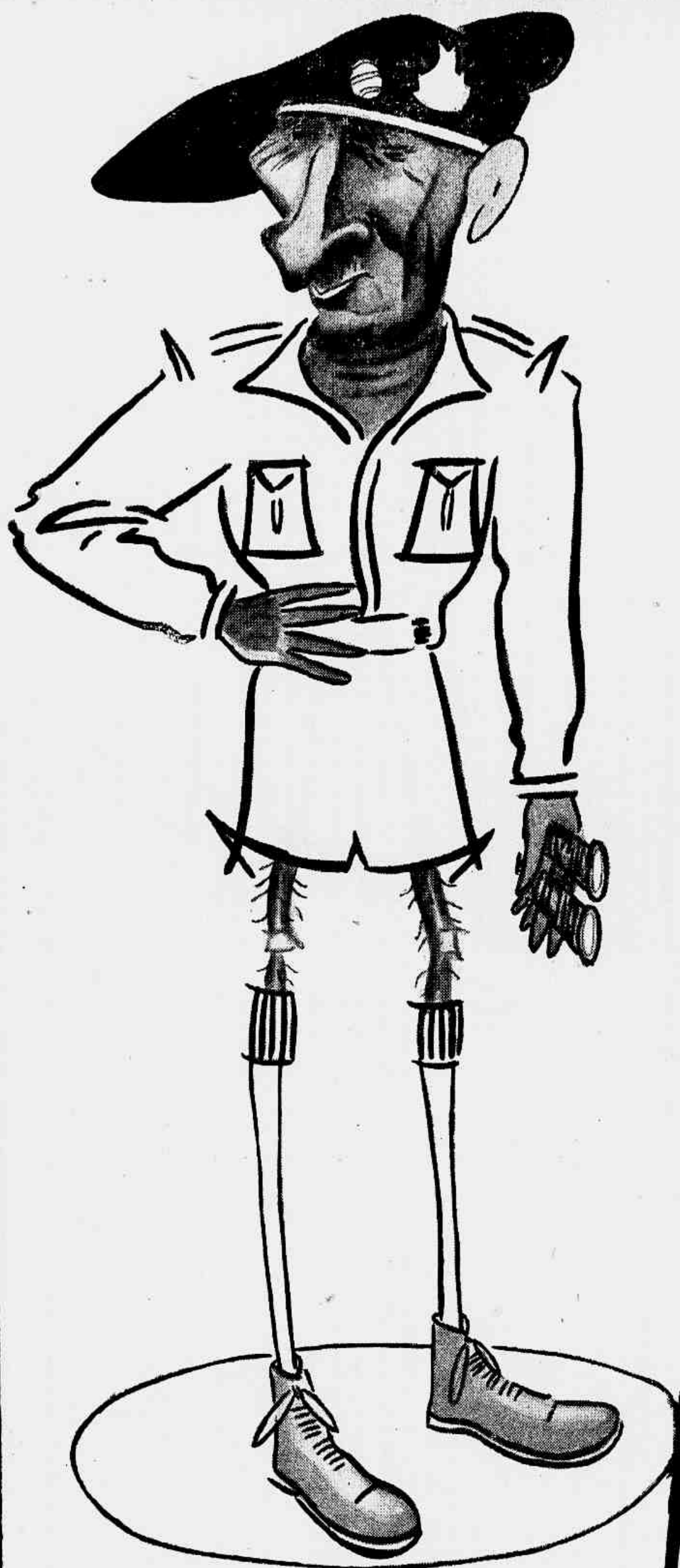
Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados

DOIS EM UMA

CARICATURAS DE
MICHEL
LEGENDAS DE
ZE' CARIOCA



MODÉLO DA SEMANA

Foi muito longa a demora...
Mas a guerra chega ao fim
E a boina vai ser agora
A grande moda em Berlim...

ILUSTRE VIAJANTE

Após a conversação,
Sem séquito e sem escolta,
Chega o homem de avião
E, mal chega, logo volta.

(Semanalmente publicaremos dois figurões ilustrados em uma página desenhada por Michel).



MARIANA, a cidade piedosa

O espírito religioso, o tradicional catolicismo do povo mineiro, encontra o seu monumento mais característico em Mariana, a cidade que não se modificou através dos séculos, conservando até hoje, imutáveis ao embate do tempo e das intempéries, as suas igrejas típicas, os lageados de suas ladeiras quase impraticáveis, seus sobrados coloniais estendidos em fila ao longo das ruas tortuosas.

As cruzes dos campanários apontam para o céu límpido, como a mostrar aos turistas o símbolo da fé que animava os construtores da cidade, homens que vieram de longe, dos serros de Piratininga, atrás dos tesouros fabulosos das montanhas verdes.

E as pedras e o ouro iam se tornando cada dia mais distantes e a realidade da fome e da miséria era cada hora mais angustiosa.

E os pioneiros deixaram se ficar nas encostas dos morros, olhando ao longe o Itacolomi altaneiro, que fazia avançar para eles a sua sombra ameaçadora.

Mas nada demoliu a fé inquebrantável dos sertanistas, nem a fome de muitos dias, nem a fadiga de longas jornadas.

Mariana foi-lhes apenas um pouso. Partiram depois, acesa novamente a sede de ouro e a ganância das riquezas fáceis.

Mas em seu caminho haviam deixado a semente nobre que havia de germinar mais tarde, multiplicada em lares e templos.

E a cidade cresceu em volta do pequeno núcleo de habitações rústicas que os homens das entradas haviam construído.

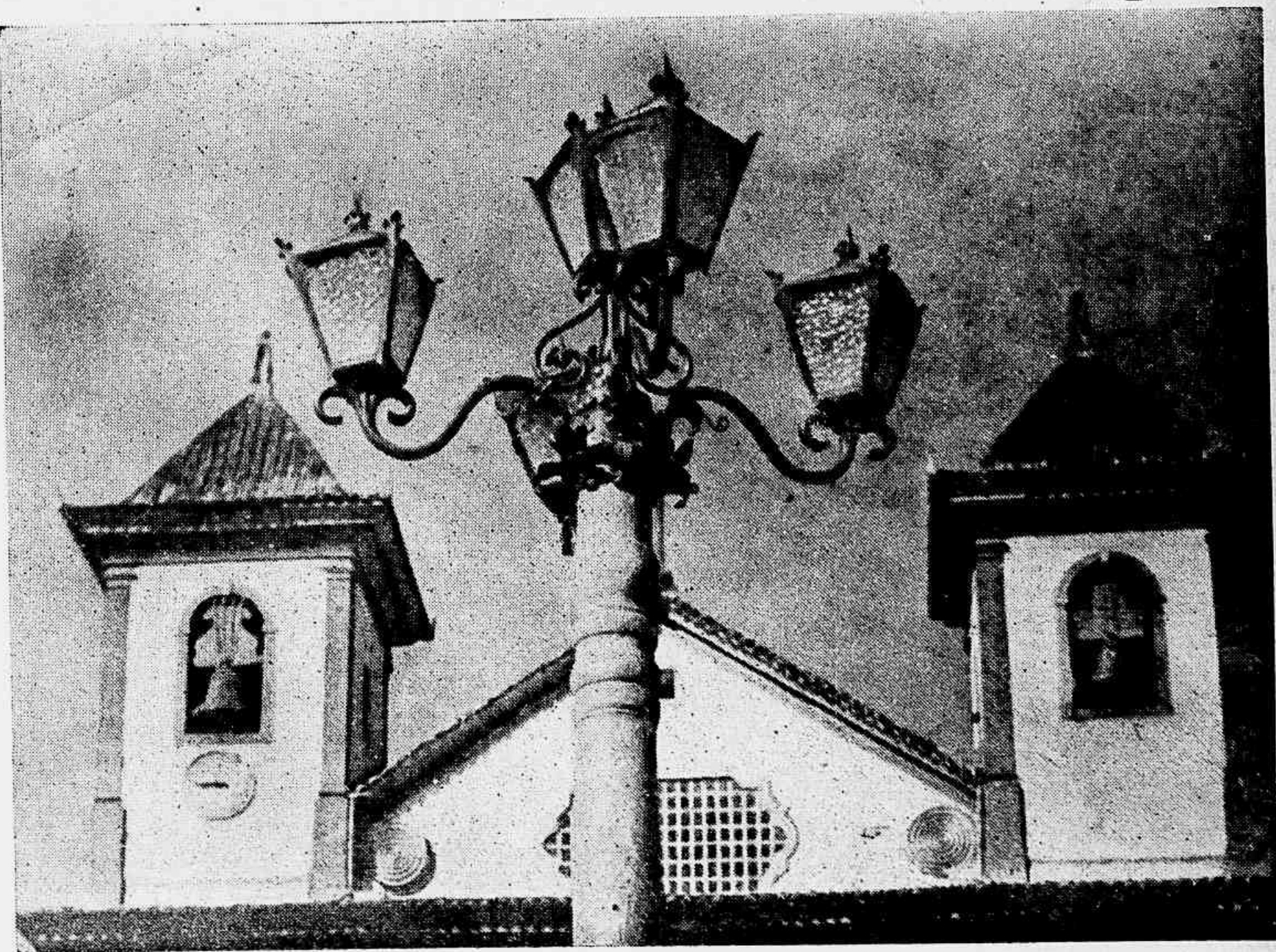
Anos depois, o progresso entrou pelo sertão. As estradas de ferro rasgaram o seio das matas

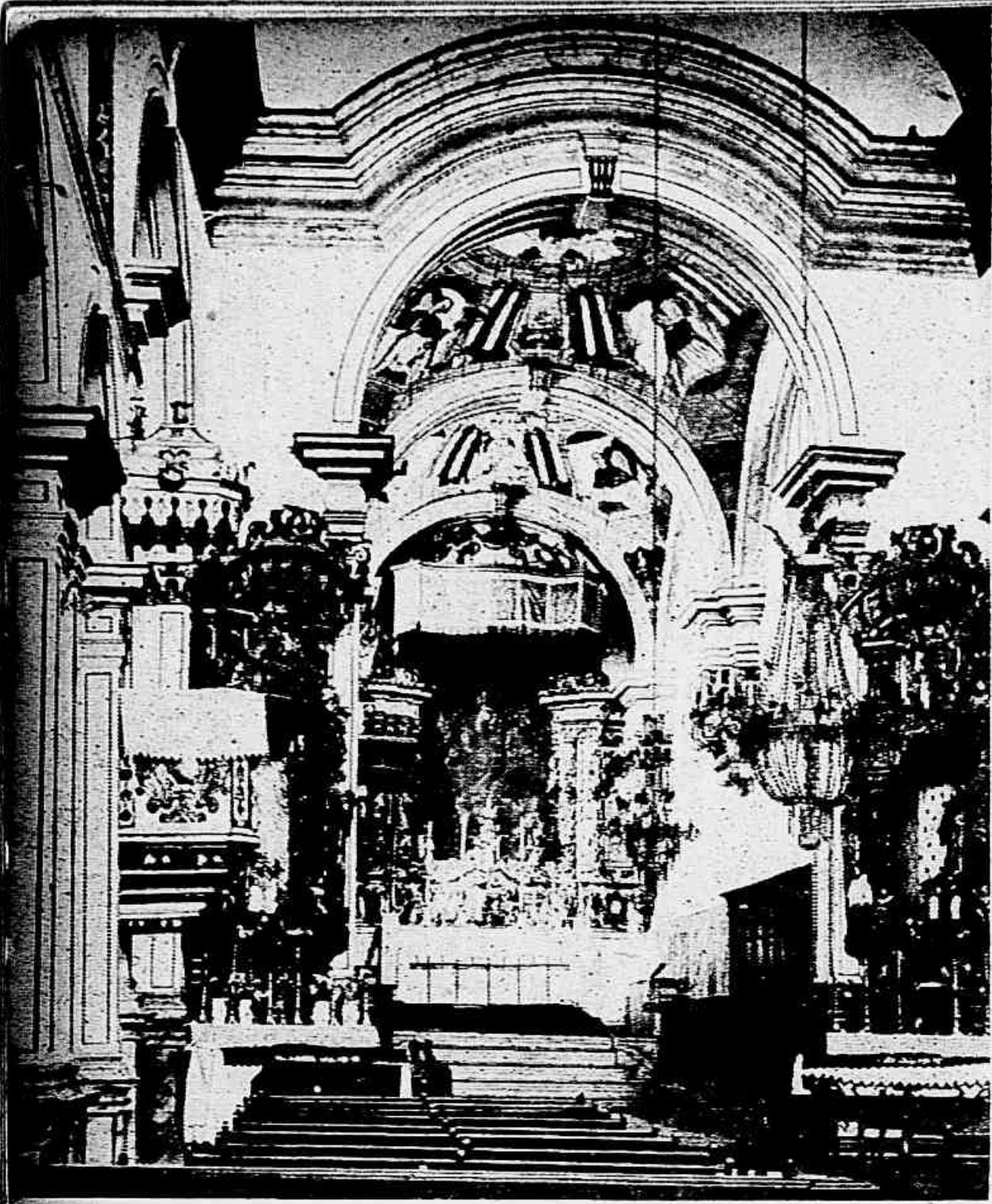
Porta da igreja de São Francisco de Assis, de Mariana. Magnífico trabalho de talha de um artezão do século dezoito. Notem os maravilhosos alto-relevos em pedrasabão, trabalhados no alto do pórtico. Os portais são feitos também desta pedra, que alias era o material mais apreciado pelos artistas da época, para suas obras esculturais. Esta igreja é um dos monumentos religiosos mais antigos do Brasil, datando a sua construção de 1763. Está situada em frente à igreja do Carmo, outro maravilhoso templo de Mariana. As igrejas da velha cidade mineira, embora não sejam tão conhecidas como as de Ouro Preto nem se lhes igualem em riqueza, são entretanto outros maravilhosos relicários de arte religiosa.



Uma rua de Mariana. Hoje, a velha urbs gloriosa e pobre não é mais que uma cidade morta. Nas suas ladeiras não transitam as multidões de mercadores e fazendeiros, que vinham de fora em grandes caravanas animar o comércio da cidade. As tropas de burros carregados de mercadorias em trânsito já não animam as vias públicas com o seu barulho característico. Apenas um ou outro transeunte, um menino que vai à venda fazer compras, uma senhora que sai de uma igreja, põem uma nota de vida nas ruas desertas. Mas quando a Semana Santa se aproxima, os viajantes chegam a Mariana em piedosa peregrinação. Os templos se enchem de fiéis, as matracas convidam os homens à oração, a cidade é toda uma prece de perdão ao Rei dos Reis.

Um aspecto característico da velha cidade mineira. Num apanhado feliz, o fotógrafo conseguiu esta chapa. A cidade modernizou-se. As luzes elétricas substituíram os antigos lampeões de querosene, que um velho empregado municipal vinha acender todas as tardes. A figura romântica do acendedor desapareceu, o dínamo tomou o lugar das mechas. Mas ainda hoje Mariana vive de seu passado e de suas tradições de religiosidade e de glória. Em frente ao poste de iluminação erguem-se, desafiando a ação das intempéries e dos anos, as torres de uma igreja, um magnífico exemplar da arte dos arquitetos mineiros do século dezoito.





O interior da igreja da Sé, de Mariana, é outra magnífica criação da arte religiosa dos mineiros. A nave, o altar-mor, todos os detalhes nos oferecem uma visão maravilhosa de um senso artístico verdadeiramente superior. Cada risco revela a fina sensibilidade dos arquitetos e dos escultores, cada dourado faz lembrar as obras de Miguel Ângelo. Neste ambiente de solene magnificência, a alma se eleva a Deus e os pensamentos piedosos se apossam da mente do fiel, que se entrega todo à mística e doce paz da oração.

virgens, os motores devoraram as distâncias.

Os velhos habitantes de Mariana foram deixando a urbs em busca de centros mais adiantados.

A cidade morta lá ficou, entregue ao seu silêncio respeitoso, diante das igrejas seculares, cujos sinos marcam no fim de cada tarde o começo de uma oração piedosa.

Mas todos os anos, mal se aproxima a Semana Santa, os homens sentem a necessidade de aproximar-se de Cristo, e buscar na sua paixão um lenitivo para as próprias dores. E é a Mariana ou a Ouro Preto que se dirigem as caravanas de crentes, buscando a paz dos templos amplos, onde os florões de ouro dão às naves altas uma solenidade mística, que põe na alma uma melancolia piedosa, levando os homens à proximidade de Deus.

E nas procissões que saem à rua transparece inteiro, é claro,

o ânimo da população católica da cidade, que está toda presente aos atos religiosos. As matracas enchem a cidade com o seu ruído estranho e fúnebre, lembrando aos homens a verdade da ressurreição e a transitoriedade da vida terrena.

Os préstitos piedosos se estendem pelas ruas, os archotes lançam suas luzes solenes sobre as lajes das calçadas antiquíssimas.

Mariana é toda uma prece fervorosa, um rôgo de perdão a Jesus crucificado, um hino de louvor a Cristo redivivo.

E mal badalam os sinos anunciando a Aleluia, enche-se a urbs gloriosa e pobre de hinos de glória e preces de alegria, desabafos da alma religiosa da pequena cidade, que vive na Páscoa os seus dias mais belos e poéticos.

Assim é Mariana. A cidade que aproxima os homens de Deus e lhes põe a alma diante do mistério da eternidade.



Há muitas igrejas em Mariana. Delas, porém, as mais caracteristicamente coloniais são as duas que se vêem na gravura acima e que estão situadas numa das principais praças da cidade. São elas as igrejas de São Francisco de Assis, à esquerda, e do Carmo, à direita. Durante as solenidades da Semana Santa são rezados nestes templos grandes ofícios, a que assiste grande massa popular, vinda de todos os recantos do Estado e de cidades distantes.

O detective ía calmamente descendo a rua, absorto, quando...

TUDO começou com um amor impossível. Não um amor impossível dêsses que provocam suicídios românticos. Os dessa espécie são, de certo modo, menos trágicos do que a história do detective Robin. Seu amor não era correspondido; mais ele nem tinha sido apresentado ao objeto de sua devoção. E quem é mais digno de piedade: o que morre, depois de beijar os lábios da sua amada, ou o que vive sem que ela tenha notícia da sua existência?

Entretanto, se a história do detective tivesse terminado nesse ponto, êste conto não existiria, porque é uma história policial e as histórias policiais tratam de crimes, e até agora nenhum crime foi cometido. Compreendendo a natural impaciência do leitor que há de bocejar enquanto o autor se derramar em considerações sobre os infelizes amores do detective, vamos à história.

Era uma linda manhã. Linda basta. Se o leitor preferir uma manhã de sol, era de sol, se gostar mais de uma manhã chuvosa, que seja uma manhã de chuva, pois gostos não se discutem e saibam que falo por amarga experiência própria.

Era portanto, para todos os efeitos, uma manhã. E Robin ia descendo uma rua movimentada. Nada poderia fazê-lo emergir das cogitações profundas em que estava mergulhado. Isto é: havia uma única exceção e foi, justamente, essa bendita exceção que veio ao seu encontro.

Robin olhou para o céu e suspirou. Tinha, positivamente, o ar aparvalhado de todos os amorosos. Pensava em sua amada. Havia dias em que cruzava com ela na rua. Outras vezes fugia ao avistá-la, tímido e receioso. Pobre Robin!

De repente, porém, quando pensava nela, viu-a surgir à sua frente. Ficou, um momento, estupefato. Que fazia ela naquela rua? Afinal de contas, deveria conhecer bem o seu programa... Havia meses que ele a seguia, tôdas as manhãs, quando ela ia para o trabalho e a acompanhava quando ela voltava para casa à tarde. Era jornalista, disse ele sabia. E mais nada. Não. Minto: ele tinha avistado um canarinho dela na janela do apartamento em que ela residia. Era jornalista e gostava de passarinhos. Ora, se perguntassem ao detective Robin se isso era suficiente para justificar uma paixão como a sua, ele diria que não. Mas o cidadão Robin era de outra opinião. Em primeiro lugar, argumentaria ele, ela é bela como... como direi, leitor? Escolha uma comparação que lhe agrade e contente-se com as minhas reticências. Era linda.

Mas voltemos à súbita aparição dela na rua que não era seu hábito frequentar. Ia zangada: isso, pelo menos, era evidente. E, como o nosso herói não podia suportar que alguém zangasse sua amada, voltou-se para a loja donde ela saíra, com intenções em nada próprias de um detective no que concernia o provocador do desprazer de sua dama. Ei-lo que avança, impávido, e já se imagina o defensor galante de uma donzela ultrajada. Confessem que isso é belo! Sentimentos elevados. Afinal de contas, não é mau o nosso herói.

Mas vamos à história, porque mais alguns parágrafos de encontros e os leitores abandonarão o conto. Não façam isso, que é mesmo interessante. Imaginem que o nosso detective foi grudar o nariz à vitrine da loja e, dentro, discerniu dois cavalheiros em animada conversa. Um deles, baixo e calvo, tinha a aparência de um detective e o outro, alto e

bem vestido, era, sem dúvida, o dono da loja. Essas as deduções do nosso herói. Pensam que estão certas? Pois não estão. Está tudo errado: era justamente o contrário. Mas não antecipemos.

Robin avançou e entrou na loja. Que ocorrera? Apresentou-se logo como detective Robin da Scotland Yard de Londres e o detective — o alto e bem vestido, apertou-lhe a mão, cordialmente.

— Bem-vindo aos Estados Unidos, inspetor.

Robin agradeceu a saudação amável com um cumprimento ao solo de Tio Sam que pisavam.

O tenente Rigby, da polícia de Nova York, convidou seu colega inglês para auxiliá-lo na investigação, e como o caso, ao que parecia, ia envolver a bela jornalista, Robin não se recusou.

— Conhece o cálice Addonbury?

Robin exultou. Tinha uma oportunidade de provar sua erudição.

— Foi encontrado em Addonbury em 1537. Roubado no século XIX, foi encontrado mais tarde e comprado por um milionário americano. Diz-se que foi usado na Última Ceia. Por isso, se bem que seu valor intrínseco seja pequeno, os colecionadores pagariam uma fortuna para obtê-lo.

— Muito bem, inspetor, disse Rigby. E' exatamente isso, mas, ao que parece, o desaparecimento é a sina dêsse cálice. Desapareceu novamente.

— O que?

— Isso mesmo.

Rigby fez uma pausa.

— Deixe-me apresentá-lo aqui ao dono dessa loja.

— Muito prazer, inspetor Robin. Edgar Wallace, às suas ordens.

— Muito prazer.

Rigby virou-se para Wallace.

— Sr. Wallace, podia ter a bondade de repetir os fatos aqui para o nosso amigo?

— Pois não. Adquiri, recentemente, êsse cálice com a intenção de vendê-lo em leilão. O leilão estava marcado para hoje...

— ...E, pela manhã, interrompeu Rigby.

— ...O cálice desapareceu, completou o infeliz proprietário.

— Mas, vamos com ordem, disse o detective. Em primeiro lugar os fatos. Hoje, pela manhã, o cálice estava aqui. Uma jovem jornalista pediu permissão para vê-lo e obteve-a. Um dos empregados do sr. Wallace trouxe-a até aqui.

Dizendo isso, Rigby mostrou um cubículo separado da loja por uma porta que até à metade era de madeira, sendo que a parte superior era de vidro, e, dêste modo, quem estivesse na loja, do lado de fora, podia ver perfeitamente o que se passava dentro do cubículo.

— Foi aqui dentro que se deu o roubo, explicou Rigby. O cálice estava na prateleira superior dêste armário que, como vê, está cheio de cálices. A jornalista entrou com o empregado, observada pelo sr. Wallace. Pediu para ver o cálice de perto. O sr. Loring, o empregado, imediatamente, tirou do bolso uma chave, abriu o armário e entregou-lhe o cálice. Ela examinou-o detidamente e, em seguida, entregou-o ao sr. Loring que, à vista do sr. Wallace, tornou a colocá-lo no seu lugar. Dessa maneira é impossível que o cálice tenha sido roubado pelo sr. Loring ou pela jornalista. Ora, cinco minutos mais tarde, quando a jornalista já se retirara e o sr. Loring fôra para

um canto da loja, onde mantivera palestra com um dos outros empregados, o sr. Wallace, que não perdera de vista o cubículo, resolveu certificar-se de uma minúcia do cálice. Foi procurá-lo. Desaparecera.

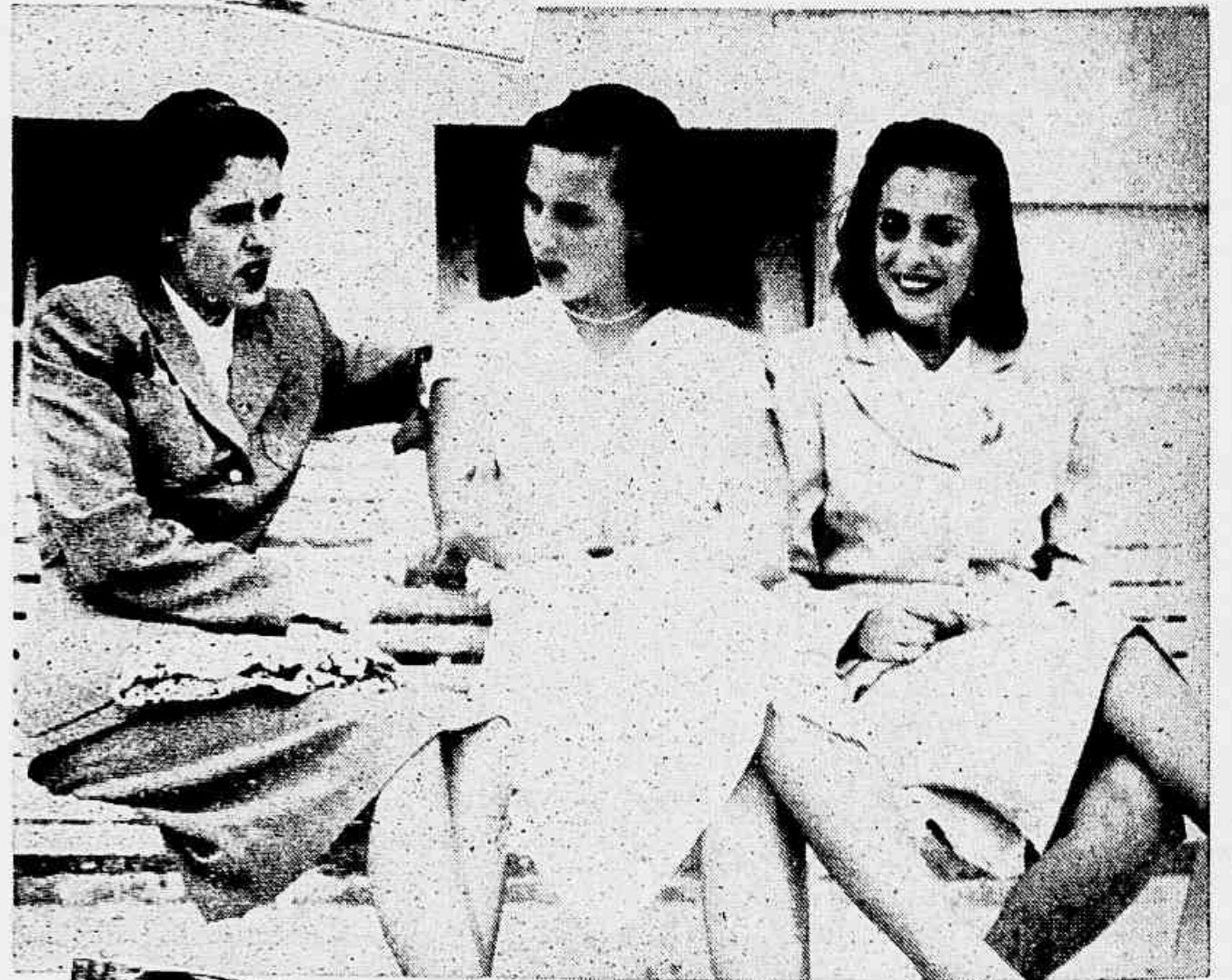
Explicada a situação, Robin achou-se na obrigação de dizer alguma coisa iluminante. Que diria? Lembrou-se, de repente, de Sherlock Holmes... Lera, avidamente, tôdas as obras do mestre dos detectives, tentando absorver o maior número possível de ensinamen-

(Continua na página 54)

VER PARA CRER **Novela de**
RUSSEL S. HUGHES



Mais um "meeting" turfístico, que alcançou grande sucesso, realizou-se domingo último no Hipódromo da Gávea. As elegantes frequentadoras do Jockey Club, enquanto faziam o "footing" pela "pelouse", foram surpreendidas pelo nosso fotógrafo, que ali colheu os flagrantes que ilustram esta página.



JOCKEY CLUB MUNDANO

A GUERRA EM MARCHA

Durante a semana última novas vitórias se assinalaram para os exércitos das Nações Unidas, em tôdas as frentes e em todos os setores.

A ofensiva geral das forças aliadas do oeste já se define nitidamente e toma, de hora para hora, um caráter mais violento. Generalizou-se o avanço de todos os exércitos americanos, ingleses e franceses daquele "front", que já se encontram hoje combatendo em pleno coração do Rhur e nas planícies da Renânia. Uma vez transposto o Reno em uma larga extensão, as forças motorizadas do general Patton avançaram decididamente para o centro das fortificações de Wehrmacht, desmoronando completamente o grande sistema defensivo do Reich ocidental. A princípio julgou-se que a ofensiva fôsse ainda um movimento isolado, um assalto dirigido contra um conjunto de posições ocupadas pela infantaria de Hitler.

O desenrolar dos acontecimentos posteriores nos revelou entretanto, o franco desenvolvimento de uma ofensiva geral, longamente planejada e executada para levar os soldados da frente oriental ao centro da Prússia. Agora a ofensiva assume outro aspecto mais sério, pois as notícias

mais recentes nos dão conta da tomada de Ludwigshaven e de Mannheim, o que vem pôr em perigo a defesas externas de Berlim, que agora já estão diretamente ameaçadas também pelas forças do ocidente.

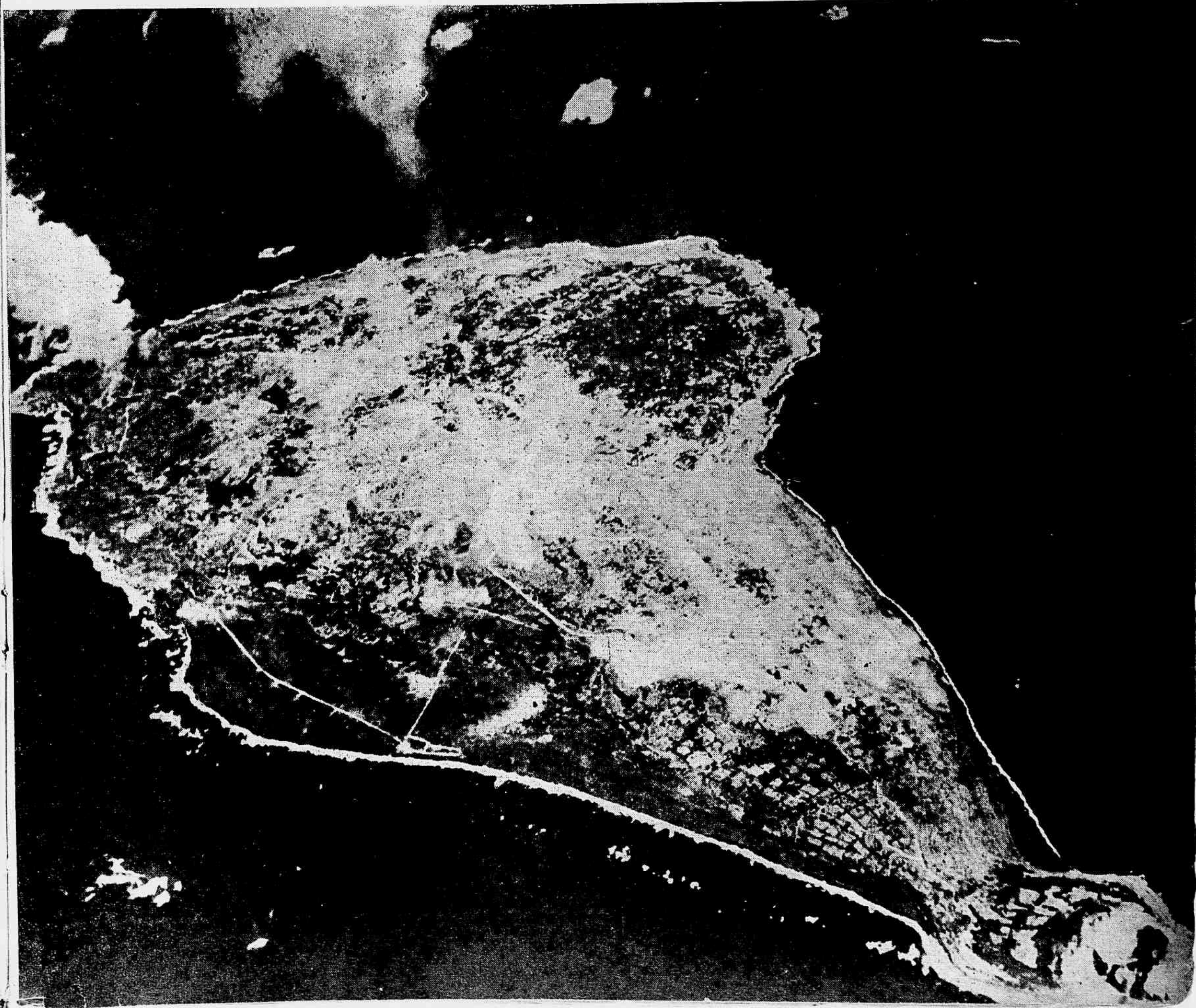
Aos pessimistas se apresentou agora uma nova surpresa: a ofensiva lançada na frente ocidental tem como objetivo imediato a cidade de Berlim.

Enquanto isso sucede na frente ocidental, na Itália a situação dos exércitos em luta permanece estacionária. Neste final de inverno, ainda sob os rigores da estação fria, os soldados americanos, brasileiros e indus conseguem vencer as condições climáticas adversas, conquistando o terreno ao inimigo, palmo a palmo, a custo de sacrifício e de bravura.

As últimas ações importantes entretanto verificadas no "front" italiano foram a conquista de Monte Castello e de Castelnuovo, batelhas nas quais os brasileiros deixaram assinaladas a sangue e fogo as suas virtudes de soldados.

UM "MOSAICO" DE IWO-JIMA. — Flagrante aéreo de Iwo-Jima, ilha do grupo das Bonin, onde se desenrolaram ferozes combates, que terminaram pelo extermínio completo das forças japonesas dessa importante posição insular, hoje totalmente dominada pelas tropas "yankees". Essa ilha constituía a mais importante fortificação nipônica das até agora assaltadas pelas forças de desembarque dos Estados Unidos.

LOCALIZANDO POSIÇÕES INIMIGAS. — O capitão Eneas Nogueira, do Rio de Janeiro, examina uma fotografia aérea demonstrativa de posições inimigas, e dita informes ao cabo José Teixeira, de Cristina, Minas Gerais, num posto de observação, na frente italiana.





A GUERRA NA NEVE. — Os rigores do inverno têm se feito sentir intensamente na frente ocidental, onde os exércitos anglo norte-americanos avançam através dos campos cobertos de neve rumo a Berlim. A foto acima mostra um artilheiro do exército estadunidense retirando de sob a neve obuses de 8 polegadas, que alimentam a grande peça de artilharia que se vê ao fundo. Em breve o obuseiro entrará em ação contra as linhas alemãs. A cena foi fotografada em alguma parte do território belga.



A ARTE LEVANTA O MORAL. — A pintura faz parte da orientação do tratamento que vem sendo dispensado aos convalescentes no Hospital "La Garde", de New Orleães, U. S. A. Aqui vemos o soldado Cristovam Sobrinho, de Belo Horizonte, pintando um quadro com motivos bem brasileiros. O trabalho é assistido pelo sargento Humberto F. Monteiro, do Corpo Médico (Rio de Janeiro), enfermeira La Reine Gladden, de New Orleães, soldado José E. Souza, de Bela Vista, Mato Grosso, e sargento enfermeiro Alfredo Ribeiro.

Após a tomada de Castelnuovo recaliu sobre a frente o fantasma da guerra de posição, que faz de cada trincheira uma fortaleza e de cada soldado uma cidadela. E a ação bélica passa então a ser um privilégio quase exclusivo da artilharia, que procura, de lado a lado, pulverizar as posições inimigas para preparar a próxima ofensiva.

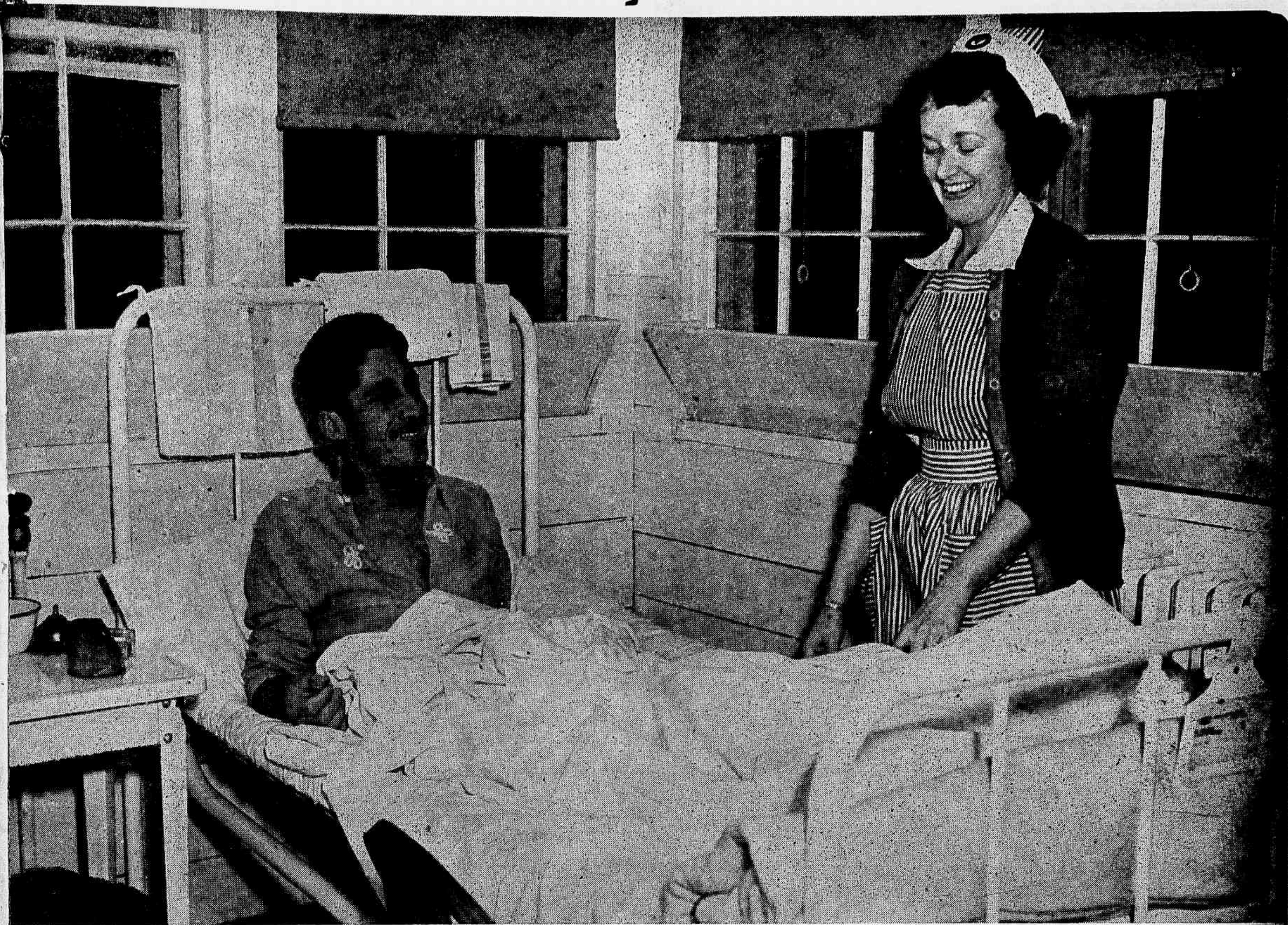
Os últimos acontecimentos na frente do Pacífico levam a acreditar que, também para o Japão, a guerra está chegando ao fim. Mandalay foi totalmente ocupada pelas tropas chinesas e anglo-indus. Tóquio sofreu nove bombardeios, e Osaka teve o seu centro industrial praticamente destruído.

Mas a mais tremenda derrota dos últimos tempos sofreu-a o Japão com o ataque aero-naval às suas próprias bases metropolitanas, do qual resultara a perda de quinze a dezesseis belonaves, sete navios mercantes e quatrocentos e setenta aviões de combate e bombardeio.

Do outro lado de Berlim, enquanto as tropas de Patton se avizinham pelo oeste, chegam os exércitos soviéticos a cerca de quarenta milhas do centro da cidade. A situação faz crer que nem um esforço sobreumano poderá retardar por um período muito superior a um mês a captura da capital alemã. E pode-se prever para breve a entrada triunfal dos exércitos libertadores de Eisenhower e de Vassilevsky na capital nazista. Vê-se que não são prematuros os cartazes afixados pelos americanos nas cristas de fogo de suas trincheiras, como um aviso irônico aos alemães: "Sede bem-vindo, Ivan!".

EM ALGUM LUGAR DA ITALIA. — Tropas de artilharia brasileiras descarregam munições para um canhão de 105 mm. É notável a eficiência da boa disposição dos serviços de abastecimento, que permite a rápida entrega de munições apesar da aspereza do inverno.

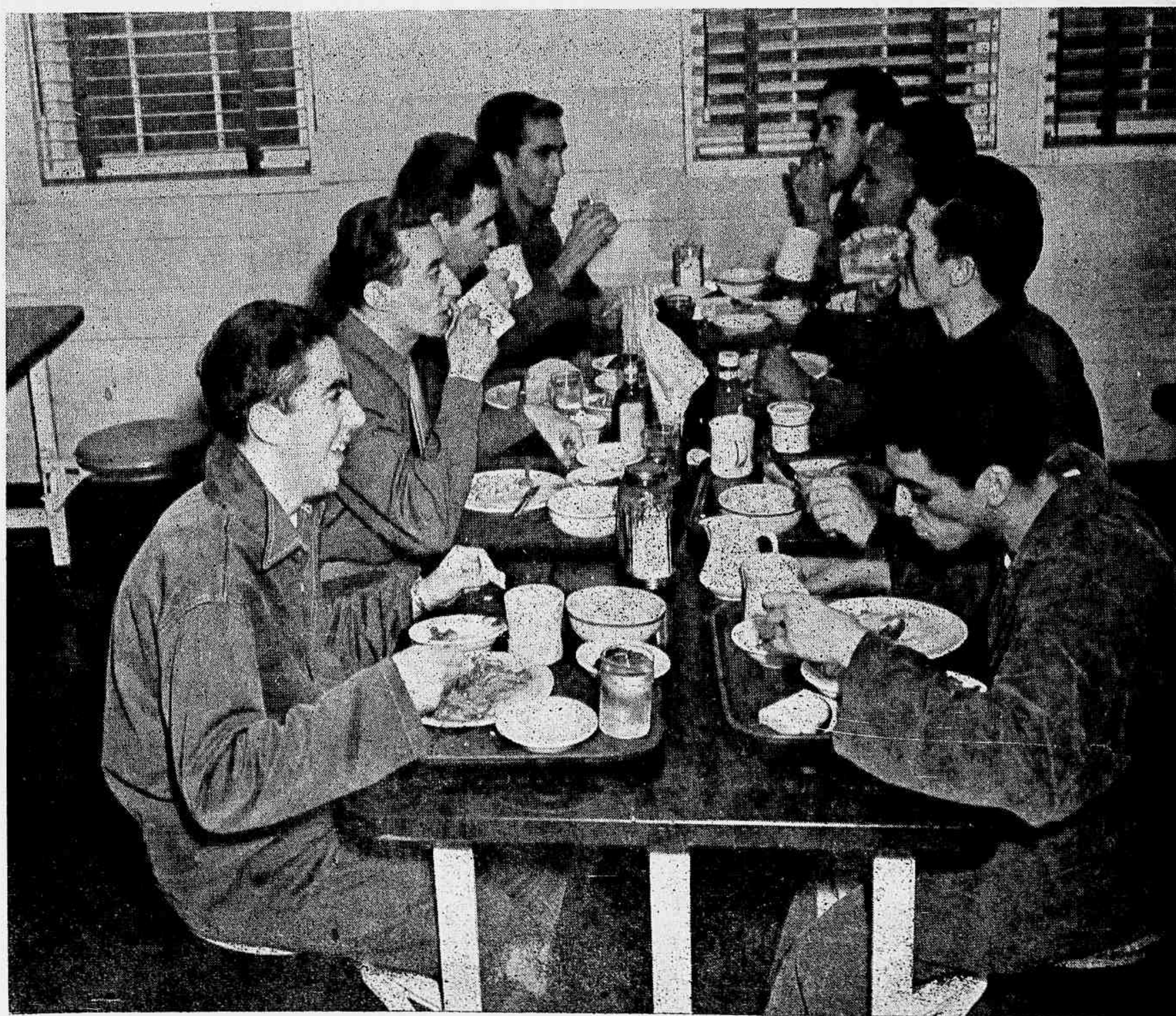




FERIDO MAS CONFIANTE — Um dos soldados brasileiros feridos no "front" da Itália, que se encontram presentemente internados no Hospital "La Garde", de New Orleães, U. S. A. Apesar dos ferimentos recebidos, este membro da F. E. B. se mostra confiante.

(Fotos do SERVIÇO DE INFORMAÇÕES DO HEMISFÉRIO)

A HORA DA "BOIA" — Feridos brasileiros em convalescença, internados no Hospital "La Garde", New Orleães. Este flagrante foi tomado no refeitório, à hora em que os feridos almoçavam. Ali eles seguem a dieta adequada ao seu estado de saúde, alimentando-se cientificamente.



Rompia a manhã, avistando-se, em grande extensão, as fragas musgosas dos alcantis solapados da ambição mineira.

Perto, nas lages externas de vasto e belo sobrado, simples mas soberba cena fazia meditar sobre a forte crença da humanidade.

Uma doce velhinha, cujo capricho nas madeixas, inteiramente de neve, deixava perceber hábitos da antiga nobreza, sorrindo-se espargia ramos pelo chão.

Sucediam-se as cestas dos galhos de gerânio, conduzidas de mucamas, que apareciam e desapareciam por um portãozinho ferrado.

Bem pronunciado, o delicioso olor matutino das folhas orvalhadas, em se evaporando, impregnava o ambiente em que mão piedosa diligenciava por uma alvorada florida.

A breve trecho, um tapete de folhagem cobria a via pública.

Outras cestas, agora com perfumadas rosas e dalias de matizes vários, começavam de substituir as primeiras.

Só a inteligência feminina, apurada no trato de fina sociedade, conseguia arranjá-las com a encantadora distribuição que logo passaram a apresentar sobre o relvado verdegaio.

Esse costume, que, decerto, vinha de longe, tradição de família e tradição do lugar, quanto de beleza encerrava na sua imensa significação!

Por aí não tardaria em passar a imponente Procissão da Eucaristia, o corpo e sangue do Redentor.

Quisera a fidalga senhora que a Vitória da Igreja pisasse num solo assim vestido com as flôres do jardim e com as flôres dalma.

Os olhos enlevados do increu se alongaram depois pelas luxuosas colgaduras dependuradas das sacadas, exibindo claridades de fantasia ao sol que apontava.

E a mesma demonstração de espírito altamente católico, de fidelidade ao Senhor do Universo se repetia de porta em porta do comprido caminho que o cortejo sempre percorria.

Apareceu, enfim, o pomposo préstito.

A pequena distância, vozes argentinas anulavam o rumor surdo.

Perdidas não haviam de ser, nem para os homens nem para a terra, as súplicas filiais, acompanhadas de música abemolada, que se evolavam de tantas bocas e de tantos corações, impressionadora harmonia coral a irmanar pequenos e grandes, pobres e ricos, camponeses e garimpeiros, artistas e doutores da vetusta Vila Rica, sobre quem Cristo vencia... sobre quem Cristo reinava... sobre quem Cristo imperava... e a quem Cristo defendia...

Era na verdade consolador assistir àquela apoteose da Religião, que permitia a todos sentir o poder da Fé, que espera e confia numa paz e num renascimento.

Nessa exaltação das maravilhas do Cristianismo, exemplos de melhores eras estava a dar a ilustre e feliz cidade de Ouro Preto.

CAMERINO DE AZEVEDO

OURO PRETO

A madrugada andava em muito.

Entremostravam-se os algodamentos de vapores condensados, flutuando na corôa das montanhas.

Na paisagem ainda com restos de sombras da noite, luzes intensas, coadas através dos vidros das janelas claustrais, marcavam a mole da Matriz do Pilar.

Uníssonas, ecoando por todos os recantos do núcleo descaído, e então adormecido, as vibrações festivas dos sinos exortavam os fiéis à oração matinal, de alegria pela Ressurreição do Senhor.

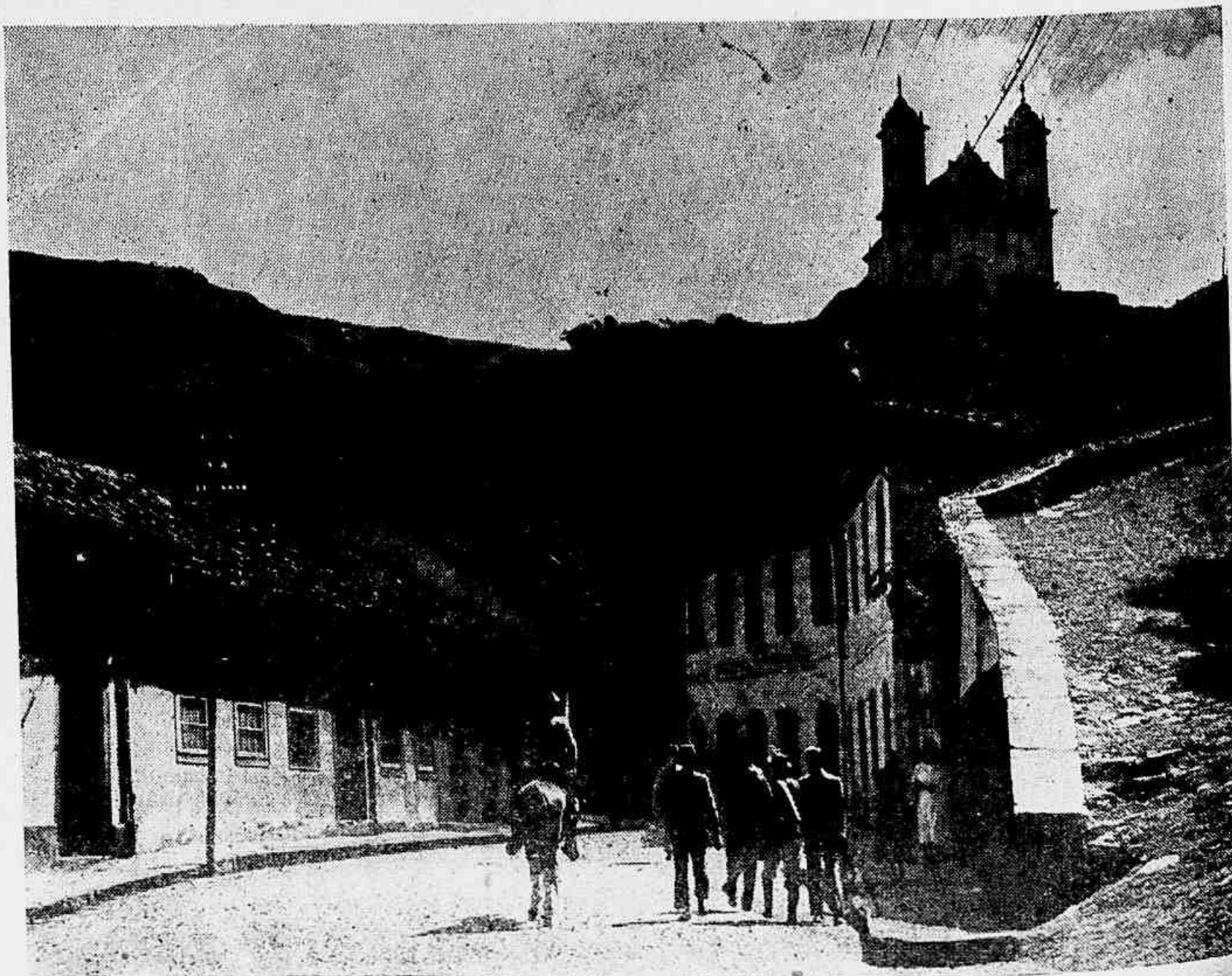
Ao longo das vielas tristes, ligeiros, retraindo-se da brisa fria da alva, vultos metidos em capas procuravam o Templo.

De inúmeros corações, ao céu iam subir, no meio dos cânticos suaves de Aleluia, uma multidão de preces fervorosas por um mundo menos ruim.

Ao lado daquela gente de boa vontade, marchava também um increu.

Já no fim da rua de São José, onde um terreiro recebeu o nome de Largo da Alegria, fizera êle, antes de descer empinada ladeira, uma pausa, lançando a vista em torno.

Tudo silencioso.





Os tempos correram e Loureiro, Yantok e Storni se dedicaram a atividades estranhas à caricatura. Os dois últimos ainda desenhavam para jornais e revistas, e mesmo Zé Macaco e Cachimbown aparecem semanalmente. O pai de Chiquinho entretanto já não colabora mais na imprensa. E' por isso que eles raramente se encontram atualmente. A foto acima reproduz, pois, um flagrante raro. Os três veteranos das historietas infantis reunidos para a entrevista "coletiva" que concederam à REVISTA DA SEMANA.

TRES CARICATURISTAS DA VELHA GUARDA — STORNI — YANTOK — LOUREIRO —

OS PIONEIROS DAS HISTÓRIAS INFANTIS RECORDAM OS BONS TEMPOS E CONTAM ANEDOTAS DE SUA VIDA — BENJAMIN "SENTOU PRAÇA" — CHIQUINHO ERA INGLÊS NATO, MAS NATURALIZOU-SE BRASILEIRO — AS PÁGINAS DE ARMAR E O SEU SUCESSO — CACHIMBOWN, PIPOCA & CIA. — MAX YANTOK, O JUDEU ERRANTE DA ARTE — O PAI DE ZÉ MACACO FAZ SUA ENTRADA TRIUNFAL NO RIO — UM TERNO XADREZ E MUITAS ESPERANÇAS, CABEDAL DE UM ARTISTA — ENTREVISTA COLETIVA CONCEDIDA À "REVISTA DA SEMANA" PELOS TRÊS MOSQUETEIROS DA CARICATURA INFANTIL — ONDE APARECE RUY BARBOSA

Desde os tempos saudosos dos irmãos Grimm e de Anderson, que a literatura infantil vem constituindo uma séria preocupação dos homens cultos. Os contos para crianças têm sido, há muito tempo, difundidos através de edições sucessivas de livrinhos e folhetos, por tôdas as escolas e por todos os lares. Antes do aparecimento das coleções editoriais especializadas, já existia entretanto uma modalidade de difusão de histórias infantis, através das "contadeiras", que percorriam as fazendas e os banguês, levando à criança a alegria dos romances orais que tinham, contados por sua boca, um encanto todo próprio. Em torno à chama do lampeão, a garotada antiga ia apreendendo, através das histórias de "elá" Maria, todo um folk-lore engraçado e terrífico, cujas figuras lendárias acompanhava-

riam por tôda a vida a sua imaginação. Quando faltava a visita da "contadeira" à casa paterna, os meninos se deleitavam com a história de Carlos Magno e dos Doze Pares, que os mais velhos liam em voz alta.

Um dia, vindo da Inglaterra, chegou até nós o primeiro magazine infantil, apresentando histórias ilustradas em cores. Não apareciam ali os personagens de Grimm. Rolando não era aproveitado nos quadros das historietas. As figuras eram novas, contemporâneas, usavam roupas iguais às dos homens da época, falavam em linguagem compreensiva e usual. Ademais a revista aproveitava sempre em suas histórias as aventuras de um herói juvenil, mostrando-o como paradigma para lições de moral à criança daquele tempo.

A idéia fez sucesso em tôdas as lati-

tudes. E os povos de idioma diferente aproveitaram-na sem reservas. A França teve os seus periódicos infantis em grande quantidade. Depois foi a vez da Suíça. O Brasil não ficou atrás. Após tentativas frustradas, apareceu um semanário, "O Tico-Tico", que fez as delícias de muitas gerações. A revista era uma adaptação dos magazines estrangeiros do gênero, mas primava justamente pelo caráter nacional de suas idéias e de seus personagens, do tema e dos ambientes das historietas em quadrinhos.

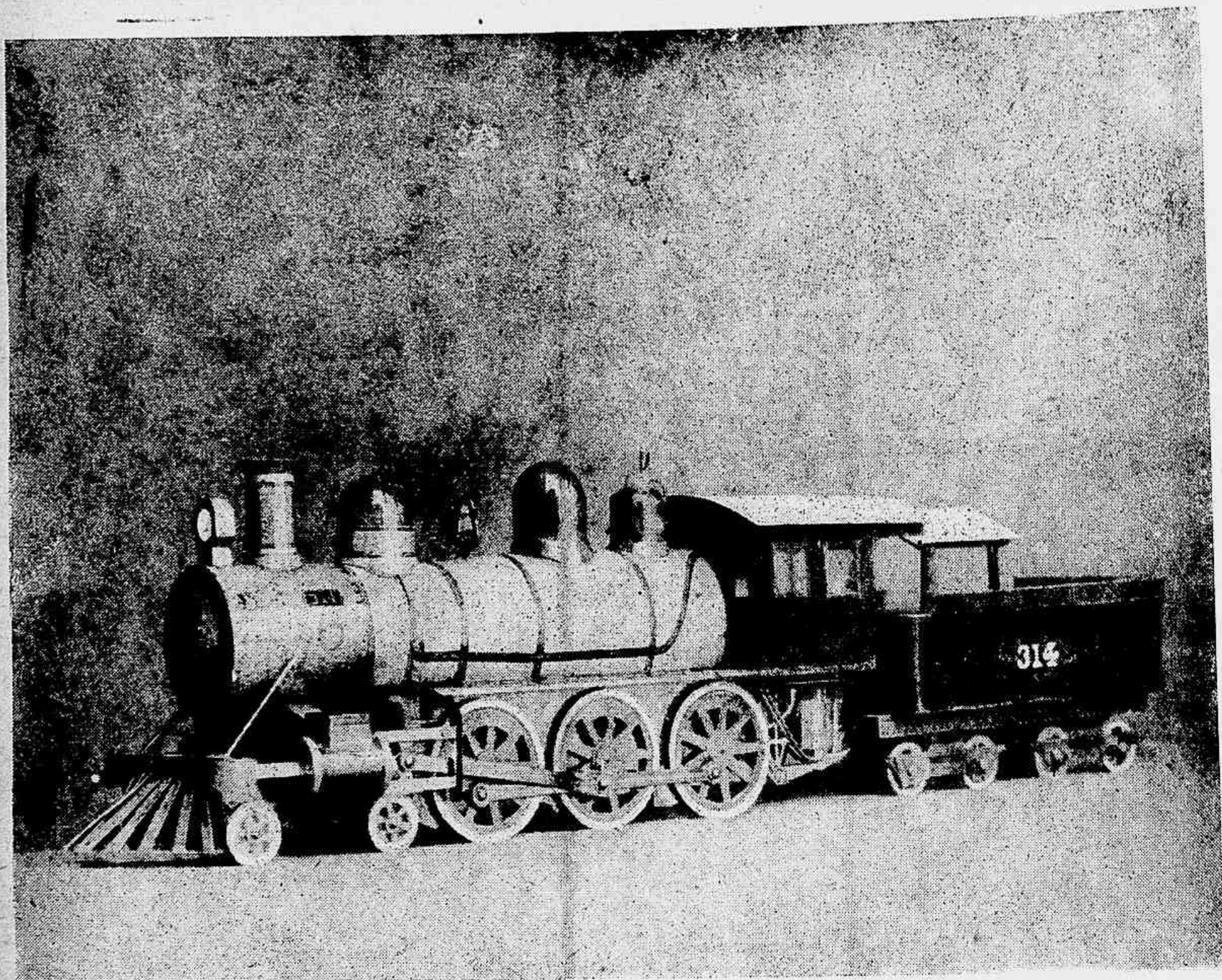
A história da literatura infantil brasileira marca um longo ciclo evolutivo, de Figueiredo Pimentel a Monteiro Lobato.

A imprensa periódica dedicada às crianças brasileiras nos apresenta, ao contrário, uma mudança brusca, do primeiro número de "O Tico-Tico" às atuais edições

das coletâneas de histórias americanas traduzidas para o nosso idioma, que os jornais especializados nos mostram em tricotomia.

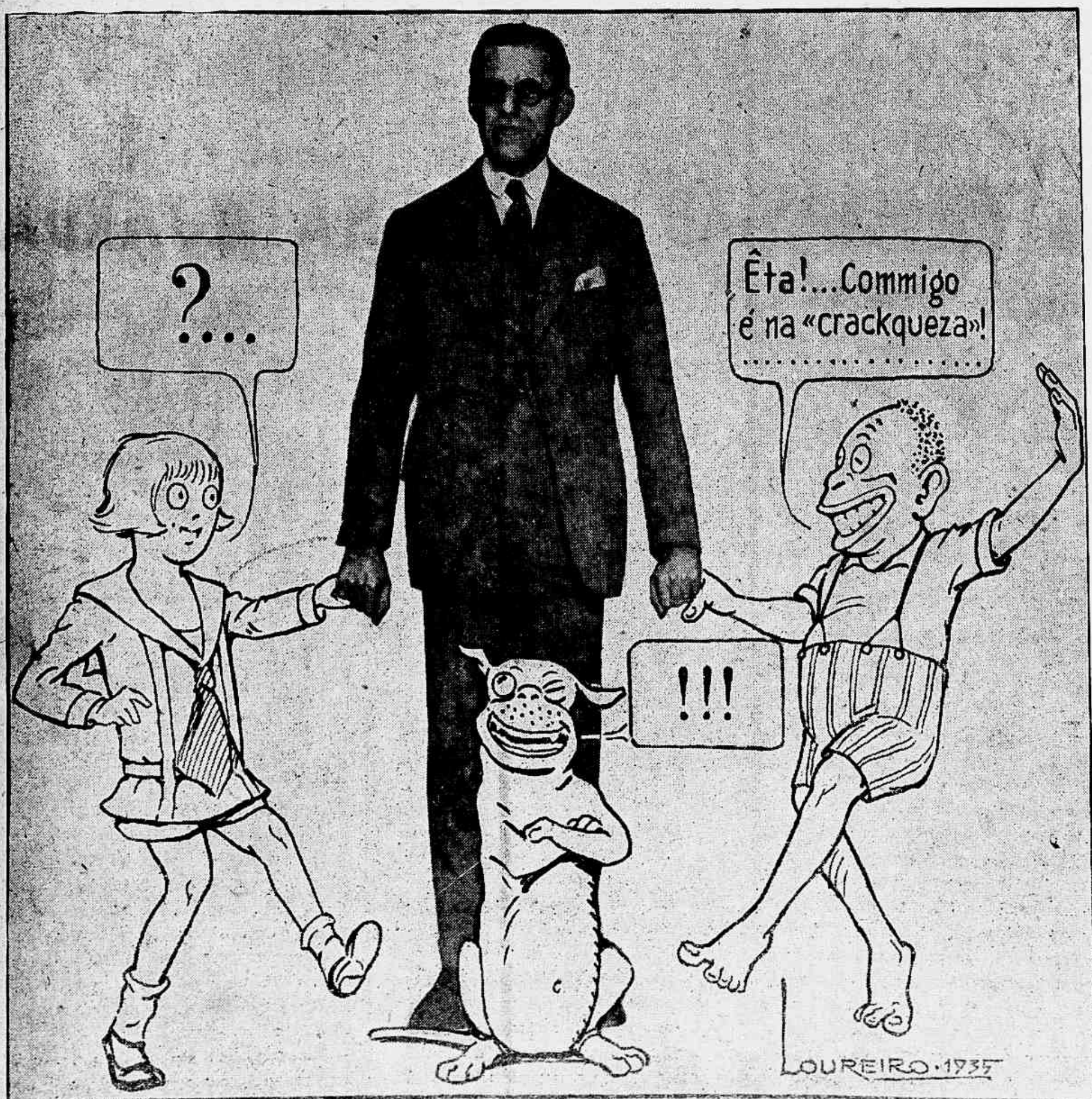
Os garotos contemporâneos, afeitos à leitura exclusiva dessas folhas, já não aprendem os problemas brasileiros, já não sabem quem foi Fernão Dias. Nenhum deles conhece um herói nacional; a sua admiração é toda dedicada aos heróis fantásticos das histórias irreais dos semanários americanizados. Standardizaram-se assim as inteligências jovens da nação, que pensam agora de acordo com os croquis traçados pelos sindicatos novaiorquinos de copyright e as agências de publicidade de Chicago.

Queremos aqui lembrar o perigo que algumas vezes representam para a formação intelectual das novas gerações essas



A primeira página de armar aparecida em "O Tico-Tico": a locomotiva "Chiquinho", que se tornou famosa. Muitos homens de barbas na cara dedicaram-se pacientemente à construção do brinquedo e, às vezes, eles próprios se enfureciam com a dificuldade apresentada pela confecção do trabalho. Mas, construída de acordo com as instruções, a máquina se apresentava perfeita.

Loureiro fez com que Maister Brown se naturalizasse brasileiro, mudando o seu nome para Chiquinho. O cão fiel do garoto inglês acompanhou-o na emigração. Depois o desenhista arranjou-lhe um companheiro de molecagens, o terrível Benjamin. Este desenho, feito em 1935 especialmente para a REVISTA DA SEMANA, nos mostra o caricaturista em companhia de seus bonecos.



histórias standards espalhadas pelo Brasil. Na América do Norte, um garoto que lê as aventuras do "Super-homem" encontra um antídoto para essa ficção venenosa na biografia de Lincoln para crianças, ou nas histórias de Washington e de Franklin. Mas no Brasil, não fôra as edições relativamente pequenas das histórias de Narizinho e Emilia, nada mais teríamos de aproveitável hoje, além de pouca coisa de bom que nos apresentam, raramente, as próprias histórias importadas. Aliás, estas últimas, em geral, aparecem apenas nos diários, em roda-pés dedicados às crianças maiores de vinte e cinco anos.

Há ainda algumas revistas infantis que exploram temas nacionais, numa vã tentativa de abasileirar as inteligências infantis. Acontece, porém, que tais publicações pecam pela má redação, pelas histórias fracas e sem interesse, pelo anacronismo das piadas, pela falta de arte das gravuras.

"ERAM BONS TEMPOS, AQUELES"...

Sucede, às vezes, que um antigo leitor das revistas infantis brasileiras compra uma dessas publicações, esperando encontrar ali o velho "Chiquinho" de roupa vermelha e o nobre vira-lata que atendia pelo nome "Jagunço". E quando encontram os novos personagens desengaçados e insípidos, criados pelos pseudo-artistas que as redações empregam por serem os mais baratos, as crianças de ontem comentam desiludidas: "Que saudade do Benjamin! Que saudade do Jujuba! Aquilo, sim, era bom! Eram bons tempos, aqueles"...

E' a esses homens de hoje, pais e tios dos garotos que riem das aventuras do "Gaúcho e seu Cavalo" e que batem palmas ao "Fantasma Voador", a esses homens que acompanharam de perto, desde o seu início, a sorte e os azares de Chiquinho e Cachimbown, de Zé Macaco e Baratinha, que dedicamos esta reportagem. Nela desfilam os pais dos mais antigos personagens das histórias infantis brasileiras. Estas páginas mais não são que um registro de saudade, oferecido aos nossos irmãos mais velhos, através de uma conversa com os pioneiros das histórias em quadrinhos — Loureiro, Yantok e Storni.

Todos eles, relembrando a época em que faziam a delícia dos garotos de todo o Brasil, repetirão em côro a frase de seus antigos leitores: "Eram bons tempos, aqueles"...

CONVERSA COM O PAI DE BENJAMIN

O primeiro a ser procurado pela nossa reportagem foi o desenhista Loureiro, antigo autor das histórias de "Chiquinho, Benjamin e Jagunço", que apareciam sempre na última capa externa de "O Tico-Tico".

Foi com saudade que o nosso entrevistado se lembrou das mais interessantes passagens daqueles tempos distantes. O grande sucesso de suas histórias infantis começou justamente em 1918, quando terminava na Europa o drama sangrento da Grande Guerra.

Quisemos, de início, saber a opinião do artista sobre a atual imprensa infantil do país.

E ele nos responde:

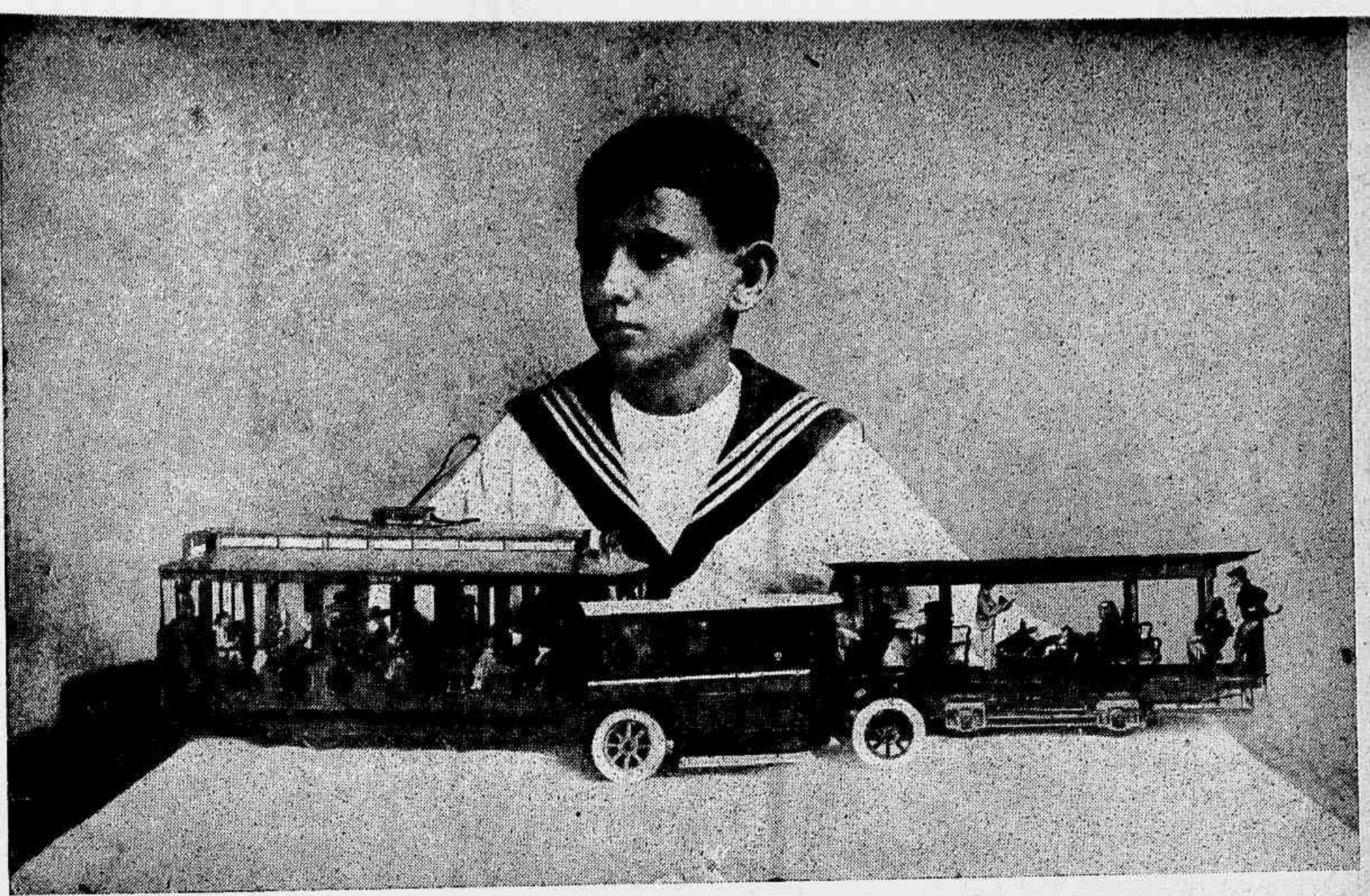
— Há atualmente apenas a realidade das histórias americanas, importadas através de grandes organizações comerciais, que mais não visam que o lucro direto. E essas histórias, muitas vezes, têm um

fundo nocivo, ao contrário do que deveriam realmente ter. Quando as histórias da última página de "O Tico-Tico" estavam sob minha responsabilidade, procurava, tanto quanto possível, dar-lhes um cunho instrutivo e educativo, encaixando-lhes, discretamente, alguns conceitos de moral. E, a julgar pelas cartas de leitores que me chegavam às mãos, o meu intento logrou êxito.

Vejam por exemplo — continua Luiz Gomes Loureiro — a história de Chiquinho aparecida em 1918.

E o desenhista mostra-nos uma capa de "O Tico-Tico", onde aparecem os seus heróis aprendendo com o "Papai" alguma coisa em torno dos "almofadinhas", arcaísmo que, em boa linguagem da gíria atual, se traduz por "gráfico" ou "bacano". Na história, o autor revela aos meninos do Brasil a ação nefasta da ociosidade dos rapazes da cidade, em contraste com a miséria do Jeca Tatú.

A historietta era uma boa lição de verdadeira brasilidade, escrita em estilo e linguagem acessíveis, graciosa e amena, assimilável por qualquer criança, sem o

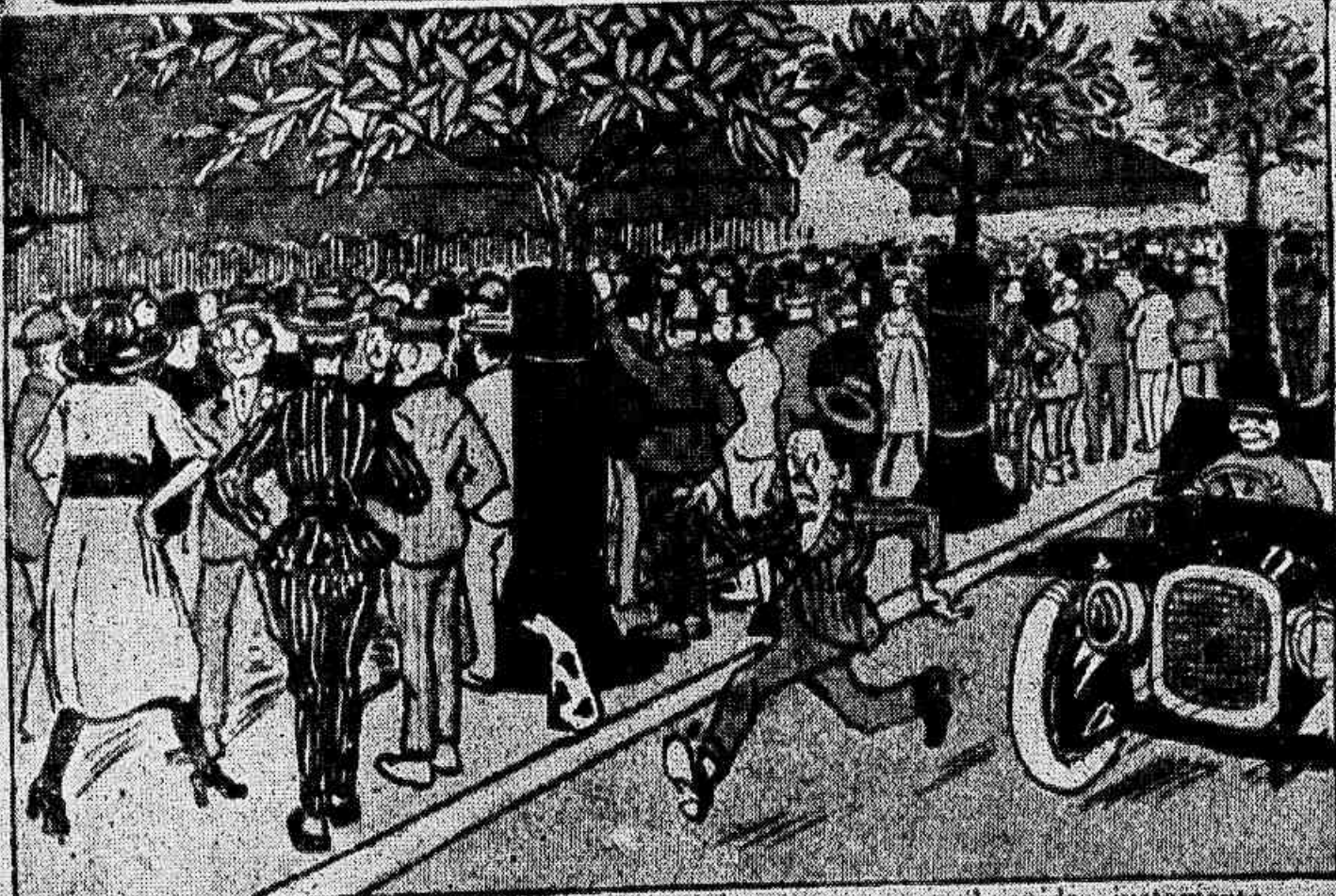


Esta foto foi enviada ao criador das páginas de armar por um de seus pequenos "fans". Nela o garoto aparece cercado por brinquedos por ele próprio construídos, de acordo com os planos do desenhista. Hoje este menino deve ser pai ou tio de garotos que se deleitam na leitura de "Zé Mulambo" e "Bil Farner". Esta gravura é um dos "souvenirs" que Loureiro guarda com mais carinho.

Capa externa de "O Tico-Tico", aparecida em 1918, apresentando as aventuras de Chiquinho. O autor aproveitava o espaço para dar lições de moral à garotada da época. Chiquinho parece que se arrepiou com a "falta do que fazer" dos almofadinhas, que o Papai pôs em confronto com as misérias do Jeca Tatú, através de uma longa explicação, a que Andy Hardy chamaria "conversa de homem para homem". Chegando em casa, o herói contou a história a Benjamin e Jagunço, que também muito se preocuparam com a triste situação do país.

As Aventuras do Chiquinho

Papai dá lições de moral



Chegados à cidade, Papai e Chiquinho apearam na Avenida, justamente à hora em que ela se torna quase intransitável. E Papai, passando em revista aquela multidão que ali se aglomerava, desocupada e inútil, mostrou a Chiquinho o grande mal que representa semelhante vadiagem em nosso país, que tanto precisa de quem trabalhe e seja útil.



E ali também na Avenida que se encontram os moços chamados fadinhas. São criaturas que se perfumam, usam casacos de cintura, gastam dinheiro sem que se saiba de onde veio. Isto representa a pior parte da nossa juventude entregue à mais absoluta ociosidade, gente de cabeça ôca, sem idéas, sem princípios, sem um destino certo.



— Eis ali, meu filho, disse Papai — o que é o almofadinha. Chiquinho ficou arrepiado e prometeu, consigo mesmo, aconselhar a todas as crian-



Ninguém pode contestar quanto Chiquinho é patriota, e portanto o sentimento profundo que d'elle se apoderou ao ouvir esta pregação de



Uma das histórias do "Inventor Maluco", outro personagem interessantíssimo de Max Yantok. Todos os inventos deste Edison fracassado são mais ou menos no mesmo estilo. Aparelhos complicados para catar cafuné automaticamente, automóveis que não andam, máquinas de coar café com campainha de alarme, bicicletas de três rodas, etc. O aparelho acima foi inventado para utilização na defesa pessoal dos maridos. De sua eficiência ninguém poderá duvidar, em vista dos desenhos.

pêso da linguagem usada pelos autores de hoje.

No último quadro apareciam os três famosos bonecos, "Chiquinho, Benjamin e Jagunço", impressionados com a situação nacional.

A imagem dos personagens nos traz aos lábios uma pergunta:

— Os seus bonecos eram originais, ou simples adaptação de revistas estrangeiras?

O desenhista explica:

— Chiquinho e Jagunço eram decalques de um magazine inglês. O primeiro era a cópia do personagem "Maister Brown", o segundo era o seu cachorro, ambos criações de Bud Fischer Senior. As histórias, porém, eram todas baseadas em argumentos brasileiros. E eu procurava

dar-lhes sempre um cunho moral e patriótico. Para que elas se tornassem mais brasileiras, resolvi encaixar-lhes outro personagem típico.

CAPÍTULO INÉDITO NAS AVENTURAS DE CHIQUINHO: DE COMO BENJAMIN "SENTOU PRAÇA"

Loureiro continua a contar a história de suas histórias:

— O personagem a que me refiro foi o terrível Benjamin, o negrinho que tinha sempre os planos mais demolidores para as molecagens da turma. O trio fazia das suas. A princípio Chiquinho sempre se portava como uma espécie de Sancho Pança, temeroso de que as idéias de Benjamin dessem na clássica surra de escôva,

com que o "Papai" coroava sempre as suas aventuras. Mas tanto insistia Benjamin em seus planos terroristas, que Chiquinho perdia o bom senso e, acompanhados por Jagunço, eles faziam o diabo.

Nessa altura perguntamos ao artista:

— Benjamin foi apenas uma ficção, ou uma personagem inspirada em pessoa real?

— A figura do moleque não foi apenas inspirada numa pessoa viva. Foi, antes, decalcada de um pretinho, empregado em minha casa. A Inglaterra me dera o Chiquinho, na figura de Maister Brown. O Brasil me ofereceu Benjamin na pessoa de meu menino de recados. E isso foi motivo de muitos fatos pitorescos. Senão vejamos: um dia Benjamin, isto é o meu

empregado, se aproxima de mim e declara que está disposto a deixar o serviço. Inquirido sobre a causa da decisão, o moleque declara que estava ficando nervoso com a sua popularidade. Não podia ir à quitanda, à leiteria, à farmácia sem que os garotos da rua lhe gritassem: "Olha o Benjamin do Tico-Tico, pessoal!"

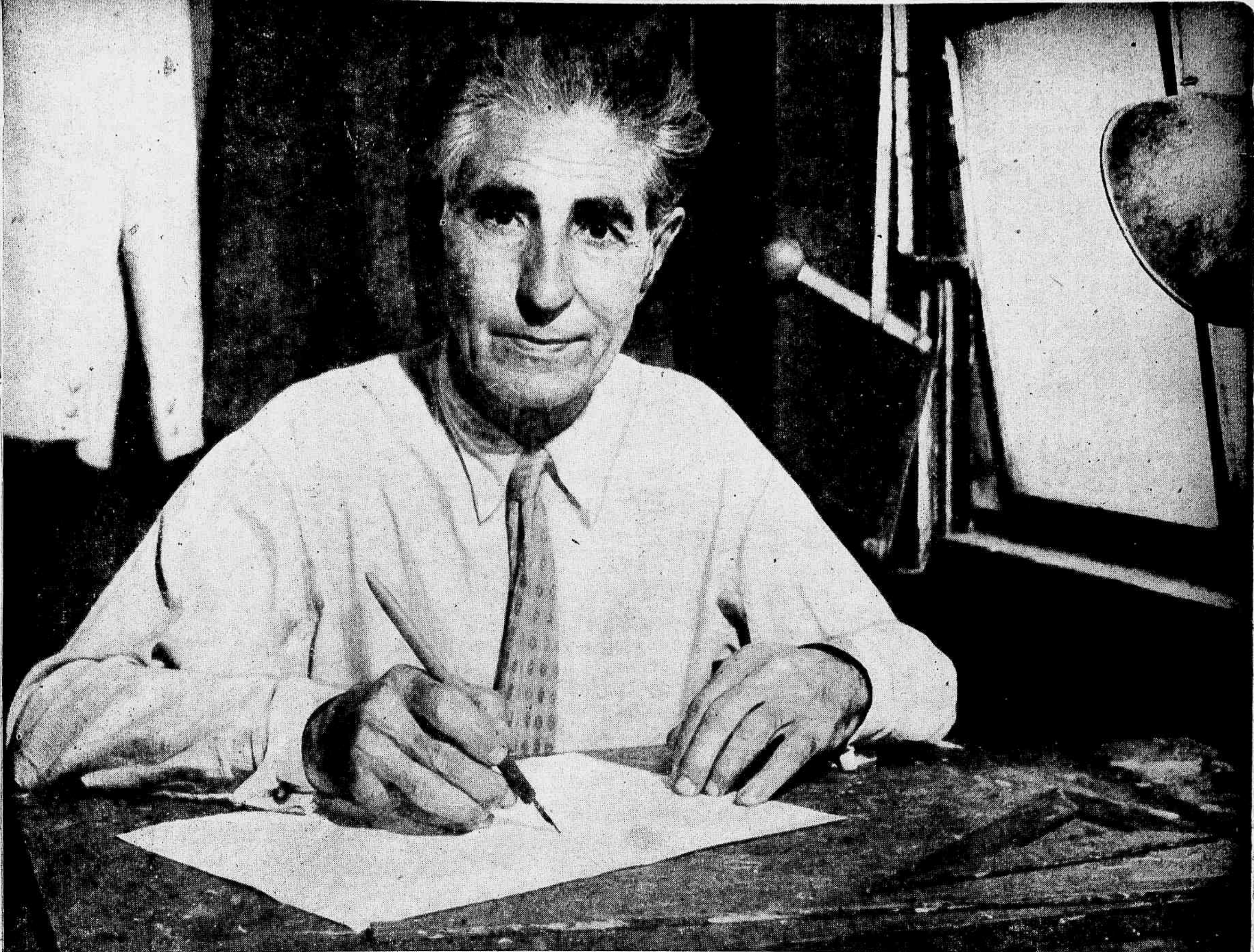
Para não perder a minha fonte de inspiração, fui obrigado a convencer o negrinho de que o que se lhe afigurava um transtorno, era coisa cobijada por muita gente ilustre. E o moleque aquiesceu, convencido já de sua glória.

— E Benjamin ainda existe? — indagamos.

— Até hoje, não sei. A última vez em que me encontrei com ele estava de boa saúde e envergava com orgulho uma far-

Yantok especializou-se nas "charges" mudas, sátiras que dispensam o emprêgo da palavra, falando eloquentemente pela sugestividade das figuras. Esta aquarela, que retiramos de uma ilustração feita pelo criador de Pipoca para a REVISTA DA SEMANA, representa bem um aspecto de nossas favelas e a "boa-vida" de seus antigos habitantes. Aí está reunida toda a diretoria do "Sindicato dos Inimigos do Batente", para resolver problemas de magno interesse da numerosa classe. O caricaturista apanhou um instantâneo, no momento exato em que o "presidente" pedia a palavra para bocejar.





Max Yantok, o judeu errante da caricatura, em sua mesa de trabalho. Ele viajou por todo o mundo, conheceu muitas terras, conviveu com muitos povos. Estudou em Nápoles, tocou violino em Munich, desenhou em Paris. Neto de iugoslavo, filho de italiano, descendente de índios, Yantok tem em seus desenhos um pouco desse ecletismo étnico. Mas nasceu para caricaturar. E até hoje, com assiduidade, lança ao público os seus bonecos. Para fabricar o seu Cachimbown e o Barão de Rapapé bastam-lhe uma caneta e um vidro de nanquim.

23

da da polícia militar. Mas como isto se passou há bastante tempo, não sei onde ele se encontra agora.

AS PÁGINAS DE ARMAR E AS CRIANÇAS GRANDES

Além de criador de Chiquinho, Loureiro foi também introdutor de uma novidade nas revistas infantis do Brasil: as páginas de armar. Essas consistiam em figuras coloridas, feitas especialmente para serem montadas em cartolina, formando máquinas, figuras humanas, conjuntos arquitetônicos, etc.

Também a respeito das páginas de armar, Loureiro tem muitas coisas interessantes a dizer. E' ele quem fala:

— Lembro-me de um fato, ocorrido quando do aparecimento da locomotiva "Chiquinho", uma das primeiras páginas desse gênero por mim desenhadas. Logo após a publicação das figuras que serviriam de base à construção da máquina, entrou na redação um senhor de idade perguntando por mim. Apresentei-me, e o visitante foi logo dizendo que vinha reclamar contra a locomotiva. "Aquilo não era coisa para menino", dizia ele. E continuou: "Eu mesmo, apesar de engenheiro, custei a montar a bicha". O meu interlocutor só se deu por satisfeito quando lhe fiz ver que as páginas eram feitas justamente para que os meninos aprendessem a armá-las com o auxílio das explicações paternas.

E a idéia continuava a fazer sucesso. Bondes de oito rodas, casas coloniais, tudo era oferecido aos leitores de "O Tico-Tico" que para possuírem esses brinquedos desenvolviam a sua habilidade manual num trabalho paciente e instrutivo. Essas páginas constituíram aliás um dos maiores fatores de êxito da revista. Acontece que as crianças que se dedicavam à sua montagem muitas vezes tinham títulos de doutor e cabelos brancos. Todos queriam ter a glória de armar com perfeição um bonde elétrico ou um presepe de cartolina.

YANTOK, CACHIMBOWN & CIA.

Passemos a falar de Yantok, outro dos pioneiros das histórias infantis no Brasil.

Até hoje o criador de Cachimbown ainda se dedica com entusiasmo aos seus velhos personagens. Pipoca, Cachimbown, Gaspar o inventor-maluco, ainda aparecem periodicamente nas páginas das revistas e dos jornais.

Queremos aqui, entretanto, mostrar ao público, através das próprias palavras de Max Yantok, um pouco da sua vida de judeu errante da arte, vivida em muitas terras e no meio de muitas gentes.

Quando lhe pedimos que nos contasse a sua história, o caricaturista começou pelo princípio:

— Nasci há muito tempo, no Rio Grande do Sul. Sou filho de pai italiano, neto de iugoslavo e de índio. Com seis anos de idade dei por mim em Nápoles, onde

me criei. Ali vivi muito tempo e muito estudei. Consegui arranjar um título de agrimensor, outro de contador. Também me titulei em pintura e em violino. Agarado à minha rabeca, deixei a Itália como primeiro violino de uma orquestra, que ia "fazer a América" na Alemanha. Mas quem fez a América foi somente o "caixa". Fez também a miséria da orquestra, fugindo com a receita de várias récitas, deixando os músicos a ver navios nas ruas de Munich.

Fui obrigado, então, a mudar de vida. Bati para Paris, onde tudo devia ser mais fácil. Lancei-me à caricatura, que era o que podia dar mais dinheiro. Ilustrei contos e "charges", colaborei em "L'Illustration". Vendi muitas produções a cinco francos. Peregrinei depois por toda a Europa.

Um dia resolvi voltar ao Brasil, minha terra natal. Vinha fazer jornalismo. Eu já havia fundado e dirigido em Nápoles o jornal satírico "Monsieur Perrelli", que fez sucesso na época. Até 1921 tive notícias de que o jornal ainda vivia. Mas veio o fascismo e nunca mais soube nada dele. Foi animado pelo sucesso de meu primeiro jornal que resolvi tentar aqui a caricatura e a "charge". Havia conhecido Matania na Europa, e o seu sucesso me animava.

Desembarquei no Rio e comecei a caricaturar os maiores da época. Era no tempo da campanha do Hermes. As anedotas andavam de boca em boca. Foi

então que lancei um vocábulo novo, que acompanhou durante muito tempo o nome do candidato. Esse termo, "urucubaca", derivava-se de duas palavras tupi-guarani, língua que eu havia aprendido em minha infância: "urubú" e "acabaca" que traduzidas ao pé da letra, significam "cheiro de urubú". O vocábulo era utilizado como um sinônimo de "pêso", "macaca", "pitimba", palavras que não se usavam ainda naqueles dias.

Passemos, porém, à parte que interessa à reportagem. Em 1908 comecei a colaborar em "O Tico-Tico", criando a turma de Cachimbown e, mais tarde, lançando o Barão de Rapapé, Parachoque, Pandareco e Vira-lata. Até hoje os meus bonecos ainda aparecem para as gerações novas, com a mesma disposição de espírito e sofrendo a mesma "urucubaca" que sempre fez com que tudo o que pensavam realizar saísse ao contrário.

Durante todo esse tempo os meus heróis sofrem os mesmos males, têm os mesmos problemas insolúveis. O cachimbo de Cachimbown ainda é o mesmo cachimbo barato de 1908, e Pipoca não conseguiu até hoje fazer uma operação plástica no nariz. No entanto, eu procuro tornar sempre humorísticas as situações críticas em que os meus bonecos se metem, todas as vezes que pretendem realizar algo. O "Inventor Maluco", Rapapé, todos eles sofrem no fim de cada história o pêso de suas próprias maluquices e a eficiência de seus inventos arrojados.



Família Zé Badejo, criação de Storni para o roda-pé de um jornal diário. Mais modernos que os Zés Macacos, estes três personagens, isto é quatro com o cachorro, representam tipos de tabaréus que "dão foras" tremendos quando vão à cidade. Em todas as suas histórias o veterano caricaturista encaixa sátiras contra atitudes mundanas e a vaidade dos "granfinos".

E continua:

— Devo frizar que os meus bonecos feitos para meninos não tinham atitudes políticas, ao contrário das caricaturas que fazia para os jornais. E penso que, até agora, têm, tanto Rapapé quanto Cachimbown e Pipoca, cumprido fielmente o destino que eu tracei para eles em 1908: divertir a garotada.

STORNI FALA POUCO E DESENHA MUITO

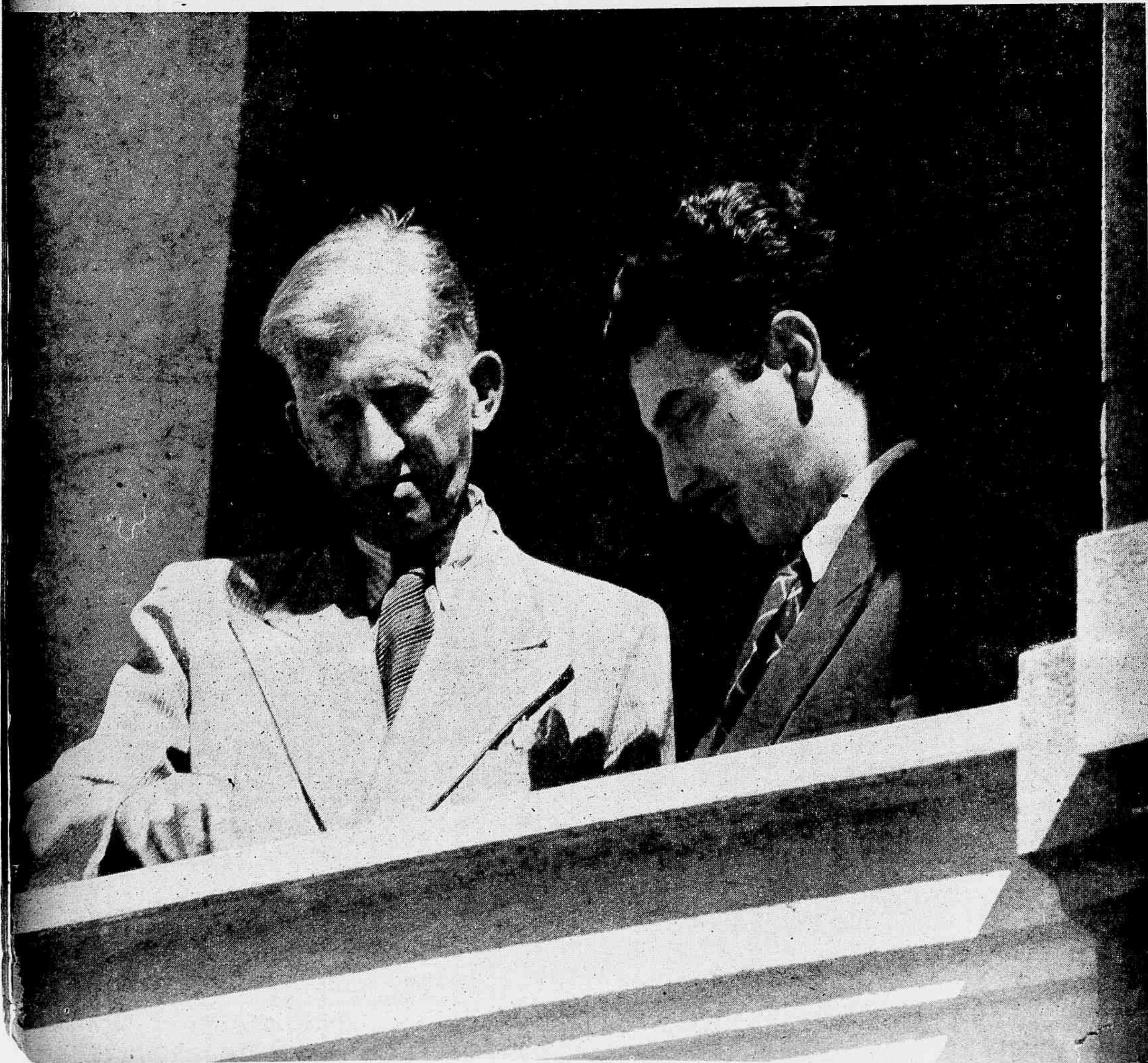
Agora Storni. Faleu pouco. Deu-nos um papel escrito a lapis, onde marcava os principais fatos de sua vida de caricaturista, e a vida de suas caricaturas. Aliás, como quase todos os artistas, Storni deixa em seus bonecos um pouco de sua própria pessoa. Para prová-lo, nada melhor que os dois extremos de sua vida artística, representados pelas auto-caricaturas que ele nos ofereceu, e que vão reproduzidas aqui.

Falemos da vida e da obra de Storni. E' ele próprio que nô-las conta:

— Cheguei ao Rio em março de 1907.

Vinha a chamado de Luiz Bartolomeu, para trabalhar em "O Tico-Tico" e "O Malho". De Santa Maria eu já havia enviado os meus bonecos que, publicados, alcançaram sucesso. Quando desembarquei na "Côrte", encontrei-me num trapiche de madeira. Envergava com orgulho um terno de xadrez marrom e um colarinho da mesma côr. Um carregador me perguntou se eu pertencia a algum circo de cavalinhos, e se queria que ele carregasse a mala. Guardo até hoje bem vivas na memória as recordações de minha chegada triunfal à Cidade Maravilhosa, podendo me lembrar até, com nitidez, que na mala eu trazia outro terno e uma camisa. O resto do espaço era ocupado pelos meus castelos e pelos ideais de moço, que viajavam comigo. No outro dia eu era acolhido com a maior indiferença pelo proprietário de "O Malho", que me apresentou ao velho Reis (Cabuhy Pitanga) e a Renato de Castro, diretor de "O Tico-Tico". Comecei a fazer caricatura política em "O Malho" e a decalcar histórias estrangeiras para a revista infantil.

Storni mostra ao reporter alguns de seus velhos desenhos feitos para "O Tico-Tico". Zé Macaco, Faustina e Baratinha não mudaram. Este último, filho do casal, foi aos Estados Unidos e voltou crescido. Mas ninguém gostou de vê-lo homem, e o desenhista resolveu matá-lo. O casal Zé Macaco vive ainda, porém sempre acompanhado pelo fiel Serrote.



APARECEM ZÉ MACACO E FAUSTINA

— Um dia revoltei-me contra a monotonia dos historietas estrangeiras e resolvi criar alguma coisa bem brasileira, para os leitores mirins. Foi então que me vieram à cabeça as figuras de Zé Macaco, Faustina, Serrote e Baratinha. Explorei com essa família, composta de mulher, marido, filho e cachorro temas de interesse local. O êxito foi estrondoso. Eis por que, sem uma interrupção, vem a família Zé Macaco, há 37 anos, aparecendo periodicamente às crianças do Brasil.

E, como obra nacionalizante, penso que as aventuras dêsse pessoal têm alcançado o fim que eu visava.

Além disso, pretendo incutir nos espíritos infantis, através do grotesco e do ridículo, a verdadeira concepção da modestia, da serenidade e de tôdas essas virtudes, que cada dia se tornam mais esquecidas dos homens.

Zé Macaco, por exemplo, é o tipo do vaidoso, do "granfino" que compra um automóvel sem saber onde irá buscar dinheiro para o carvão. E Faustina lhe segue nas águas. Mas no fim das histórias a sua mania de granfinismo é sempre castigada, e eles acabam caindo em ridículo.

Assim falou Storni a seu respeito e a respeito de suas figurinhas.

Com as suas declarações encerráramos a nossa entrevista com os três mosqueteiros da caricatura infantil, os pioneiros das histórias em quadrinhos brasileiras.

Em verdade, muito valiosas se tornam hoje as palavras dêsses três líderes da literatura e do desenho infantil, que divertiram e até hoje divertem os garotos do Brasil com a graça de suas historietas e as atitudes de seus personagens.

Apesar da concorrência das pinturas estrangeiras, que contam para sua divulgação com dezenas de "of-set" espalhadas por muitas cidades, alguns dos personagens de Storni e Yantok ainda vivem e têm um número avultado de "fans" espalhados por todo o território da nação.

E' interessante notar como êsses bonecos, apesar da idade, ainda conservam



Legenda feita pelo próprio punho de Storni: "A Marcha do Tempo. Eu em 1907 — e Eu 1945".



O ilm.º sr. José Macaco e exma. família, em traje de passeio. Baratinha acompanha os pais em tôdas as suas maluquices. E o pobre Serrote parece estar envergonhado de pertencer a tão nobres senhores. Notem as luvas e o chapéu de Faustina, ambos no rigor da moda. Ninguém pode contestar que eles, de fato, são "podres de chic", como diria aquele brilhante Damazo Salcede de Eça. Há muita gente boa que poderia evitar o seu ridículo observando o ridículo da família Zé Macaco.

os mesmos traços fisionômicos dos seus primeiros dias. Cachimbown, no qual, como já dissemos, aparece muita coisa de Max Yantok, é um sujeito já velho e, apesar de perseguido por todos os azares, continua vivo e com saúde, e dá ainda hoje, tôdas as semanas, o seu passeio hebdomadário pelo país, divertindo as novas gerações.

Apareceram outras figuras, as técnicas de paginação transformaram completamente a feição dos magazines juvenis. Mas Zé Macaco e Faustina ainda são os mesmos e têm sempre algo de novo para os seus leitores de calças curtas.

Quanto a Loureiro, o caso mudou de figura. Para as histórias infantis ele está hoje aposentado. Mas o seu nome ainda vive nos anais da imprensa brasileira, como um dos pioneiros de uma nobre causa. E a sua maior glória consiste justamente em ter sido o introdutor das páginas de armar em nossa terra. Talvez ainda hoje, quase vinte anos depois do aparecimento da locomotiva "Chiquinho",

alguém ainda guarde esse brinquedo de papelão, como uma lembrança amigável daqueles tempos saudosos, quando ainda não existiam o "Super-homem" e "Brucutú".

Aos meninos de hoje, agarrados ao mistério do "Falcão da Caverna" e de "Zé Mulambo", seriam de muito proveito, estamos certos, as leituras sadias das histórias dos três mosqueteiros da caricatura infantil, que falavam, pela imagem e pela legenda, apenas daquilo que podia trazer algum benefício para a educação de seus leitores.

Aqui ficam as palavras dêsses três veteranos, como uma revista passada a um antigo álbum de fotografias familiares, um registro de saudade que oferecemos ao sentimentalismo de nossos irmãos mais velhos. E aos leitores maiores de trinta e menores de cinquenta... Mas não esqueçamos: Ruy Barbosa declarava, sinceramente, ser um admirador — não se dizia "fan" — de Chiquinho, Zé Macaco e Cachimbown...



Aspecto antigo da catedral do Rio de Janeiro.

No Brasil de outrora. Nele a Grande Semana, a Semana Santa, transcorria muito mais de observância do que hoje. Sobretudo em nosso interior, de vida arredada das capitais menores do paiz, as provincianas, estas na orbita de capital primaz, o Rio de Janeiro.

Umas tantas velhas cidades mineiras gozavam fama no celebrar Semana Santa com absoluto rigor liturgico no recinto de templos, no desfilar de procissões, em tudo quanto respeitava a memoria da Grande Semana de prefação ao domingo de Ramos prenunciador de martires entre hosanas e palmas, a Pascoa anunciando a vitoria da vida sobre a morte no fulgor da Resurreição.

Para negocios, publicos ou privados, a Semana Santa reservava apenas dois dias, os de segunda e terça-feira. O meio dia de quarta de Trevas marcava feriado do resto da semana, feriado decretado mesmo por acatolicos. Acompanhavam estes o sentimento de maioria catolica, a do Brasil, tão de Cruz, logo ao descobrirem-se a Cabral.

A união da Igreja e do Estado vigente do Primeiro ao Segundo Reinado tornava o Estado participante de interesses da Igreja, a união espiritual e temporal principiando no erario nacional. Subsidiava o Estado os servidores da Igreja, dando-lhes congruas, "soldo dos padres", disse Deodoro quando lhe falavam de congruas no inicio de sua chefia de Governo Provisório.

Por altos representantes, o Estado aparecia em demonstrações religiosas publicas. No Rio de Janeiro, quando da procissão do Corpo de Deus, viam-se o imperador, o conde d'Eu, ministros e grandes do Imperio, sustentando varas de pálido.

As procissões de Semana Santa ou não, sobretudo de 1840 a 1870, foram

de frequente vista nas ruas da parte central do Rio, as procissões de mostras a guiões, círios, andores, anjinhos, irmãos e irmãs de confraria em variedades de côres de opas, sobreposta a vestuario preto de rigoroso luto.

A' noite, as procissões por tochas acesas produziam de longe a impressão de estar a noite riscada por duas fitas de fogo paralelas. Entre elas as procissões caminhavam com medido passo sobretudo por vezes de "alto" para necessaria repouso de massa vencendo vagar a vagar extensos itinerarios.

Durante muito tempo carioca Ordens Terceiras de São Francisco de Paula, do Carmo, de São Francisco da Penitencia, do Bom Jesus do Calvario sobressaíram nas procissões da cidade nos grandes dias da Igreja. Tais os de guarda ou de suspensão de trabalhos para cuidados de alma e melhor desempenho de deveres cristãos; inclusive os da abstinencia e do jejum.

Hoje se não conhece mais a gradação de dias santos tão de outrora, atento aos dias santos de guarda inteira, aos dias santos de bispado ou só de freguesia, aos dias santos só com obrigação de ouvir missa.

Dia santo de guarda era o Dia de Reis; de guarda só no bispado do Rio de Janeiro o de Sebastião, padroeiro da cidade, N. S. da Conceição padroeira do Imperio. Dias santos só de freguesia eram os de São Francisco Xavier ou de Santa Rita, nas paróquias do Engenho Velho e Santa Rita, dia santificado simples o de São Miguel de lançada certa ao dragão infernal.

No Brasil inteiro, a Semana Santa assinalava epoca de multiplicar procissões pouco a pouco, por varios motivos, caindo em desuso.

No Rio de Janeiro, na quinta-feira de Endoenças, vinha à rua a procissão dos Fogaréos, bem de á noite, partindo da Misericórdia. Na Sexta Feira Maior

os irmãos da Misericórdia renovavam procissão, a do Enterro, cortada também a cidade por outros desfiles do mesmo carater, as dos terceiros do Bom Jesus ao meio dia, dos terceiros de São Francisco de Paula á tarde, dos terceiros do Carmo já noite. Ninguém podia desculpar-se por não ter ido à procissão do Enterro, a cuja passagem o povo genufletia.

Nos paizes catolicos a Semana Santa obrigava reis e principes à participação na cerimonia do Lavapés, reproduzindo a cena na qual Jesus dera aos apostolos lição do sem preço da humildade.

Nas cidades da Austria e de Espanha, de etiquetas tão parecidas, o Lavapés constituia visão impressionante. Não sabemos se acaso ministro nosso junto à monarquia dual, Cyro de Azevedo, teria descrito o Lavapés em Viena no *Um Desfiar de Lembranças*, reunião de crônicas sobre a capital austriaca e sua vida de cerimonial, prazer e musica, a vida de Paris do Oriente apreciada por Cyro de Azevedo, o diplomata observador.

Censurada por sua simplicidade como o seria se caísse no excesso oposto, a corte do Imperio primou em ser burguesa e democratica bem mais que régia, a ponto do presidente de Venezuela, Pablo Rojas, dizer desaparecida em 1889 a unica republica do continente sul-americano.

Na Semana Santa, conforme expressão da epoca, D. Pedro II "baixava à Capela Imperial" para o Lavapés. D. Pedro II costumava esperar passagem de procissão na Biblioteca Publica, de séde em dependencia da igreja do Carmo, na rua Direita.

Na Sexta Feira Santa o imperador usava do direito de graça, perdoadando ou comutando penas, a bem de encarcerados em presídios militares ou penitenciarias civis.

Publicados os decretos de perdão ou

minoração de penas, não concedidas a ladrões ou moedeiros falsos, ladrões também, verificava-se nos decretos de Sexta Feira Santa a declaração de haverem sido os atos expedidos "em comemoração da Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo".

Em todas as constituições monarchicas da epoca o direito de perdão ou comutação de penas cabia aos soberanos. o Codigo Criminal Brasileiro estatuiu que os perdoados ou diminuidos de pena não estavam isentos de satisfazer o mal causado em toda sua plenitude.

D. Pedro II só perdoava ou minorava penas com escrupulo, à vista de processos ou recursos de graça bem informados. Durante o seu demi-secular reinado anistiou largamente, vigorando porem para anistiados a restrição do Codigo Criminal já citada.

A Semana Santa, se de alivio e ancia de liberdade para condenados e de esperança para semi-perdoados, era de luto para Igreja. Primazmente a representava no Rio de Janeiro o bispo diocesano, em grande parte do Segundo Reinado o sólio entregue a D. Manoel do Monte Rodrigues de Araujo, conde de Irajá, substituido em 1869 por D. Pedro Maria de Lacerda. Achou-se chamado a decidir num caso que, em 1873, entendia com o bispado e com a Policia da Côte.

Antes de transcrever petição referente ao caso seja lembrado o peticionario, Bartolomeu Corrêa da Silva. O Rio de Janeiro do seculo ultimo conheceu-o artista circense a transformar o circo de sua propriedade no Teatro Lirico da rua da Guarda Velha, ora rua Treze de Maio.

O teatro deu palco sobretudo a operas e com elas à fina flôr das maiores celebridades liricas do mundo.

Na monarchia os requerimentos eram dirigidos ao imperador. Em 1873 encaminhava Bartolomeu Corrêa da Silva ao ministerio do Imperio o seguinte requerimento na forma dos estilos:

Senhor

Bartolomeu Corrêa da Silva, proprietario do Theatro D. Pedro Segundo, nesta capital, desejando dar, no mesmo teatro, um baile — concerto no proximo domingo, da Paschoa da Resurreição — requer a V. M. I. Se Digne mandar sejam consentidos divertimentos publicos.

Na Côte, huns annos, a Policia os tem permitido, em outros annos, não.

O Exmo. Revdmo. Snr. Bispo da Diocese consultado a respeito, ha uma semana, respondendo que, pela sua parte, não oppunha a isso embaraço.

E. R. Mcê.

Rio de Janeiro, 2 de Abril de 1873
Bartholomeu Corrêa da Silva.

O bispo diocesano de 1873 era D. Pedro Maria de Lacerda, e, para lhe obter placito, Bartolomeu, ou alguém por ele, deveria ter arfado ao galgar a ladeira do montuoso palacio da Conceição.

Os teatros da epoca dependiam bastante do Conservatorio Dramatico, de gratuitas funções censoras. O ministerio do Imperio transmitio a petição de Bartolomeu ao presidente do Conservatório, o dr. João Cardoso de Menezes e Souza, o futuro barão de Parapiacaba.

Exarou ele informação, a seguinte: "Sou de parecer que se negue a licença sollicitada, attentas as razões que aconselharão até hoje a proibição de divertimentos publicos antes da 1.ª oitava da Paschoa".

Em 1873 dirigia eficazmente a Policia da Côte o desembargador Ludgero Gonçalves da Silva. Tomando conhecimento da petição de Bartolomeu, cumpria-lhe decidir entre duas opiniões, a favoravel do bispo e a desfavoravel do presidente do Conservatório, a invocar razões anteriores para determinar proibição.

O desembargador Ludgero entendeu mantela.

Para requerer com exito devia Bartolomeu Corrêa da Silva ter nascido bem depois de 1873.

ESCRAGNOLLE DORIA

SEMANA DA PAIXÃO



EVELIN KEYES (COLUMBIA)

Um assunto ainda não ventilado nos "bastidores", e que por certo interessa às nossas leitoras, é o que se refere às finanças. Todas as mulheres gostam de gastar dinheiro, mas poucas sabem como gastá-lo. Às vezes, por exemplo, compram três ou quatro objetos medíocres, quando com a importância total despendida nesses objetos poderiam adquirir apenas um, que daria então um tom de finura e elegância ao ambiente tirando a vulgaridade que os objetos em grande quantidade, porém de má qualidade, dão a qualquer lugar.

NOS BASTIDORES FEMININOS

O mesmo diremos quanto à indumentária. Suponhamos que você possua um vestidinho preto, bem talhado, é verdade, mas modesto e relativamente barato. Ao invés de usá-lo "de qualquer maneira", use-o com complementos mais caros, como, por exemplo, um belo par de luvas brancas, sapatos de verniz preto e um minúsculo chapéu de palha branca com gracioso véu preto. Você estará então elegantíssima e ninguém dirá que o seu vestido tenha custado talvez pouco mais que duzentos cruzeiros. Outra sugestão que lhe damos é a de substituir os velhos e baratos botões de suas blusas e vestidos por outros novos e de feição original. Seus trajezinhos adquirirão um aspecto novo...

Use duas gotas de um bom perfume ao invés de ba-

nhar-se com um desses perfumes baratos que andam por aí.

Você poderá usar o seu velho vestido de baile com "aplomb" se tiver o cuidado de procurar um bom cabeleireiro para pentear-la e se se apresentar com um "make-up" perfeito.

Ao invés de gastar dinheiro em colares e "balangandans", procure comprar um colar de pérolas cultivadas que irá com qualquer traje, e um "clips" sóbrio para o seu "tailleur".

Não pense que tudo isto é muito dispendioso, pois muito mais gasta você com as coisas baratas compradas em quantidade desnecessária, com o fim de "variar". Compre sempre o que houver de melhor e que vá bem com qualquer roupa ou ambiente e esteja certa de que você estará colaborando para a sua própria distinção e elegância.

SALINO é um tipo popular e conhecidíssimo em Ibicuí, pequena estação praiana e adjacências até à cidade de Mangaratiba. Mulato forte e alegre, muito servil e ativo, dedica-se a variados misteres. E' ele por exemplo quem traz leite, carne e peixe de Mangaratiba, para os fregueses que tem em Ibicuí. Sobe logo pela madrugada, com chuva ou sol, o morro íngreme até atingir a estrada de rodagem que conduz a Mangaratiba. Faz essa viagem de ida e volta duas ou três vezes por dia, ora fazendo o percurso a pé, outras vezes voltando pelo trem mixto.

Durante o dia, se não vai novamente a Mangaratiba, carrega tijolos para as construções, ou procura no morro capim "Bembeca" para encher colchão; trata de jardim, transporta água, ou executa o primeiro trabalho que se lhe apresente. Sempre pronto a servir, nunca recusa qualquer pedido, mesmo que não o cumpra por inteiro, pois que às vezes não chega ele para as encomendas. Já trabalhou nos subúrbios do Rio, nas profissões mais diversas. Foi até *chauffeur*. Mas, segundo ele,

já não se habitua mais a viver preso às conveniências e desconfortos da cidade e longe da magnífica liberdade que usufrui no campo.

Ainda há pouco tempo contava ele que, vindo ao Rio em visita à sua mãe, que reside num dos subúrbios, logo cedo, desejando comprar um jornal (o nosso herói é um grande torcedor de futebol), disseram-lhe que teria de "ficar na fila", o que ele achou intolerável, preferindo ficar sem o jornal. Um conhecido (ele é conhecidíssimo também nos subúrbios, onde em alguns dêles residiu por muito tempo, antes de mudar-se para Ibicuí) convidou-o a tomar uma cerveja num bar. Sentaram-se, mas algum tempo depois, cansado da imobilidade a que não estava habituado, pretextou a necessidade de falar a um amigo e saiu logo, embarcando horas depois ansioso por voltar à sua vida do mato. E já em Ibicuí dizia ele, com seu vozeirão pesado e a grandes gestos:

— Eu não nasci p'ra vivê sentado. Quando eu me sento, tenho uma "comichão" no corpo que me acaba. Eu gosto é de furá mato e subi o morro.

SALINO

Só uma coisa o Salino não faz. E' matar cobra, com a abusão que lhe adveio dos pais de que "quem mata cobra acaba mordido por cobra".

♦

Certo sábado o Salino estava na estação aguardando o trem da tarde. Desceu do carro um casal muito jovem ainda. Vinha com eles uma empregada. A moça em visível estado de gravidez, apesar de trazer um nariz arrebitado e atrevido de pessoa voluntariosa, tinha as feições pálidas, destacando-se os olhos escuros e fundos, denotando tôda ela uma natureza delicada e sensível. O marido logo perguntou pelo Salino. Quando o indicaram, o moço falou sorridente:

— Recomendaram-me você como um ótimo empregado. Sou o dr. Fernando Vidal, sobrinho do dr. Miranda. Viemos passar dois meses na casinha dêle.

— Ah! sim; o dr. Miranda mi falô que o sinhô vinha.

Depois disso Salino tomou as malas do casal e as conduziu à casinha que ficava num dos extremos da bela praia Mansa. A caminho o espôso informou-se quanto ao lugar onde pretendiam viver naqueles dois meses. Salino ia fazendo referência à beleza da localidade e às virtudes e delícias do clima, onde, conforme ele afirmava convicto, uma senhora quase paralítica ficara completamente curada após uns banhos de mar. O empregado os ajudou a instalar-se na casa e lhes foi sumamente útil ajeitando as malas, arrumando móveis, sacudindo tapetes, etc. Em seguida foi providenciar a obtenção de alimentos. Quando voltou com um cacho de banana e um litro de leite ficou admirado da profusão de gêneros alimentícios, frutas e doces que a cozinheira ia guardando nos armários da copa. A senhora estava acomodada no seu quarto. O jovem espôso chamou para um lado o mulato e explicou-lhe da melhor maneira, porém um tanto contrafeito, que sua espôsa, como ele vira, ia ser mãe, provavelmente em meados de setembro. Como faltassem quatro meses, o médico aconselhara-os a vir a um lugar tranquilo onde a jovem senhora repousasse absolutamente serena, sem ruído de qualquer espécie e até mesmo sem a convivência de outras pessoas. E ainda vacilante e em tom confidencial revelou que a senhora, em virtude de um susto, estava muito nervosa e que só se restabeleceria após o parto, necessitando por isso de sossego. Continuou a dizer que a princípio tivera receio de que o lugar fôsse demasiadamente isolado e que houvesse falta de recursos. Porém o tio, proprietário da casa, garantia-lhe que podia contar com o Salino para que se encarregasse de tudo, até de trazer o médico de Mangaratiba, caso fôsse necessário. Assim, gostaria que Salino ficasse o maior tempo possível ao seu serviço. E acabou dizendo que a espôsa sofria no momento de uma estranha anomalia, atribuída ao seu estado interessante. Às vezes desejava comer coisas extravagantes que se lhe deparassem na ocasião, e êsses desejos sempre teriam de ser satisfeitos, segundo o médico, para que não fôsse perturbado o desenvolvimento do futuro bebê.

O que o moço esqueceu-se porém de acrescentar foi que a sensível e enjoada dona Tiliinha (diminutivo que emprestaram ao seu verdadeiro nome Otilia) sempre fôra mimada e caprichosa. Filha única de pais de recursos, desde pequena se transformara em ditadora em sua casa, e eles, submissos, atendiam a todos os seus caprichos. Aos quatro anos era ela um dêsses pequeninos monstros irritantes e despóticos, como o são em geral os filhos



Conto de GERALDINA MARX

Ilustração de José Antonio

únicos de gente endinheirada, tendo a rodeá-la o papai, a mamãe e duas empregadas a contar-lhe histórias, a fazer-lhes caretas e a pedir-lhe pelo céu e pela terra que se dignasse comer os quitutes especiais que lhe preparava a Belmira, uma mulata gorda e despachada que lá da cozinha dizia revoltada e às escondidas:

— Si fôsse minha fia esfregava a cara dela no prato até que ela cumesse.

Fernando Vidal, moço pobre, apaixonara-se pela Tilinha quando ainda ele era estudante. A moça, que também gostou dele, fez logo prevalecer a sua vontade junto aos pais, que tudo fizeram por auxiliar o rapaz para que se pudessem casar, logo que ele se tornou bacharel. Em seguida, após o casamento, o sogro lhe conseguiu um magnífico emprêgo nos seus vastos escritórios comerciais. E o marido juntou-se aos sogros na tarefa de adular aquela natureza rebelde e defeituosa. Pusilânime e sem muita autoridade, por depender do sogro até no cargo que exercia, limitava-se a amimá-la sem contradizê-la sequer. Aos primeiros sintomas de gravidez então foi que a Tilinha ficou intolerável de tanto desejo absurdo. Por cima, levou um susto certa noite, quando passando por um corredor um gato enorme, que viera em busca de uma aventura sentimental com uma gatã da casa, pulou por cima da cabeça de Tilinha ao alcançar a janela. O médico, tio de Tilinha e dono da casa de Ibicuí, era chamado por qualquer motivo insignificante, e como tinha pouco tempo para atender às pieguices da sobrinha, não podendo ademais cobrar honorários, dado o parentesco que os unia, fartou-se de tantos exageros e fê-los seguir para sua vivenda de Ibicuí, super indicada para o isolamento da moça, que assim estaria longe dele e dos pais, tendo de viver por algum tempo à própria custa e do marido.

Salino de tóda a conversa deduziu, no seu rápido raciocínio, que teria de fazer o possível por atender aos desejos da senhora. Foi à estação buscar a bagagem que viera pelo mixto, e quando descarregou aquela provisão de malas, caixas e embrulhos ficou pasmo! Aquilo era um armazem ambulante. A mudança de uma família inteira! Só por dois meses! E sorriu com a boca desdentada: — Quáu quê!

Tudo ia bem enquanto a senhora se contentou com os camarões fresquinhos que o próprio Salino preparava para ela. Os côcos verdes cuja água ela bebia com prazer. E Tilinha andava disposta e mais corada depois que passou a tomar sol e banhos de mar, sempre com um sorriso alegre nos frescos lábios. E Salino não pôde deixar de pensar que aquilo era exagero do dr. Fernando. A moça era tão simples! Comia qualquer coisa e gostava de tudo!

Foi quando ela teve o primeiro desejo. Queria comer um pombo recheado com azeitonas e farofa. Salino não quis fazer feio. Correu a Mangaratiba e ficou desapontado não encontrando o que procurava. No fim de muito tempo soube que a gorda senhora Fritz Haunn tinha uma próspera criação de belos pombos de raça. E Salino levou duas horas quase a convencer a Frau, conseguindo afinal um gorducho pombinho, apanhado quase ao escurecer na volta ao pombal. E quando a cozinheira levou o prato à Tilinha, Salino ficou com uma raiva danada ao ver, espiando pela porta, que todo aquele desejo não passava mesmo de extravagância, pois a moça apenas provou o pombo.

Era o tempo da desova das formigas e a praga dos formigões conhecidos por "iças" ou tanajuras ia em progresso. As iças espalham

os ovos nos terrenos formando assim futuros formigueiros. Tilinha quis comer iças torrados! E o Salino percorreu os terrenos do sr. Julio, prósperos de formigueiros, para fazer a colheita dos petiscos desejados por dona Tilinha. Três dias depois ele teve de arranjar uma dúzia de malmequeres do jardim de dona Almeirinda, para fazer com eles uma salada aromática.

Certa tarde foi preciso chamar o médico de Mangaratiba, para a senhora, que, muito lânguida, sentada na poltrona da varanda olhava distraidamente para a valise do doutor. Salino apressou-se a transportar o objeto com receio de que a senhora desejasse comer um pedaço do couro da valise. E em casa dizia à mulher:

— Alzira. Manda o Zezinho amarrar a "Boca Negra". Não vá d. Tilinha querê cumê um pedaço do cachorro ensopado com batata. E a mulher retrucou franzindo a boca:

— Nunca vi desejo assim. Queria vê ela tê desejo de lavá um tanque de ropa como êsse — e franziu o beijo apontando uma pilha de roupa, que ela teria de lavar para os hóspedes do hotel.

Mas enquanto a Tilinha desejou camarões, flôres e formigas, não foi nada! Quereis saber, senhores, o que foi que ela desejou numa tarde em que o mar muito manso recebia nas suas águas tranquilas a tonalidade cinzenta das nuvens? Tilinha sentara-se na praia ao lado do solícito espôso e embevecida olhava o mar, quando viu algo escuro que revolia as ondas em movimentos ritmados. Seria que ela nunca vira em sua vida um cachalote? O fato é que ficou fascinada e receiosa ao ver aquele peixe que se lhe afigurava um monstro. O espôso narrou-lhe algumas histórias que se contam dêsse humanitário morador dos oceanos. E à noite, em segredo, disse ela própria ao Salino que desejava comer um pedaço de bôto. Salino arregalou os olhos e quis recusar; todavia lembrou-se da recomendação que lhe fizera o espôso da senhora. E Tilinha nessa tarde nem tocou nas iguarias que lhe preparou a cozinheira exímia que lhe apresentou também doces e frutas, muitas das quais vinham da cidade do Rio, nos fins de semana.

Salino subia o morro pensando em como ia descalçar essa bota. Um bôto? A coisa mais difícil de se apanhar. Diziam até que era proibida a sua pescaria, pois tratava-se de um peixe inofensivo que limpava o mar. Mas ele precisava bem servir aquele casal, que por certo depois o gratificaria muito bem pelos seus serviços esplêndidos. Em Mangaratiba percorreu rua a rua pensando cabisbaixo a ponto de chamar a atenção dos conhecidos.

— Tá triste hoje? — perguntou-lhe um.
— Não. Tô pensando num negócio.

Andou muito tempo e já desanimado pensava em voltar, quando viu algumas pessoas rodeando um homem que mostrava qualquer coisa estirada no chão. Salino acercou-se e viu também. Sua fisionomia iluminou-se. Negociou imediatamente com o homem a mercadoria que atraía a atenção. Voltou radiante com um volume de regular tamanho. Ele próprio sorratamente entrou na cozinha da casa e pediu à cozinheira que o deixasse preparar aquilo. A mulher nem teve tempo de ver o que era, tal o mistério com que ele se envolveu para preparar a encomenda. Ela só viu um pouco depois que ele pôs na panela uma carne para assar. Ao jantar ele apresentou-se radiante com um soberbo prato todo enfeitado com folhas de alface e azeitonas. Foi saudado com alegria. E o dr. Fernando soube perplexo que aquilo era o bôto desejado pela espôsa. O simplório rapaz achou esquisito. Nunca vira ninguém dizer que se

(Continua na página 54)





L'amour t

Hollywood, março (De Charles Vance). — Nada nem ninguém consegue abalar os alicerces muitas vêzes centenários do amor. E quando se descobriu que o cinema poderia ser um grande centro de atrações para a Humanidade, muito acertadamente seus mentores resolveram que o amor seria onipresente. Desde então, desde os primeiros ensaios da chamada "sétima arte", sempre Cupido se fez representar, comparecendo nos maiores dramas históricos, nas comédias mais hilariantes ou nas simples filmagens documentárias. Agora mesmo estamos vivendo o crepúsculo de mais uma guerra, a maior, talvez, a que olhos humanos ainda assistiram. E praza aos céus não assistam a outra tão cedo...

Pois quando se poderia admitir que as convulsões universais interrompessem o ciclo do amor e de seus personagens eternos, é justamente o contrário que sucede. Mesmo nos filmes inspirados na participação heróica e brava da Rússia no conflito do

mun
ções,
os ass
Aqui
do mo
Brent
"Idílio
Oberon
em Cl
nham
Peters
esque
em "F
les B
Again
Como
sequê
tória.
Charl
Brent
são m
ferên
l'amo



m, toujours l'amour

... mundo de hoje, ama-se e trocam-se afeições, o coração palpita, e gravitam todos os assuntos em torno ao assunto máximo... Aqui estão cinco dos mais falados filmes do momento. Ao alto, à esquerda, George Brent e Hedy Lamarr, protagonistas de "Idílio Perigoso", da RKO; ao centro, Merle Oberon e Cornel Wilde, respectivamente, em Chopin e Mme. Sand de "A noite sonhamos"; à direita, Robert Taylor e Susan Peters em "Canção da Rússia". Em baixo, à esquerda, Paul Muni e Margaret Chapman em "Rússia", e à direita, finalmente, Charles Boyer e Irene Dunne em "Together Again", ainda não batizado para o Brasil. Como se vê, o amor comparece e vive as sequências mais emocionantes de cada história. Observem ainda um detalhe curioso: Charles Boyer, Robert Taylor, George Brent e Paul Muni, quatro galãs que não são mais crianças, merecem ainda as preferências femininas. "L'amour, toujours l'amour"... Suprema verdade...

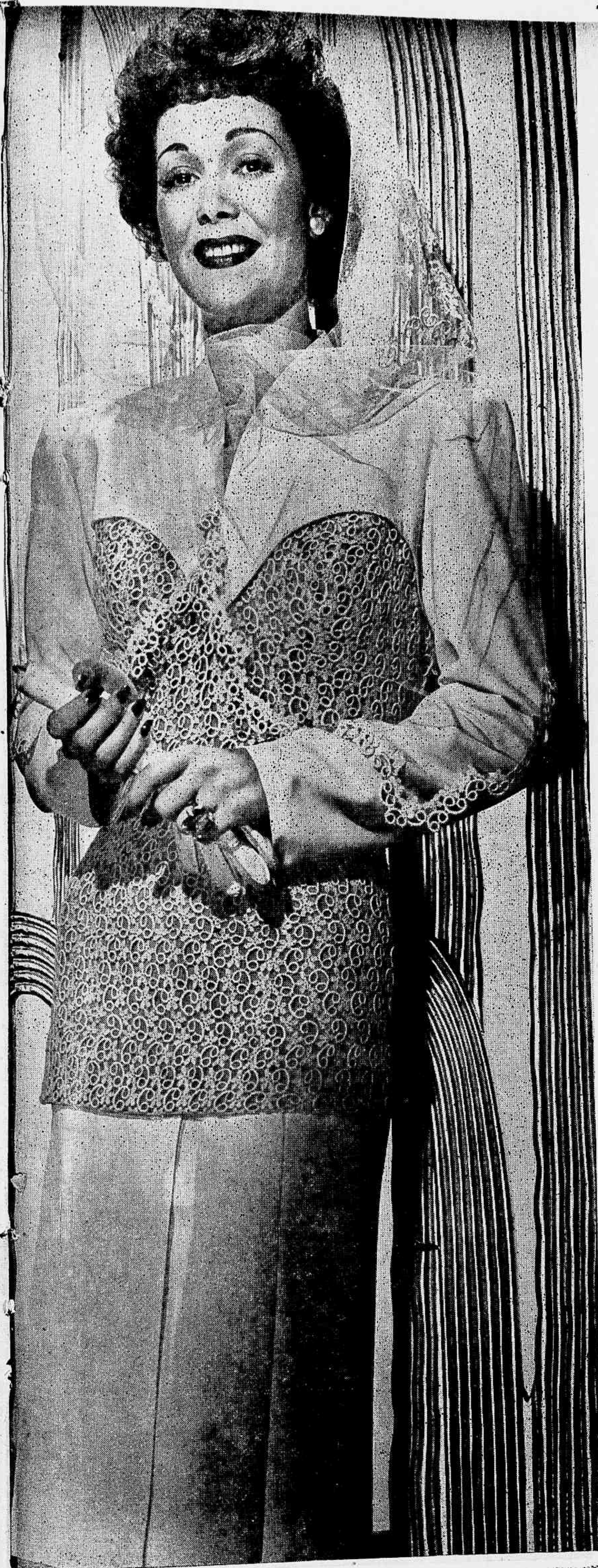


Modas

Virginia Patton oferece às nossas leitoras um modelo encantador, feito em pesado crepe "pistache". Mangas japonesas, decote profundo com interessante clips arrematando-o.



Elegantíssimo sem dúvida é o modelo que nos apresenta a encantadora Susana Foster. E' confeccionado em pesada seda negra e tem, partindo da cintura, um babado "gote" que cai em cascata do lado direito.



Jane Wyman, da Warner, exhibe aqui um vestido elegantíssimo, feito de seda pesada e renda. A renda é recortada formando interessante desenho na blusa.



Leslie Brooks, da Columbia, veste aqui um modelo de seda preta, com mangas japonesas. O casaquinho é abotoado na frente com botões cobertos e tem sobre os ombros duas grandes flôres.

São pequenas tragédias domésticas que só as donas de casa podem compreender...

O CASO DA CRIADA

JÁ se disse que as mulheres não raciocinam com lógica. Eu não estou disposto a endossar esse juízo apressado, entretanto sou forçado a confessar que, no caso que vamos contar, encontrei um exemplo perfeito, como que a calhar, para ilustrar o asserto.

Cláudia, interrompendo, como era seu hábito, a leitura do marido, disse:

— David...
— Hein?
— Você se lembra de que nós tínhamos uns projetos meio loucos quando nos casamos?

— Você sempre teve projetos doidos, meu amor.

— Mas lembra-se, David?

— Se eu me lembro de que?

— Você queria uma dúzia de filhos...

— Deus me livre! Dois demônios já bastam para me dar cabelos brancos antes do tempo...

Cláudia calou-se. Sabia que não era bom contrariar o marido. Especialmente aos domingos. E por falar em domingo...

— David!
— Hein?

Desta vez a resposta já era ligeiramente impaciente.

— Você gosta de domingo?

David fechou a revista que estivera tentando ler em vão e tomou a mulher nos braços. Ela veio se aninhar de encontro ao peito dele. Ele riu.

— Qual! Você é incorrigível.

Mas o problema a estava preocupando, na verdade. Como uma criança ele franzira as sobrancelhas, pensando.

— Gosta, David?

— Gosto de que?

— De domingo?

— Ora essa, que ideal! Por que não havia de gostar? É um dia de descanso...

Ela ficou calada um instante. Depois, com imensa seriedade, com um ar solene com que as crianças anunciam as suas predileções disse, sentenciosamente:

— Domingo em casa é paul...

David soltou uma gargalhada.

— Já conheço tuas manhas, minha gatinha. Você quer ir ao cinema e começa com isso, não é?

Ela estava rindo também.

— Pois bem, diga a Berta que nós va-

mos ao cinema hoje. Peça-lhe para preparar o jantar mais cedo.

Cláudia pulou do colo dele radiante:

— David!

— Que é?

Chamou-o pela terceira vez quando já estava perto da porta.

— Miaul

Cláudia era o que se costuma chamar "um amor". Perfeitamente fútil, uma cabecinha onde só havia vento, ela, nos momentos sérios, entretanto, revelava inesperadamente um vigor, uma compreensão surpreendentes. Quando, porém, tudo corria normalmente, era aquele bichinho engraçado e perfeitamente absurdo que não raras vezes esgotava a paciência "inesgotável" de David... Ninguém como ela sabia tratar de Matthew, o filho mais moço. Mesmo Berta, a gigantesca e bonachona criada que amava os patrões como a dois filhos, conseguia que a comida fizesse o perigoso percurso da colher até a boquinha gorducha do garoto sem espalhar seu conteúdo no babador, na camisolinha ou mesmo no leito, quando sua majestade não se dignava sair de seu berço para comer... Entretanto Cláudia

alimentou os filhos às pressas naquele dia. Estava sonhando com um cinema. Passara a semana toda resolvendo que filme iriam ver...

Depois do jantar, David foi vestir-se e ela foi à cozinha, já pronta, para se despedir de Berta:

— Não se esqueça do leite dele, ouviu, Berta?

— Não se preocupe. Divirta-se.

Havia uma senhora mais gorda que Berta na frente de David, com um chapéu de vários andares, em equilíbrio precário.

David rosou:

— Pede-lhe para tirar o chapéu!

Cláudia resmungou:

— Por que você não pede? Parece bobo!

Mas David tinha horror a pedir a senhoras gordas que tirassem o chapéu. Sugeriu uma retirada estratégica para outra fila. Cláudia resignou-se:

— Quer fazer o favor de tirar o chapéu, madame? Meu filhinho não pode ver a tela...

A mulher não protestou, mas Cláudia ouviu uma outra senhora que estava sentada ao lado dizer:

— Imaginem trazer uma criança para o cinema à noite!

Ouvindo isso David afinou a voz:

— Mamãe. Me dá um pedaço de chocolate!

— Cala a boca menino!

— Cala a boca já morreu!

A senhora que protestara contra a presença de uma criança no cinema àquela hora engasgou-se de surpresa, e durante uns bons dez minutos manteve os circunstantes em franca hilaridade com as suas

(Continua na pág. 55)



Conto de
ROSE FRANKEN

DE RADIO

Não fui consultado sobre o tal prêmio de dez pacotões da Confederação Brasileira de Rádio Difusão, nem sequer recebi nenhum ofício do sr. Batista Pereira; apenas, um dia, na reunião do Departamento de Imprensa Radiofônica, exposto o assunto à assembléia dos críticos, declarei que não me interessava a concorrência e muito menos a dinheirama municipal. Depois disso pensei que tivessem pôsto uma pedra em cima do caso, mas eis que surge, agora, nas colunas especializadas, nova onda de pronunciamentos a respeito. Se eu não abrir o bico, amanhã o diretor do Departamento de Difusão Cultural da Prefeitura estará logicamente no direito de publicar o meu nome como aceitante de suas condições, como adesista pelo consentimento do silêncio. Ora, já disse e reafirmo que não me interessa aquilo, diretamente. Mesmo sem a obrigação humilhante das crônicas recortadas e enviadas a título de provas. Quando muito, se o sr. Batista Pereira ou a sua comissão julgadora considerasse digno do prêmio algum dos meus pobres escritos, eu transferiria, incontinenti, os 10 mil cruzeiros ao D. I. R. ou ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais, aliás conforme ficara assentado na referida tertúlia dos cronistas. E, ainda assim, ganhando a bolada, não me consideraria concorrente, porque não me agrada de maneira nenhuma fazer entre a crítica de rádio papel semelhante ao de certos clubes suburbanos na liga de futebol: jogam sabendo sempre que não tiram o campeonato, e se por acaso o obtiverem um dia, terão a vitória diminuída, negada por alegações de furto do juiz, de pernas machucadas nos adversários...

Não; as crônicas de rádio que escrevo não podem ser tomadas em aprêgo pela acuidade seletiva do sr. Batista Pereira. Não pretendem a etiqueta de crítica e, muita vez, nem sequer são crônicas... Simples embrechados de um escriba que se diverte mais à custa da fauna radiofônica do que do próprio rádio. Olho para o edifício hertziano nacional, minado pela

BIDU REIS esteve de malas prontas para ingressar na PRE-3. Entretanto, com a solução do caso de Marília Batista, que ficará mesmo na Nacional, também decidiu renovar seu contrato na emissora da Praça Mauá.

burrice, destelhado pela falta de escrúpulos comerciais, como olhará qualquer inglês de bom senso e boa estética as ruínas de Canterbury. O remédio é botar o resto abaixo e construir coisa nova em fôlha. Por isso, não me preocupo em sugerir programas, arriscando abiscoitar o prêmio da municipalidade. Uma bela realização de **broadcasting** no meio dessa choldra que anda aí, no éter bororó — penso eu — vale tanto como um colar de pérolas autênticas no pescoço da "Perúia"... Avacalhamento das pérolas sem embelezar, de qualquer forma, a ridícula virago!

Em tempo: — Acabava de escrever isto que está acima, quando me entrou o ofício, porta a dentro. Exatamente como já me haviam alertado o Sodré Viana e o Ruiz, através de suas colunas. Não tenho o que acrescentar.

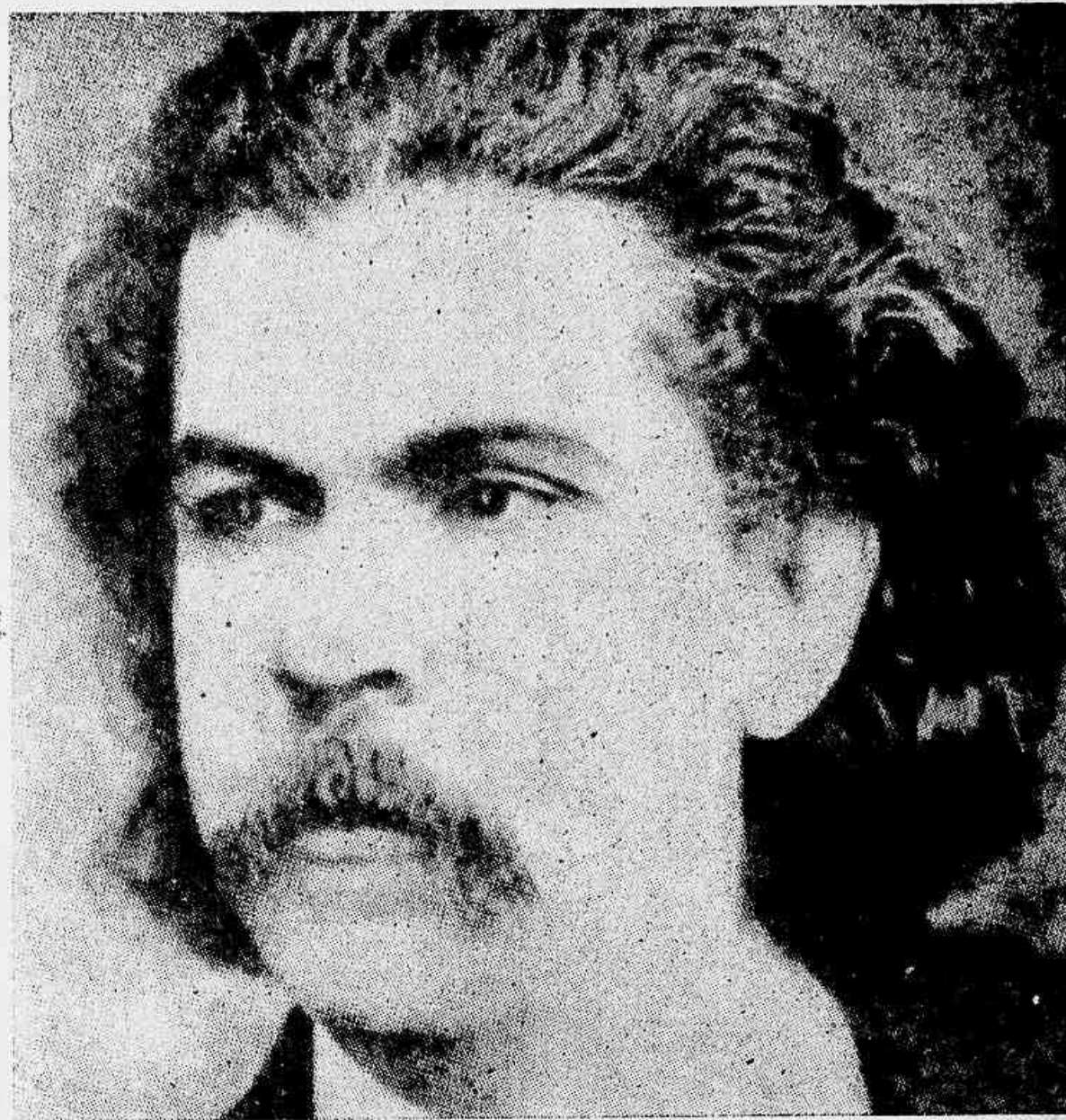
Djalma Maciel

Alô... Alô...

Como se estivesse em casa, de pijamas e chinelas, contando anedotas e brincando com as mocinhas do vizinho, reapareceu ao microfone da Nacional o sr. Barbosa Junior. Xaroposo, sim, mas um excelente repaz o Artur...

Mais um programa teatral na Rádio Tupi, por sinal bem interessante: — às segundas-feiras, Alda Garrido, Pepa Ruiz e Américo Garrido apresentam, ali, às 21 horas, uma audição de bom humor. E por falar no rádio-teatro da PRG-3: Olavo de Barros, quando circular este número, deverá ter voltado ao pôsto em que conseguiu justa popularidade.

Após uma temporada de férias, Delvaire Silva está novamente ao microfone da Nacional, atuando às 18.25 horas, tôdas as quintas-feiras, com um belo programa de músicas líricas e ligeiras.



Carlos Gomes num retrato feito em 1880

"O Guarani", depois de sua estréia sensacional na Itália, correu meio mundo e foi representado nas grandes capitais. Mais tarde, a popularidade foi diminuindo, até que ele voltou para retomar seu pôsto na admiração incansável do público brasileiro. E aqui ficou. Mais eis que recebemos a notícia contando que, convenientemente escovada a poeira que a cobria, a velha partitura foi executada na Europa com um sucesso que, para mim, tanto tem de surpreendente como de confrangedor.

Sou um grande e sincero admirador de Carlos Gomes. Encontro nas suas obras qualidades magníficas, mas a despeito disso sinto que o Brasil só tem a perder com essa ressurreição extemporânea.

Temos, agora, uma oportunidade como nunca tivemos de mostrar o que há, já, de realizado em matéria artística entre nós. A causa comum gera o interesse benevolente e propicia a divulgação. E' a hora de aproveitarmos as circunstâncias favoráveis para assumirmos uma posição no mundo artístico.

Ora, Carlos Gomes não é quem nos vai conquistar esse pôsto. A atitude dos que concordam em fazer dêle o elemento de comprovação da nossa cultura musical aparece, em tôda a sua inconsequência, quando atentamos num paralelo lógico: seria o mesmo que desejar obter a consideração dos povos, hoje, com uma obra científica de um século atrás, porque, se bem que esteja convicto de que a arte tem um valor eterno, ou, pelo menos, de uma longevidade que torna quase impossível demarcar o momento de sua caducidade, a obra de Carlos Gomes está impregnada do transitório, de todos aqueles elementos que não sobrevivem ao embate dos séculos.

Além do mais, parece-me que Carlos Gomes foi, justamente, o oposto de um homem erudito. Representa, a meu ver, o talento inato, a habilidade natural, ligeiramente polida com as suas pretensões estéticas; e só. Se como melodista era surpreendente, esse dom não provinha de um estudo paciente, de erudição. Talento puro e simples não basta, assim como conhecimentos não satisfazem por si só. O artista tem que ser artezão, o que, evidentemente, não significa que um artezão seja, necessariamente, artista.

Carlos Gomes foi melodista com lampejo de gênio. Mas não aproveitou como poderia ter feito os seus dons.

Creio que podemos dizer que a personalidade do artista é um produto de reação constante e recíproca entre o valor intrínseco e a estética do momento necessariamente transitória por ser a expressão de uma série de fatores que, em outra época, não se disporão da mesma forma.

Os grandes artistas, enquanto tomam parte na estética de sua época, sobrepõem-se a ela e, com isso, podem exprimi-la, imortalizando-a. O artista menor cede às imposições de um gosto que passará concentrando ali todo o seu poder e, com isso, dispersa o que tem de melhor.

Carlos Gomes, nesse sentido, foi um artista menor: cedeu. Sua obra está feita de concessões cada vez maiores, o que é uma pena, pois ele poderia, se quisesse, ter sido grande entre os maiores: prova-o a "Fosca".

E mais ainda: dentre os gêneros à sua disposição escolheu aquele que, justamente, está mais sujeito à morte prematura.

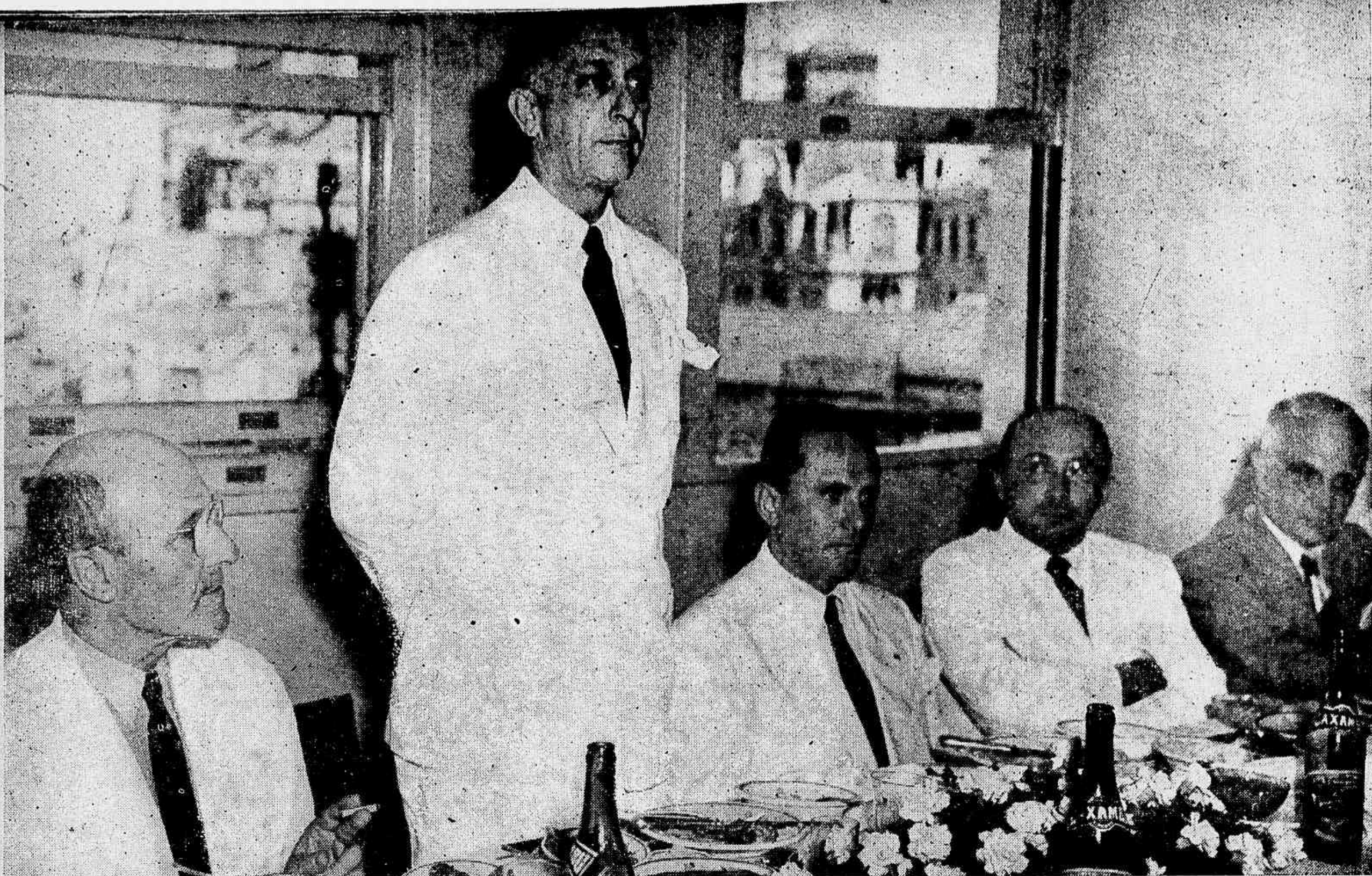
Na sucessão das estéticas há a sobrevivência da música em estado puro. E citava o exemplo romântico, prova conclusiva dessa teoria. Da massa de literatura em que estava envolvida, inclusive na mente criadora, a música emerge, pura, da poeira dos séculos. Os grandes gênios traem, inconscientemente, a própria estética. Carlos Gomes não o fez e sofreu as consequências.

A ópera, mais do que qualquer outro gênero de composição musical, impõe limitações literárias ao compositor. Parte, mesmo, de uma convenção que, devidamente investigada, revela-se mais absurda do que qualquer outra: teatro cantado. Exige, portanto, maior poder de convicção da parte do compositor para se tornar aceitável.

Deixemos o mestre dormir em paz. Não o ressuscitemos para uma luta que ele não poderá vencer. Mais tarde, quando houvermos conquistado um lugar na admiração dos povos como pátria de grandes artistas, sobrará tempo para nos ocuparmos com o que Carlos Gomes tem para oferecer e que não é pouco.

Roberto Lyra Filho

DE MUSICA



O ministro Marcondes Filho pronuncia o seu discurso. Na foto o dr. Djalma Pinheiro Chagas, Ruy Carneiro, Barbosa Lima Sobrinho e Drault Ernany.

O 26.º ANIVERSARIO DO BANCO DO DISTRITO FEDERAL

Inaugurados os seus serviços de assistência social

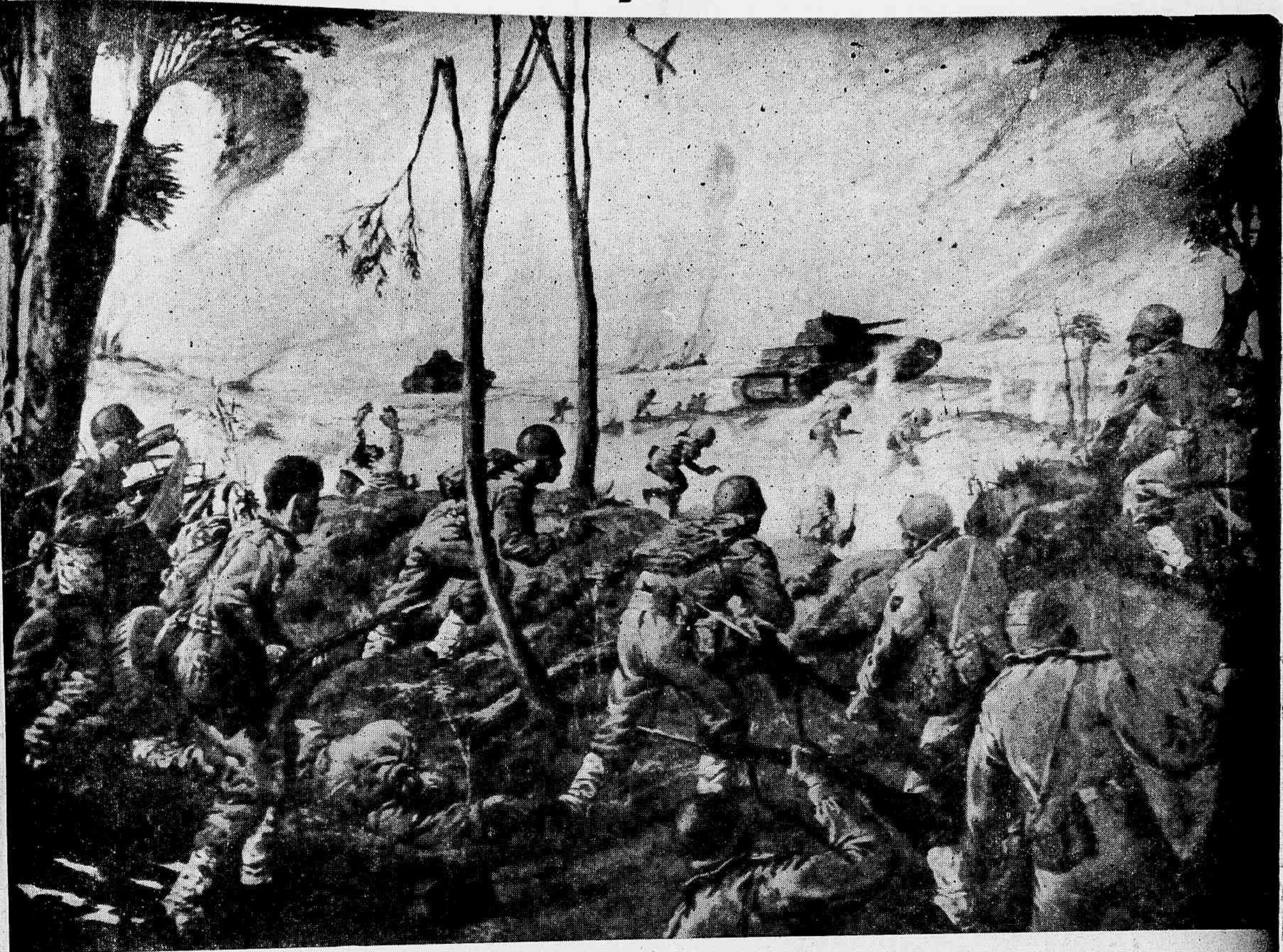
Ao ensejo da passagem de seu 26.º aniversário, foi inaugurado o serviço de assistência social do Banco do Distrito Federal. A solenidade, que foi presidida pelo ministro Marcondes Filho, teve a presença de altas autoridades, podendo-se citar entre numerosas personalidades os srs. José Queiroz Lima, representante do Presidente da República; ministro Apolonio Sales; dr. Corrêa Pinto, representante do prefeito Henrique Dodsworth; dr. Aderbal de Novaes, dr. Helvecio Xavier; sr. Caio Tacito, representando o dr. Nelson Fernandes; dr. Miranda Neto, dr. Gilson Amado, dr. Gildo Amado, dr. João Mauricio de Medeiros, dr. Ruy Carneiro, sr. Basilau Gomes, dr. Ademir Vidal, dr. Alexandre Moscoso e muitos outros. O serviço de assistência social, que tem a direção do dr. Genyson Amado, consta de serviços médico, odontológico, oftalmológico, laboratório, sala de cirurgia e ainda um restaurante controlado pelo serviço médico. É, com exceção do último, inteiramente gratuito, sendo que o preço das refeições não atinge o seu próprio custo. Depois de visitadas tôdas as instalações passaram os convidados para a sala de refeições, onde participaram do menu único para diretores, chefes e funcionários. Por essa ocasião falou o dr. Drault Ernany, diretor do Banco do Distrito Federal, que em vibrante oração agradeceu a honrosa presença do ministro Marcondes Filho. Em resposta o titular da pasta do Trabalho pronunciou um improviso, manifestando sua satisfação em participar de tão significativa solenidade.



No momento em que o dr. Drault Ernany pronunciava o seu discurso. Vêem-se na foto os srs. dr. Queiroz Lima, ministro Marcondes Filho, Ruy Carneiro e Djalma Pinheiro Chagas.

A direita: — Outro flagrante do almoço de confraternização no Banco do Distrito Federal. Na foto os srs. dr. Queiroz Lima, Souza Melo e ministro Apolonio Sales. A esquerda: — Aspecto da visita das autoridades ao Banco do Distrito Federal. O dr. Genyson Amado, chefe dos serviços médicos, dá explicações aos srs. ministros Marcondes Filho e Apolonio Sales.





UM QUADRO PARA A HISTÓRIA

Os pintores de hoje talvez não gostem de reproduzir cenas de guerra. Fugiram tôdas as côres brilhantes dos uniformes. Os soldados se vestiram com a côr da terra e rastejam como lagartixas. A máscara contra gases cobriu-lhes o ar altivo do rosto e dotou-os de uma espécie de focinho de cão. Os belos cavaleiros de espada desembainhada foram substituídos por soldados invisíveis, que agem dentro das paredes de aço dos tanques. A guerra moderna é menos de homens do que de máquinas. E essas próprias máquinas, cobertas de vegetação, foram furtadas aos olhos dos pintores.

Pensava em tudo isso, há pouco, quando me dirigia para o "atelier" de Acquarone, na avenida Augusto Severo. Estava ali, terminada, uma tela sobre a ação guerreira dos nossos expedicionários na Itália. Ardia de curiosidade por vê-la antes de entrar em exposição, e o mesmo sentia meu amigo coronel Bina Machado, que já tivera ocasião de testemunhar a ação da F. E. B. em combate, quando da sua visita, com o general Eurico Dutra, à frente italiana.

Acquarone recebeu-nos com a sua simplicidade de artista, vestido num avental branco. Agripina, sua gata preta e educada, foi, também, saudar-nos à entrada... A tela de Acquarone estava no pavimento superior, mas tivemos prazer de ficar algum tempo no andar térreo, onde se amontoava um mundo de interessantes figuras em gesso. Lá aos fundos da casa em desordem, à porta do cubículo sanitário, igual ao de qualquer botiquim da rua dos Arcos, havia um lindo braço de armas em madeira dourada.

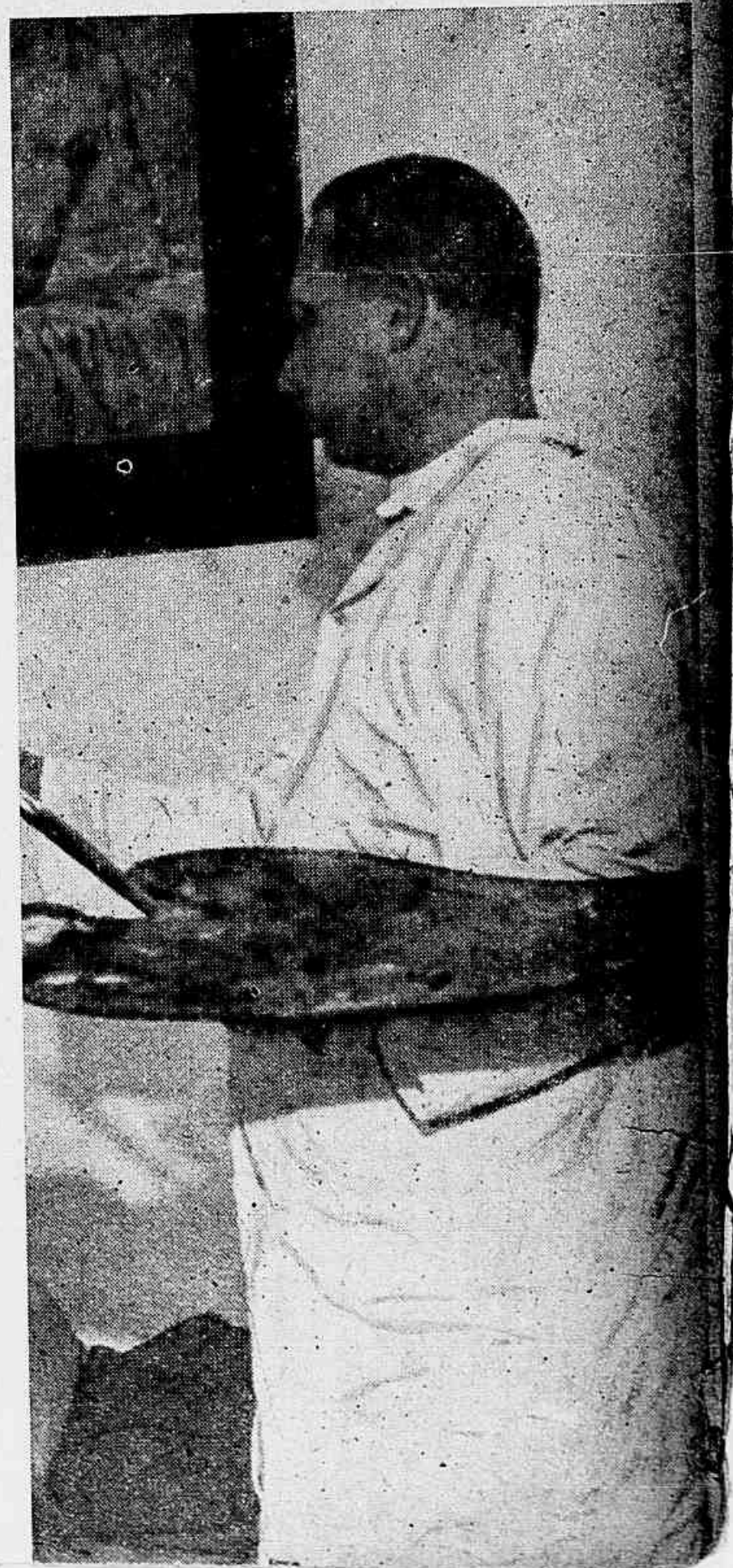
— Aí viveu exilada, muito tempo, uma bela princesa... — explicou-me Acquarone.

O coronel Bina não é desses artilheiros que só sabem dar tiros. Olhando para uma figura de Venus sem braços, lembrou-se de que Bernardo Shaw mandara da Itália para uma sua conhecida inglesa um postal com a Venus de Milo

e estas palavras: "Eis o que aconteceu a uma moça que tinha o hábito de roer as unhas"...

Lá em cima, no "atelier" de Acquarone, sentámo-nos num divã defronte à tela. Estava diante de nossos olhos a guerra, em tôda sua brutal realidade. Era a primeira vez que via num quadro o uniforme verde-oliva do Exército brasileiro. Nossos soldados saíam de um bosque e avançavam atrás de uma formação de tanques. Sobre suas cabeças parece balançar-se ainda o galho de uma árvore que uma granada partiu. Mais na frente, riscam o céu aviões em chamas, enquanto dois tanques explodem no terreno. São essas as únicas notas vermelhas da cena, além do sangue que banha o corpo de um brasileiro tombado sobre a relva. O que falta em côres, porém, sobra em movimento e em realidade. Acquarone teve o cuidado de recolher farta documentação para sua tela, preocupando-se até com a exatidão do caule das árvores italianas que focalizou. Seu quadro é um grito de patriotismo, porque perpetua o instante talvez mais glorioso de nossa História, aquele em que as armas do Brasil lutam pelo destino da humanidade inteira. Os soldados de Acquarone são essencialmente brasileiros, na firmeza com que se atiram para a frente, no ardor que se sente nos gestos de cada um, no seu desprezo pela morte. O amor à humanidade privou-os do carinho tépido da terra das palmeiras, e conduziu-os aos campos infernais, onde a liberdade e o despotismo jogam talvez sua última partida. Ao deixar o "atelier" do artista, ao despedir-me dos combatentes que ele concebeu, senti que os amava tanto como aos irmãos de armas de quem a guerra me separou. E Acquarone fez, realmente, um quadro para ser amado pelo Brasil, porque pertence ao seu Exército e à sua História.

WALTER PRESTES





Oficiais do Q. G. brasileiro, em formatura, num ponto qualquer da Itália, onde se encontram nossos patrícios, quando se preparavam as tropas para um serviço de campanha imediato. Como se vê na foto abaixo, os bravos oficiais patrícios mostram-se de fisionomia serena e predispostos para a luta que, certo, se consumou poucas horas mais tarde, para marcar um novo e brilhante fasto das nossas armas.

Muito se tem falado nos "ninhos de raposa" onde se escondem os rapazes da F. E. B., em pleno gelo. Mas na gravura superior bem se pode avaliar o suplício em que permanecem, não raro obrigados a dormir três e quatro noites seguidas nesses buracos cavados na neve.



Estes são os bravos mecânicos da F. E. B., conduzindo bombas de quinhentas libras, que tantos estragos têm causado às tropas nazistas. Eles as transportam para os aviões, que logo partem para cumprir suas missões no "front". Cada bomba leva em letras visíveis: "Mensagera brasileira para os tedescos". E' assim que a nossa gente devolve ao inimigo o insulto que êle nos fez com os torpedamentos covardes.

Aqui está uma nova série de oportunos flagrantes fotográficos, batidos em pleno "front" pelo fotógrafo Horacio Coelho e cuja publicação tem sido feita, com exclusividade, pela nossa revista. Continuamos recebendo assiduamente a visita de parentes e amigos dos bravos militares, cujos flagrantes aparecem nestas páginas, colhidos "onde a cobra está fumando", e que nos traduzem seus agradecimentos pela intensificação dêste trabalho. Sentimo-nos felizes por tributar aos leitores êste pequeno serviço, e lamentamos não nos sobrar espaço maior para a divulgação imediata da totalidade das fotografias que já estão em nosso poder. Prometemos, porém, continuar essa publicação em números vindouros e providenciar para que a mesma não sofra qualquer quebra de continuidade, desde que tão auspiciosamente tem sido recebida por quantos nos lêem.

Diretamente do "front" começamos a receber de militares patrícios cartas onde os mesmos agradecimentos são ratificados. Sabemos que exemplares da REVISTA estão chegando à Itália, sendo ali avidamente folheados pelos soldados das Forças Expedicionárias Brasileiras, e principalmente devido à publicação dêste serviço. Soldados pedem-nos a remessa frequente de exemplares, e um dêles escreve textualmente: "Diga aos leitores da REVISTA que não joguem fora os números lidos, mas os enviem para um dos nossos soldados, pois aqui uma revista carioca é "manga de colete". Aqui fica a recomendação do soldado nosso compatriota e estamos certos de vir a ser atendida pelos leitores. Um exemplar velho de revista brasileira pode proporcionar, na Itália, horas de infinita satisfação.



**ONDE A
COBRA ESTÁ
FUMANDO**



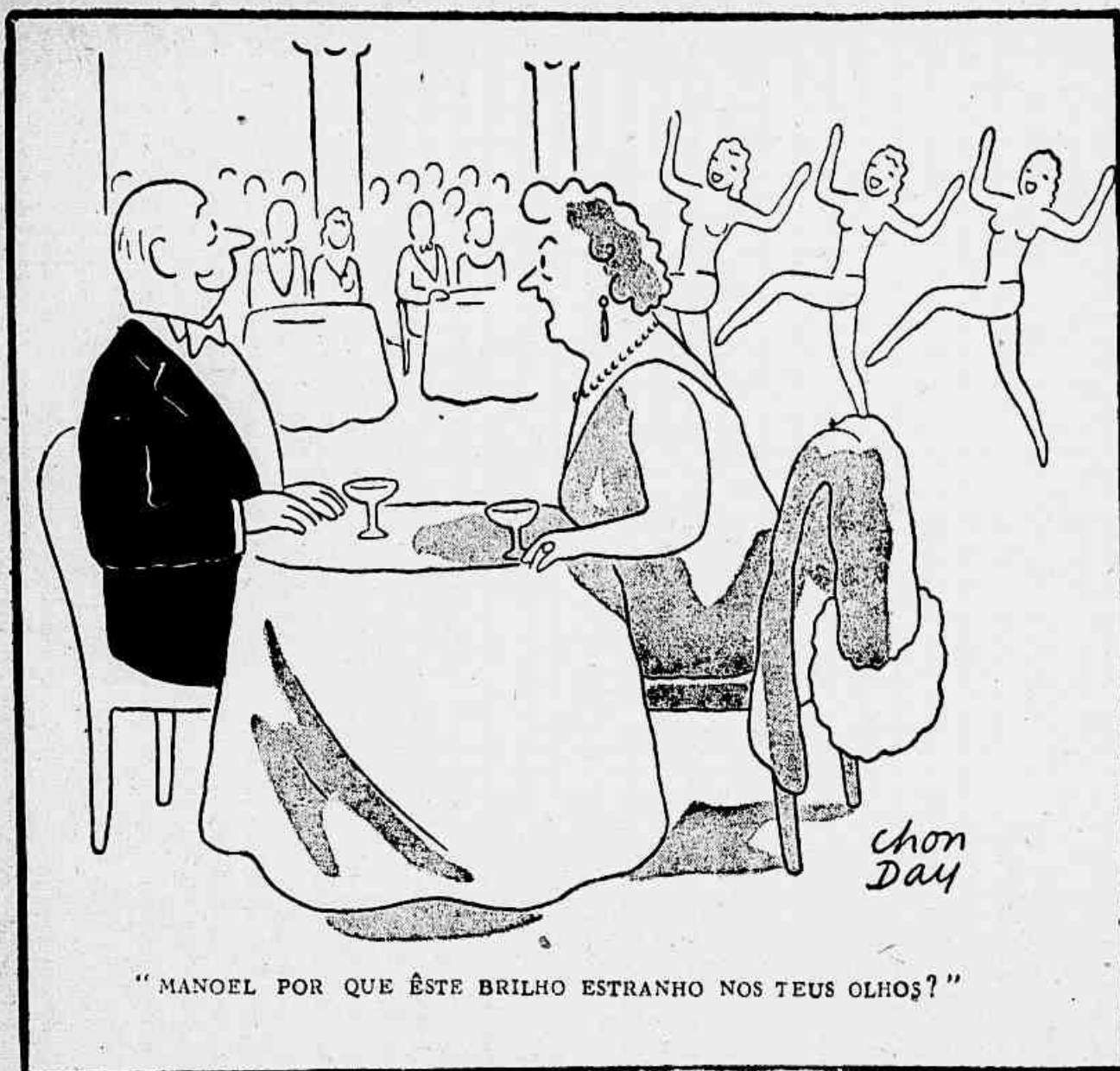
O general Cordeiro de Faria acompanha de perto os expedicionários e frequentemente se empenha na mesma e árdua luta em que eles se encontram. Aqui o vemos, no rigor do inverno, à porta do seu carro de comando. É um soldado como qualquer outro, com responsabilidades ainda maiores, pois tem a seu serviço milhares de homens cujas vidas precisa poupar tanto quanto possível.

É preciso cavar abrigos, preparar buracos na neve para neles se refugiarem os heróicos soldados patrióticos. E aqui estão os militares da tropa de um R. I., na linha de frente, a pouca distância do inimigo, dando conta de seu espinhoso mister. A neve, que agora começou a degelar, era ainda intensa, exigindo o máximo de resistência física. Esses abrigos eram preparados no curto espaço de três a quatro horas, carecendo de ficarem sempre concluídos antes do escurecer.



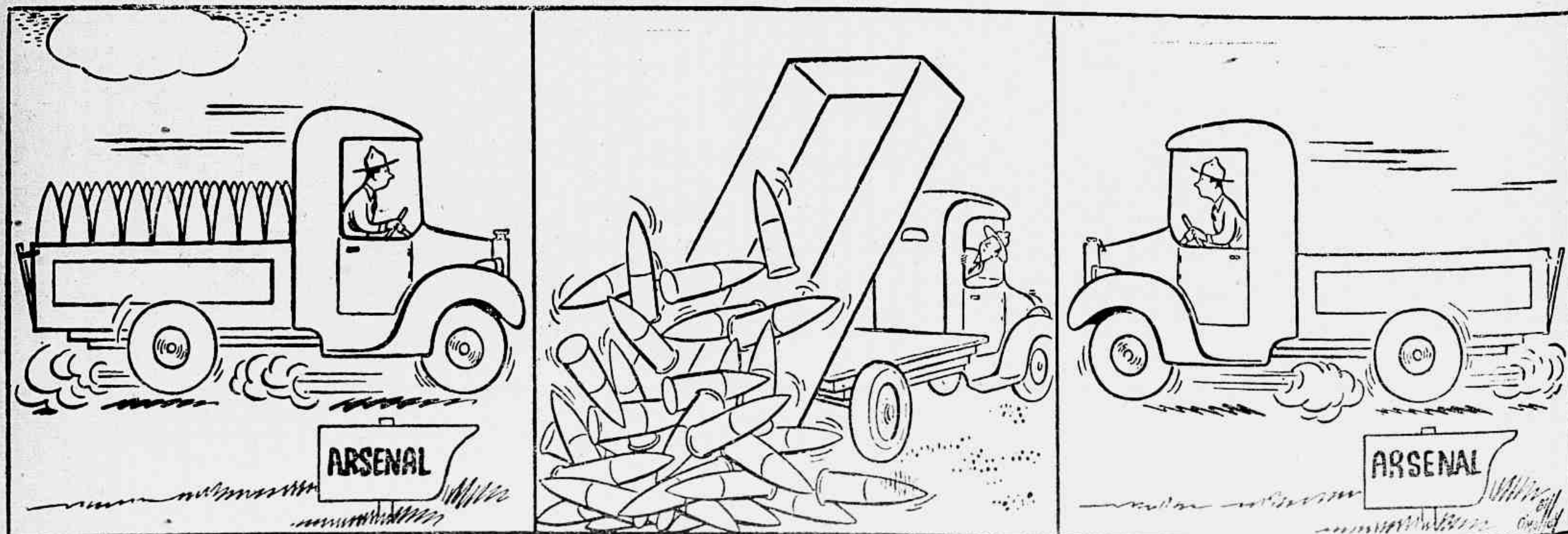
Outras "mensagens" de fogo em preparativo para os alemães. Aqui estão o capitão Souza Junior e o tenente Agenor Monteiro, armando um "boob-trar" que despedirá "ameixas" deliciosas contra os bárbaros, hoje afundados na mais terrível derrota de todos os tempos.





DE BOM HUMOR

"PELA DESCRIÇÃO QUE NOS FIZERAM DO LOCAL, PARECE QUE A "COISA" É POR AQUI MESMO."





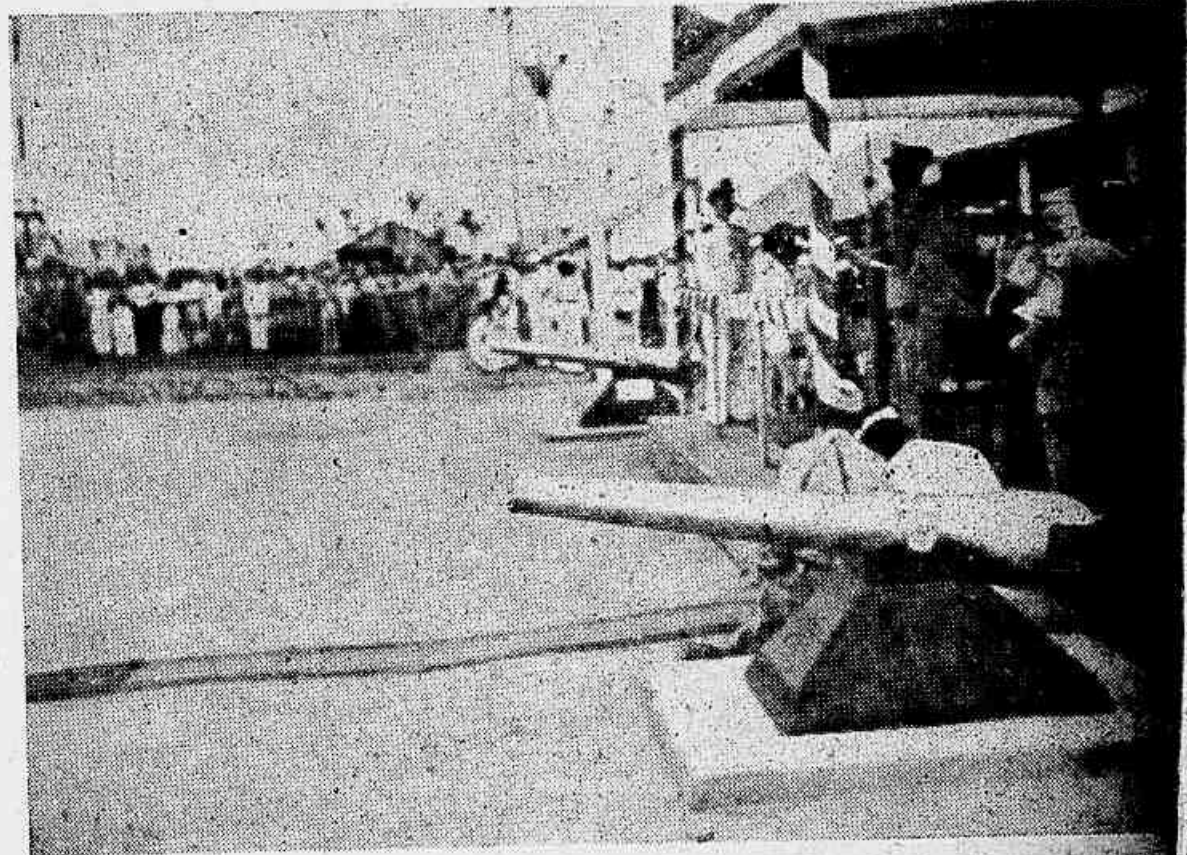
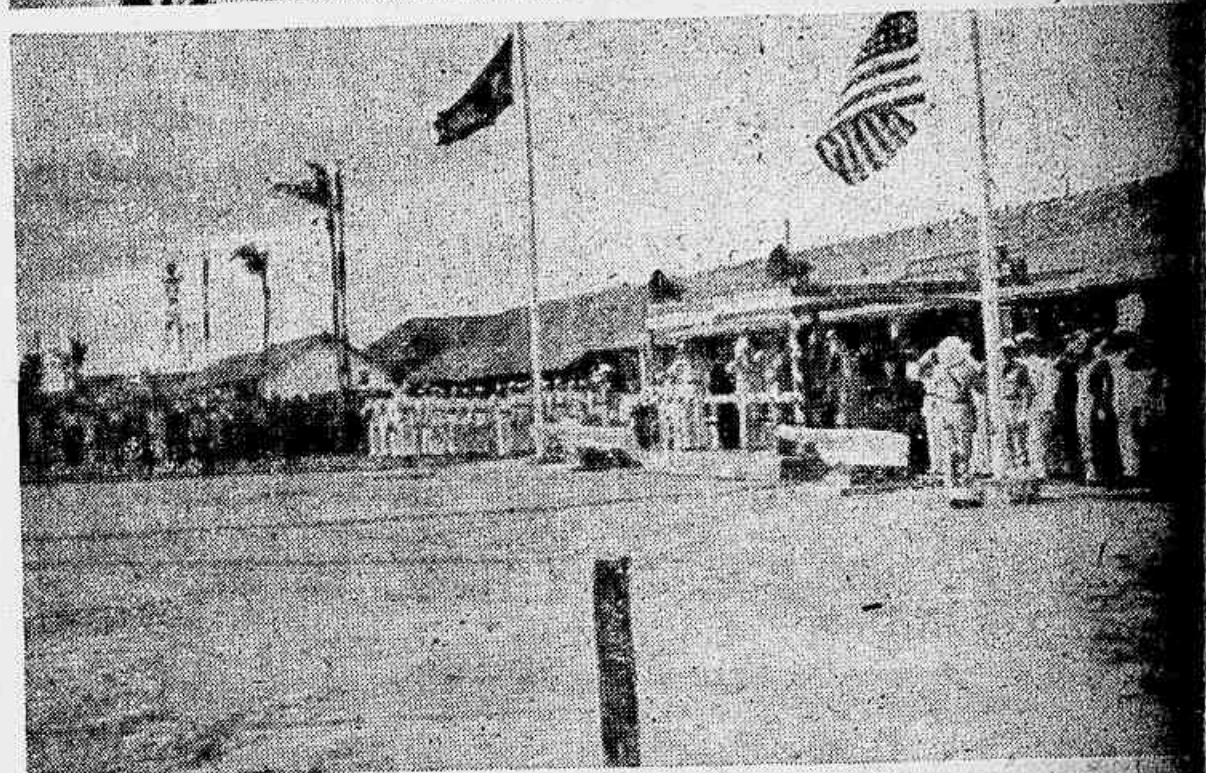
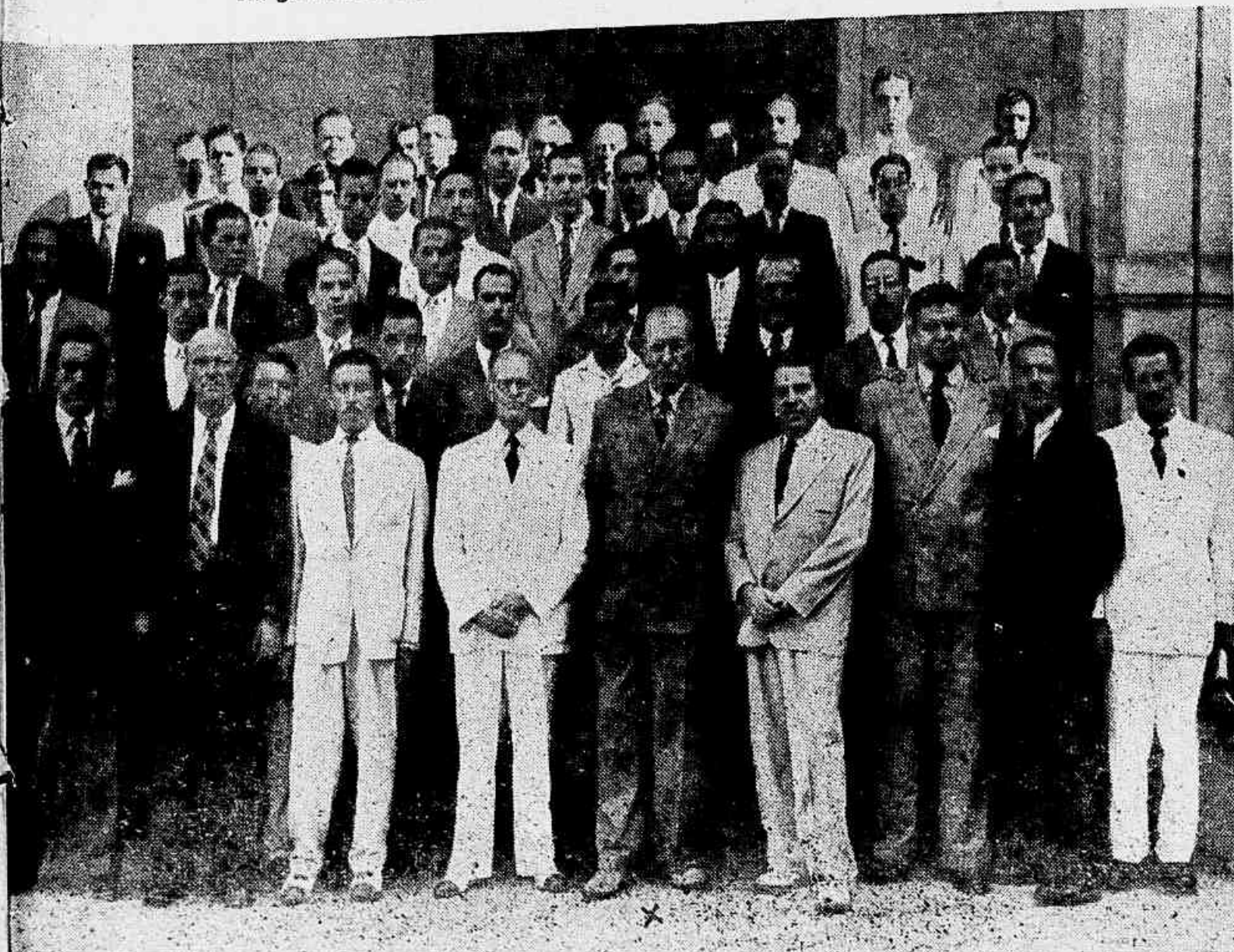
Norka Rouskaya, a conhecida artista suíça, bailarina e violinista de renome, cujos recitais foram sempre um motivo de legítimo sucesso, está novamente no Rio, depois de prolongada ausência. A intérprete aplaudida de "Le Chevalier de la rose" visitou-nos para comunicar que proximamente vai reaparecer ao nosso público.



A menina Mirtes, filhinha do casal Heidelberg Antonio Lessa-Iracema da Rocha Lessa, numa fotografia feita no dia de seu batizado.

FIGURAS E FATOS

No Gabinete Fotocartográfico do Ministério da Guerra realizou-se a solenidade da passagem da chefia daquela repartição, pelo sr. Antonio Luiz de Freitas Pereira ao seu substituto legal, sr. Luiz Gomes Loureiro, que se vê na gravura à direita falando em nome de seus companheiros. A cerimônia foi presidida pelo coronel Bina Machado, representante do ministro da Guerra. Na gravura à esquerda o antigo e o novo chefe, tendo ao lado o sr. Alberto Lima.



O ANIVERSARIO DE GEORGE WASHINGTON EM NATAL. — Comemorada a grande data americana no Campo de Parnámerim, com a entrega de dois canhões históricos pelo Comando Naval do Norte, no Quartel das Fôrças Norte-Americanas. Nas gravuras, três instantâneos dessa solenidade.



Livros

Novos

ELA É APENAS MULHER, romance de Maria Archer — Parceria A. M. Pereira — Lisboa, 1944.



É uma obra de observação. Observação rigorosa, insistente, meticulosa — e implacável. A romancista conhece bem de perto, poderíamos até dizer por dentro, um meio a que evidentemente não pertence. É a baixa burguezia de Lisboa, um tanto misturada com as camadas populares e na qual, de vez em quando, surgem tipos de D. João reles e de fadista disfarçado.

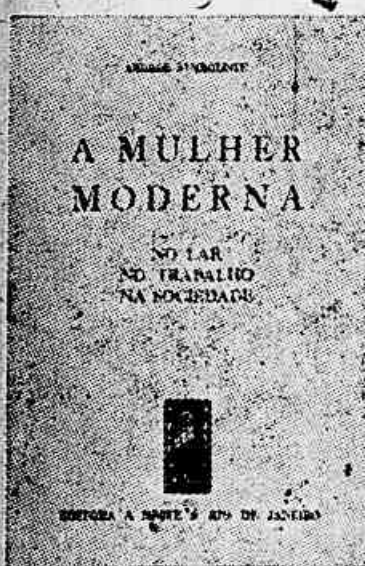
Para casa duma tia abastada e sovina, vem do seu Alentejo natal, a pretexto de fazer companhia e ministrar desvelos familiares, uma bonita, robusta, sincera moça chamada Esmeralda. Traz na cabeça e no coração o sonho mais venturoso. Pelo caminho, imagina-se morando numa espécie de palácio, acarinhada como filha, num ambiente perfeito de beleza, abastança e alegria. No momento de chegar àquele destino que previra maravilhoso, sofre a primeira decepção. A rua é feia, a casa vulgaríssima. Resigna-se como pode. Não tarda, porém, a sofrer outros golpes da realidade inimiga. A tia é egoísta, estúpida, rabuenta; e a verdadeira situação de Esmeralda, lá em casa, logo se reduz à de criada sem ordenado. A rapariga, receiosa de voltar para os pais que de certo não acreditariam na verdade e lhe não dariam razão, continua a aguentar e a reagir como pode. Com a aquiescência da velha parente, que só espreita motivos de economia e porventura de lucro, trata de tirar um "curso" de costura, com a esperança de, mais tarde, abrir um atelier, fazer talvez fortuna. Mas, na escola e pelas ruas, os costumes da cidade entram a afetar-lhe a bela honradez aldeã. Já repara nos homens que a olham intencionalmente, escuta e aprecia os ditos de madrilgal ordinário que a sua passagem provoca... Um Lovelace de menos de meia tigela a persegue, perturba, desencaminha, abandona. Esmeralda, conhece o martírio, feito de insultos e ameaças, das raparigas que querem trabalhar no comércio e são pelo patrão ou o gerente requestadas e, em razão da recusa honesta, despedidas. E as ladeiras de Lisboa todos os dias a fazem subir um calvário...

A romancista acompanha aquelas humilhações e aqueles tormentos, passo a passo, e, obrigando-nos a segui-la pelo prestígio dum estilo franco, desenvolto, de simpática "facilidade", não nos poupa episódio, nem passagem nem detalhe das pobres aventuras da moçoila alentejana na capital da sua utopia. Por fim, cansada dos sofrimentos da triste heroína, a romancista decide tanto quanto possível a recompensar. Esmeralda casou com um excelente rapaz, cheio de amor ingênuo e de cega confiança; mora numa linda casa, é quase rica, é feliz, engana o marido — e já uma vizinha a aponta admirativamente às filhas, incitando-as a seguir-lhe o exemplo.

Como se vê, não foi o cuidado da fabulação, o princípio tolstoriano, edificante e redentor, que guiou a imaginação e a pena da Sra. Maria Archer na composição do seu romance. Não faltam, porém à obra, como já assinalámos, requisitos que a recomendem. É a exatidão descritiva, o traço vivo, flagrante, a verdade das figuras e das cenas — apesar da extensão dalgumas destas e da supérflua minuciosidade — fazem da Sra. Archer uma escritora naturalista das mais dignas de atenção e de louvor.



A MULHER MODERNA, no lar, no trabalho, na sociedade, por Andrée Symboliste — Editora A Noite — Rio de Janeiro, 1945.



A Sra. Andrée Symboliste não pertence à escola literária em que o seu sobrenome logo faz pensar. Tanto melhor para a natureza e destino deste livro, quer dizer: para a própria autora e todos os seus leitores.

É um livro de observação psicológica e doutrinação social. Estuda as tendências gerais ou mais frequentes da mulher destes tempos; e cuida de encaminhar esses pendores no sentido de a tornar mais feliz — e, por conseguinte ao homem também. Do amor que as mulheres sintam ou não, mais cedo ou mais tarde, experimentar, trata o livro repetida e profusamente. É, com efeito, um leit-motiv que nunca filósofos nem poetas glosarão demasiadamente. Sobre tal assunto poderá sempre haver alguma coisa de novo a revelar ou imaginar. A Sra. Andrée Symboliste procura ensinar a eterna arte, não como o velho Ovídio ou o contemporâneo Marcel Prévost — que, afinal, não passavam de homens — mas dum modo principalmente feminino. São as ilusões e os triunfos bem como os desenganos e infortúnios da Mulher de hoje, e porventura

da Mulher de amanhã, que lhe interessam a ponto de vir assim, através de duzentas páginas, dizer o que observa, o que pensa e o que deseja ver realizado. Começa logicamente, pelo princípio, pelo primeiro amor, isto é: pelo da adolescência, pois não acha útil nem de qualquer forma necessário referir-se ao caso que inspirou *Une page d'amour* de Zola. E não hesita em declarar, como já outros psicólogos da especialidade, haviam afirmado, que, na primeira juventude o sentimentalismo afectivo se apresenta mais difícil de estudar e definir do que em qualquer outra idade: "O coração de uma adolescente, às portas da vida, é um problema complexo, onde reina uma efervescência incessante, revoltas ingênuas, alguma coisa de artificial, de contraditório, de incoerente". Não há, porém, contradições nem simulações que façam a Sra. Symboliste desistir do seu propósito de exame e comentário. Por mais de um capítulo ela insiste em analisar, do ponto de vista amoroso, aquela idade que Pailleron qualificou de ingrata e tantos outros teem considerado a mais bela e venturosa da vida. Seguem-se as páginas intituladas *Vinte anos*. E vêm daí por diante as questões que se relacionam com o casamento. As sogras têm o seu capítulo especial e recebem os conselhos que a autora prodigaliza, não perde ensejo de distribuir e que todas as mulheres, como os homens também, lhe devem agradecer. As senhoras propriamente chamadas de idade ou de certa idade — expressão esta que começa a ser empregada quando a idade se torna incerta — é que não entram nas cogitações nem compartilham das recomendações da escritora. E com razão. Para que? Ou sabem tudo ou o que se lhes revele de nada já lhes poderá servir.

A autora da *Mulher Moderna* é uma escritora de estilo claro, agil, perfeitamente simpático; e, como se vê pelo retrato que acompanha o livro, é ainda uma bela senhora — *ce qui ne gâche rien*.

NOVOS CONTOS DA MONTANHA, de Miguel Torga — Coimbra Editora — Coimbra, 1944.



A guerra, com a falta de navios, a dificuldade de todos os transportes, todas as comunicações, retardou-nos o conhecimento dalguns escritores portugueses cujas obras bem mereciam atravessar as fronteiras e os mares. Está neste caso o Sr. Miguel Torga, autor de seis volumes de versos e dez ou doze de prosa, e que só agora — graças, ainda assim, ao prestígio da Casa Livros de Portugal — se nos revela deste lado do Atlântico.

É um narrador em tudo e por tudo admirável. O seu estilo traz uma feição diferente e cativante à literatura do gênero, na alta acepção do termo, regional. Distingue-se por uma sobriedade robusta, veemente, um tanto perturbadora na primeira impressão, mas que depois, a cada momento, nos vai surpreendendo e cada vez mais nos empolga pela força expressiva, o processo de dizer a verdade, verdadeiramente a interpretando. A maneira deste escritor oferece-nos uma naturalidade em que tanto acreditá-riamos haver o ímpeto duma pena a toda a velocidade como a labuta apaixonada e tenaz de que deixaram exemplos gloriosos: Flaubert na prosa francesa, e no lirismo português

João de Deus. A propriedade de sentido e de frase que domina no presente livro, e a que temos vontade de chamar perfeita, assume todos os poderes eloquentes e todos os efeitos de emoção. Vai da poesia pura à jovialidade franca, um tanto despida por vezes, nunca perversa ou cínica, à melancolia mais envolvente e ao tormento mais patético. E, como dá o enlevo sutil e o ditoso êxtase, inflige o golpe brutal na sensibilidade da gente — brutal mas que faz bem porque nunca deixa de trazer consigo o condão da beleza e a essência da arte.

Os contos de Miguel Torga situam-se numa localidade ou numa série de povoados perto da fronteira com a Espanha. O primeiro, que se intitula *Alma Grande*, comporta um assunto monstruoso que se torna belíssimo. Trata-se duma prática ou profissão nunca existente na parte mais nossa conhecida e amada de Portugal. É o "abafador", um brutamonte especialista e insensível que "ajuda", os enfermos desenganados a acabar de sofrer. Para isso fica a sós com o padecente. Certa vez, porém, um rapazinho, uma criança ainda, entra no quarto; quando o pai, Isaac, estava prestes a sucumbir à operação. O Alma Grande não pode concluir, retira-se desapontado. Mas o doente melhora. E, desde que lhe voltam as forças, só pensa em se vingar pelo mesmo processo do "abafador". Também a criança não pensa senão naquilo que surpreendeu mas de que não chegou a fazer idéia... Um dia, em lugar deserto, vem o momento propício para o desfecho que o Alma Grande andou apavoradamente evitando e a que o pequeno, ainda uma vez intrusamente, assiste duma elevação próxima. Luta corpo a corpo, em que cada contendor sabe bem o que lhe sucederá se for vencido:

"Mas o Isaac era o mais novo e o mais forte. E, quando o Alma-Grande foi a dar conta, estava no chão, de costas, com o pescoço apertado nas mãos do outro e com dar tábua do coração sob o péso infinito de um joelho.

— Não... Não...

O pequeno, do peneiro, via a cara congestionada do Alma-Grande, e ouvia o esforço do seu peito para forçar o garrote.

— Não...

Seguras, inexoráveis, as mãos iam apertando sempre. E, com mais um estertor apenas, estavam em paz os três. O Isaac tinha a sua vingança, o Alma-Grande já não tinha medo, e a criança compreendera, afinal."

Depois da simplicidade tão profundamente impressionadora desta peça inicial, ninguém, estamos certos, deixará de ler, tanto quanto possível sem interrupções nem delongas, as duzentas páginas do livro.



TIERRA EN FLOR, "mapa lírico del Brasil", versos de Osvaldo Orico, da Academia Brasileira — Editorial Nascimento — Santiago de Chile, 1945.

Um livro inspirado, diríamos até ditado, verso a verso, pela Saudade. A Saudade é aqui a musa, o tema e o objecto estremecido da oferta. Todas as estrofes, todas as imagens, todas as rimas se animam da imagem da terra distante e inolvidável. De todas as maneiras a retratam e cultuam. Assim estes versos, ora, empregando a perspectiva e os valores das telas panorâmicas, pintam montanhas, rios, praias, planícies e socavões, tudo isso coberto dum sol que, avistado da sombra da nostalgia, flameja e resplandece como nunca; ora, espalhando as tintas leves da aguarela, interpretam crepúsculos do nascer e do morrer do dia, manhãs impregnadas de neblina, tardes entre e encobertas, de mormaço; ora ainda, em escorços a *crayon*, precipitados e flagrantes, oferecem vista de cidades: Belém, São Luís, Fortaleza, Recife, Rio de Janeiro, uma dúzia de cidades que condensam o mapa característico do Brasil. Nem empro os versos são classicamente metrificadas e postos em ordem; mas, em geral, o poeta respeita o princípio musical da rima. Nos esboços mesmos de aspectos urbanos, em que ele mais impetuosamente se liberta das normas consagradas, obedece, como a elemento imprescindível, àquela condição melodiosa. E assim o livro, mantendo ou abolindo os ritmos, canta sempre.

Para não escolher, para evitar o tormento da hesitação, tomemos a bela página inicial, cujo fecho é belíssimo:

Tierra en flor. Aromal. Primavera. Un mundo verde brotó de tu mapa sin fronteras.
Un mundo vagabundo, transparente y profundo,
que canta al mar en la canción de las playas
y reza al cielo en la voz de las cordilleras.

En tu amanecer, espantada de sol;
en tu atardecer, colorida de luz;
en tu anochecer, roconada de estrellas;

recibe en tus manos mi ofrenda,
y dame tu cuerpo de playa y de selva,
que tiene gusto de carne y gusto de leyenda.

De tanto andar perdido vuelvo a tu amor,
flor de las tierras, serás siempre tierra en flor!



*Deixo repousar mi frente cansada
em la almohada de sombra de tu noche aromada;
bajo tu cielo, jardín de luces florando,
con cinco estrelas juntas azechando
y donde mi saudade está crucificada.*

Compõem a segunda parte do volume as poesias que o Sr. Osvaldo Orico mesmo transportou para o castelhano. A versão é realmente esmerada. E pela primeira vez, sem dúvida, um poeta deixa de dar razão ao velho axioma autoral: *traduttore, traditore*.



A DANSA DAS FOLHAS MORTAS, "poemas" de Alexandrino Souto — Edição do autor — Rio de Janeiro, 1945.

A DANSA DAS FOLHAS MORTAS

POEMAS
DE
ALEXANDRINO DE SOUTO

Poemas chama o Sr. Alexandrino de Souto às composições que formam este volume. Não lhes chamaremos outra coisa. A questão tem sido por de mais debatida; e há muito não vale a pena insistir nela. Poemas, *Poemas em prosa*, como lhes chamou Baudelaire, *Canções sem metro*, como preferiu Raul Pompeia, os trabalhos do Sr. Souto deixam-nos apreciar, na sua disposição gráfica irregularmente fraccionada, uma sensibilidade fina, de fácil vibração e que não raro se define em imagens de cativante poesia. As composições Balada dos meninos felizes, Retrato de Mãe Maria, Retrato de Pai João, Poema duma noite de Carnaval, outros ainda assumem veemente poder evocativo. E, de vez em quando, o poeta, como esquecido do propósito de não metrificicar nem rimar, inclui na obra alguns versos autênticos e algumas consonâncias musicais, assim, por exemplo, na página intitulada *Desilusão*:

*Chovia tanto quando vieste, querida.
Lembras-te? Foi numa tarde fria.
O vento em furia desfolhava,
as pobres árvores desfolhava e retercia.
Mas, alheios à chuva daquela tarde comprida,
nós cantamos o hino alegre da nossa mocidade,
e nos embelegamos de felicidade...*

*H je uma paz enorme envolve o ambiente.
A tarde desmaia serena, luminosa.
A brisa vem brincar de manso, cariciosa,
sobre a cabeleira verde das árvores do jardim.
Entretanto tudo me parece triste e diferente,
porque, minha amada, tu fugiste de mim...*



VERSOS QUE E NÃO RASQUEI, de Heitor Maurano — São Paulo, 1944.



Se o Sr. Heitor Maurano rasgasse as poesias que formam o presente volume, fatalmente se arrependeria, salvo se, tendo-as guardado na memória, as pudesse recompor, a todas. Sem este recurso, poderia até suceder-lhe, embora em feição menos grave, caso análogo ao do apaixonado que, em momento de desespero, rasgou em pedacinhos e atirou pela janela as cartas da amante; correu logo depois a apanhar na rua os fragmentos dispersos; e passou o resto da vida na ânsia de ajustar, como num *puzzle* inextinguível os diminutos destroços daquela ventura perdida.

O Sr. Maurano tem obrigação de prezar os seus versos, em primeiro lugar, está visto, por serem seus e depois por lhes não faltar beleza nem sentimento. Grande parte deles se inspiram em motivos campestres. Traçam nítida e firmemente, como desenhos à pena — a bico de pena, dizem os sabichões — paisagens sem dúvida familiares; celebram a plumagem e a música de passaros inúmeras vezes contemplados ou estudados: o nhambú, o urutau, a anhuma, o caboré, sem esquecer, falta imperdoável num rimador, o sagrado sabiá; banham-se de frescura e de luz

à flor dos rios plácidos; gozam a sombra das grandes árvores tutelares — e deitas se e impressionante soneto que se intitula *A caxinguba*:

*A caxinguba! As sofregas raízes
Alingiram o chão! E a estranha juba
Mata os últimos galhos infelizes,
Traíndo a seiva que a sustenta e aduba!*

*Com a mesma audácia e as mesmas diretrizes,
Também o amor, traídoeira caxinguba,
Ostentando os mais pútridos matizes,
A breve espaço, ao coração derruba!*

*Não me censure, pois, por ter pecado...
Ante o poder do parasita ousado,
Todo resguardo é puramente vão!*

*Ele exauriu-me o coração inteiro;
Por isso, embora ardente qual braseiro,
Vive o meu peito assim, sem coração!*

J. L.



CONSTRUÇÃO DAS ESTRADAS. — Jeronymo Monteiro Filho. — Editora Científica. — Rio, 1945.

O Sr. Jeronymo Monteiro Filho, ilustre engenheiro patricio, catedrático da Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, é, sem favor, figura das mais destacadas, no meio brasileiro. E, sem prejuízo da brilhante carreira que tem feito como homem publico, tem aprimorado sua cultura e vem produzindo sempre obras de real interesse, entre as quais a mais importante é, sem dúvida, a de que tratamos.

Construção das Estradas, em dois volumes ilustrados, é obra que revela os grandes conhecimentos especializados do autor de par com a sua cultura geral, tudo a serviço do mais importante problema nacional: a construção do plano de comunicações terrestres pelo qual todo o país anseia.

Já em 3.^a edição, *Construção de Estradas* é livro que prescinde de apresentação: estudantes, engenheiros e professores já lhe deram a mais franca aprovação.

**ESTE É O CHARUTO
VITORIOSO**



**PRINCE
DE GALES**
UM PRODUTO
COSTA PENNA

A mulher de Paris e Londres

Paris (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extraídos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-racional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada, oferece o máximo de

sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá! Peça a fórmula dragéias "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO



Modelos

1 — Duas peças bastante juvenis, em shantung liso para a saia e pala, e listrado de várias cores para o blusão. 2 — Vestido original, em três tons diferentes. Grosso cordão forma os bolsos. 3 — Gracioso modelo em algodão escocês. 4 — Um grande bolso tecido em lã, a tiracolo, dá uma nota de originalidade a este modelo. 5 — Vestido em dois tons, abotoado dos lados com botões dourados. 6 — Em branco e azul é feito este interessante modelo, com grandes bolsos na saia.

Recorte na blusa terminando em laço.

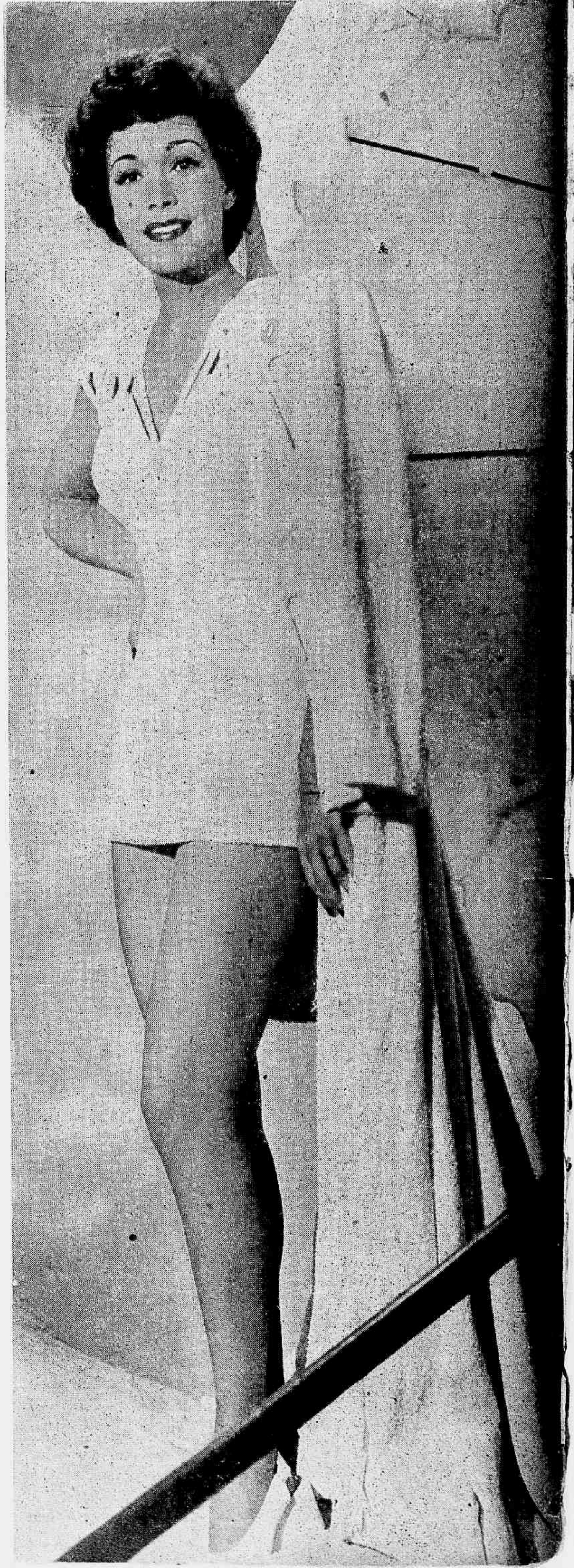
Vestido cõr de areia, apresentado por Jeff Donnel, da Columbia.

O corpo é comprido, e o decote aberto para os lados.

Interessante "movimento" na saia.



Em crepe esponjoso branco é feito êste elegantíssimo conjunto de Jane Wyman (Warner), para praia, composto de "maillot" e "robe". Grossos cordões prendem os ombros do "maillot" e são também alicados na "robe".





Agora que a verdadeira temporada de bons filmes está começando, a United Artists prepara o lançamento de um espetáculo promissor: "Desde que partiste", para reaparecimento de Shirley Temple, com Claudette Colbert, Joseph Cotten, Jennifer Jones, Monty Woolley, Lionel Barrymore e Robert Walker. A direção de John Cromwell vale por uma garantia ainda maior. Damos nesta página alguns flagrantes do filme em que reaparece a protagonista de "A Canção de Bernadette".



GRAFICAS DE HOLLYWOOD

"Desde que partiste" é a história de uma modesta família, o lar dos Hilton, em uma pequena cidade rural dos Estados Unidos, a qual pode simbolizar qualquer família norte-americana. O ambiente desse lar típico foi captado por David O. Selznick com muita arte e sensibilidade. Vez alguma um conjunto estelar de semelhante grandeza se reuniu, colaborando numa obra que foi muito justamente denominada "um hino à América, um canto poético aos nossos amigos e aliados".

46

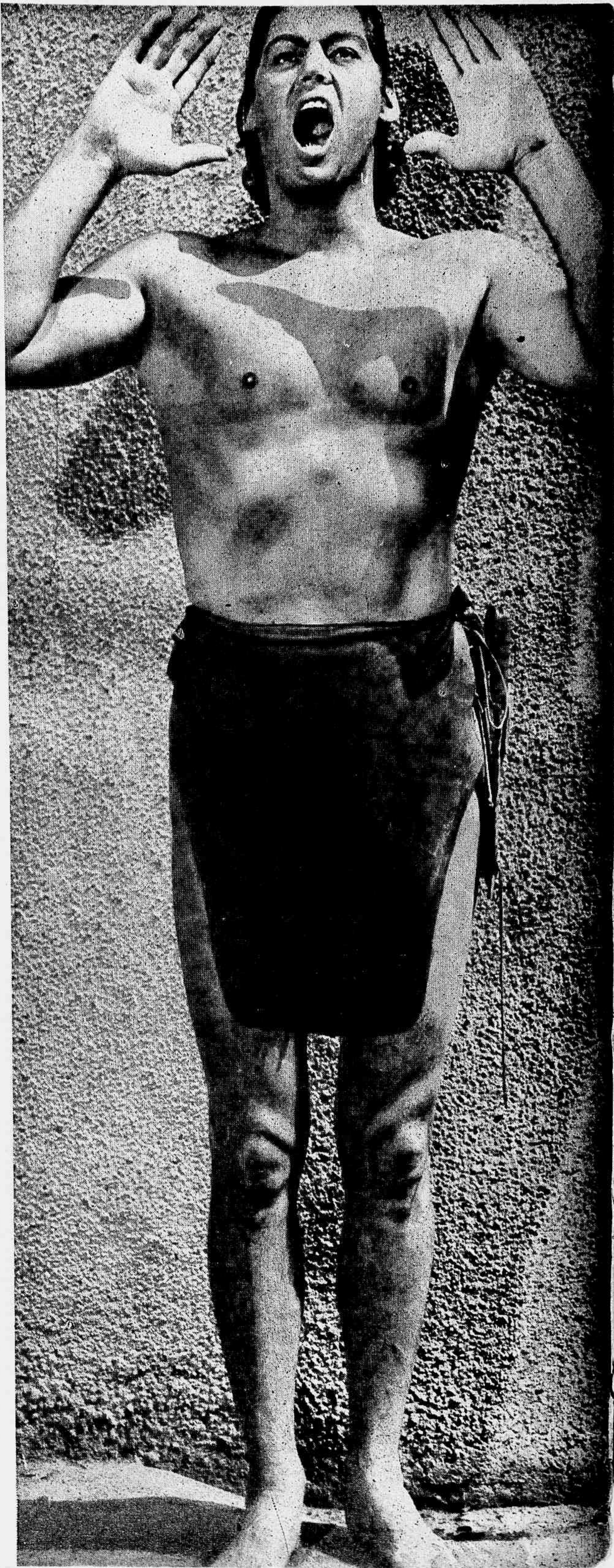
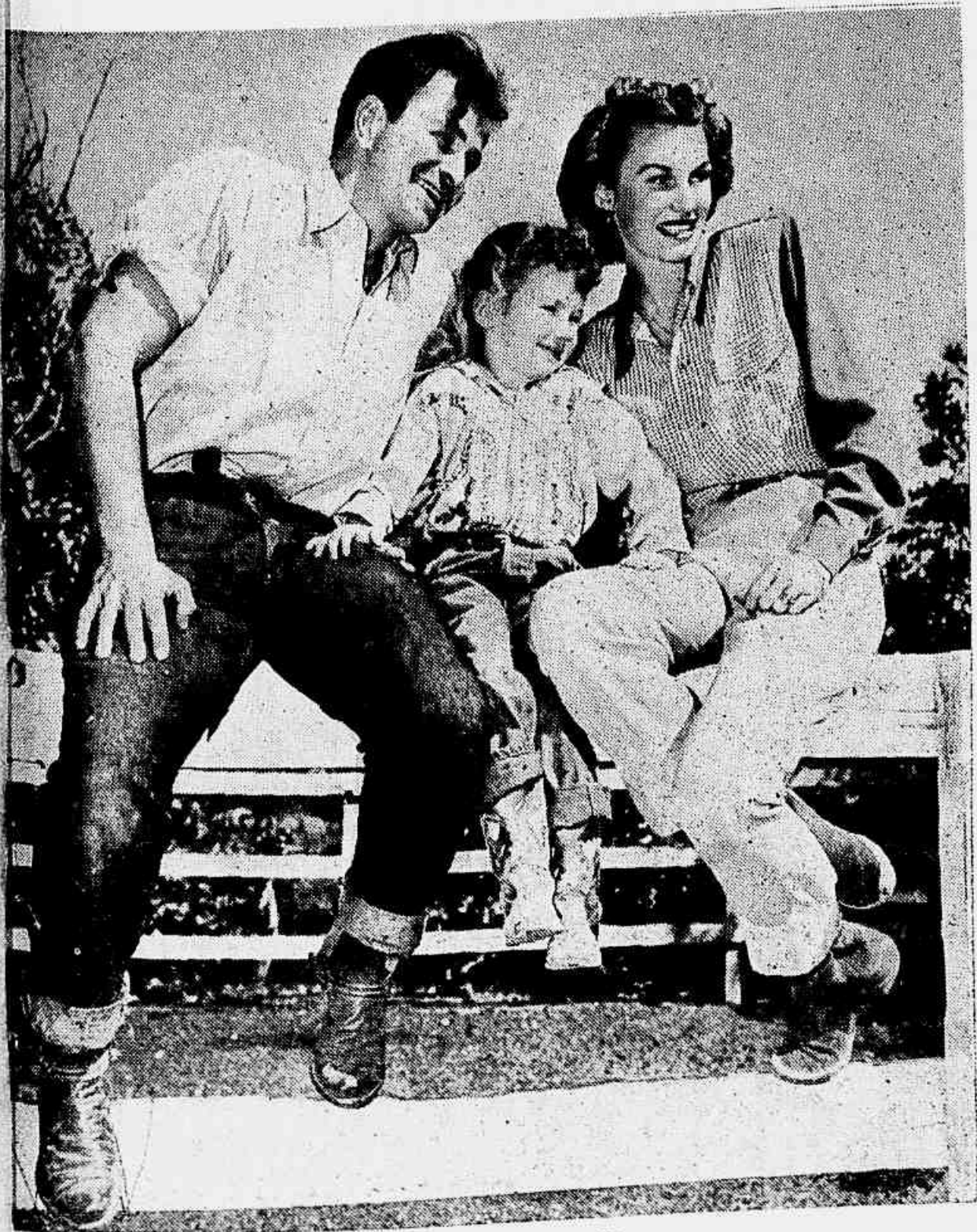




A mais recente pôse de Gloria Jean, que está ficando uma deliciosa e encantadora "estrelinha" juvenil. Aqui a vemos na protagonista de "O Milagre da Fé", posado com Alan Curtis e revelando-se uma boa amiga das aves e dos bichinhos.

Johnny Weissmuller não pensa em abandonar o seu clássico tipo de Tarzan, talvez porque em outra coisa não conseguisse manter os salários excelentes que está percebendo. Ei-lo, soltando o seu grito de guerra, na atitude costumeira dos filmes — e das novelas de rádio...

Noah Beery, Jr., filho do antigo vilão do cinema mudo, e sobrinho de Wallace Beery, é casado com a filha do falecido Buck Jones, tendo o casal uma filha que atende pelo apelido "Muffet". Aqui estão, num dia de folga, visitando a fazenda em que se dedicam à criação de porcos, galinhas, etc...



ALGUNS CONSELHOS

Os vasos que tenham contido leite devem, antes de ser lavados com água quente, ser enxaguados com água fria.

As esponjas de banho e outras conservam-se sempre macias e assejadas mergulhando-as em água fresca e limpa, na qual se tenha espremido o sumo de um limão.

O sal misturado com sumo de limão limpa perfeitamente todos os objetos oxidados.

Para conservar o queijo, e evitar que adquira bolor, basta envolvê-lo num guardanapo embebido em vinagre e bem escorrido.

Num jantar de cerimônia os lugares se dividem à direita e à esquerda dos donos da casa, sendo os mais honoríficos os da direita e por ordem de proximidade.

A vitamina A é a que constrói o organismo. Ela é contida principalmente no creme, no queijo e na gema de ovo.



MAKE-UP

Antes de aplicar o seu "make-up" estude bem os seus traços, é o que nos ensina Mr. Seiderman, do Departamento de Maquillage da RKO Radio. Aqui está ele fazendo experiências com Nancy Kelly. Pelo resultado obtido verifica-se que Mr. Seiderman é de fato "bamba" no assunto, e que Miss Nancy é realmente um "pedaço" de pequena.

SEGREDOS DO CORAÇÃO



A REVISTA DA SEMANA resolveu criar esta nova seção, que vai ao encontro dos desejos de centenas de nossas leitoras, que constantemente nos vêm escrevendo pedindo para criarmos uma seção para onde pudessem enviar, confiantes, os seus "segredos do coração", e onde encontrassem um coração amigo que as aconselhasse nos momentos de dúvida.

Está portanto satisfeito o pedido das nossas leitoras.

Anamaria se encarregará de ouvi-las e procurará sempre, não encontrar uma solução para cada caso, mas dar sua opinião honesta e sincera, toda vez que ela for solicitada.

Talvez Anamaria seja rude de vez em quando; talvez não dê à leitora a resposta que ela gostaria de ouvir, mas de uma coisa esteja certa a leitora: seja qual for a opinião que ela tenha sobre o seu caso, essa opinião lhe será dada; principalmente agora, que existe liberdade de imprensa...

Escrevam pois a Anamaria, para a redação desta revista (Rua Visconde de Maranguape, 15, 1.º and.), revelando seus "segredos do coração", e todas serão atendidas o mais prontamente possível.

Anamaria

Veraneio na Cidade Balnearia de ARAXÁ



ram tomadas tendentes a facilitar o afluxo daqueles que nesses dias de verão procuram a maior, a mais nova e a mais bem aparelhada das estâncias balneárias brasileiras.

O primeiro veraneio oficial da nova "cidade balneária de Araxá" tem constituído o maior atestado da benemerência social e do alto alcance econômico das grandiosas obras que naquele recanto de Minas foram levadas a efeito pelo atual governo de Minas. Obras destinadas a servir à saúde do povo, sem distinção de classes nem de padrões de vida, pois delas podem beneficiar-se ricos e pobres, elas abriram ao turismo brasileiro um novo e amplo campo de ação.

O Grande Hotel de Araxá, um hotel que é um mundo em miniatura e onde se hospedam os veranistas de padrões de vida mais elevados, tem estado completa e constantemente repleto de pessoas vindas de tôdas as partes do país à busca de saúde e de repouso que lhes oferece a maravilhosa estância mineira.

Inúmeras iniciativas, como aumento de linhas aéreas, aumento de composições ferroviárias, fo-

As fotos desta página dão-nos idéia bastante expressiva do que tem sido o veraneio atual em Araxá. Nela vemos uma vista geral da grande estância, flagrantes tomados na "boite", no jardim de inverno do Grande Hotel, e aspectos tomados no magnífico parque que circunda o hotel e o balneário.





Para conservar a sua cutis jovem e formosa,
eliminando as rugos e a flacidez dos tecidos,

use o

**CREME ANTI-RUGAS,
de Mme. Graça**

Um produto para
defender a beleza
da mulher de trato.



CATÁLOGO GRATIS PELO CORREIO

Distribuidores Gerais: Espanha Paramés & Irmão
Rua da Alfandega, 181 - Rio



FIM DE VERÃO

1 — De grande efeito
é este modelo, em crepe
cinza com aplicações
no decote e na
saia. 2 — Realmente
elegante é este modelo
com saia de crepe
preto; blusa de mouseline
com rendas.



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

A Casa do Estudante, de Londres

(Copyright do B. N. S.
Especial para a REVISTA DA SEMANA)

Londres, março — Num mundo em que a cooperação internacional tem sido muito pregada, mas pouco praticada, pelo menos uma semente de amizade entre os povos germinou, e está sendo cultivada mesmo em meio os horrores e as dificuldades de uma das mais terríveis guerras da história, podendo produzir frutos de inestimável valor para os dias de paz que não tardarão. Há uma casa em Londres onde jovens de ambos os sexos, estudantes de todas as partes do mundo, se reúnem para

SALINO

(Continuação da página 24)

comer carne de bôto. Provaram o manjar apeteído pelo deturbado paladar de dona Tilinha, mas oh surpresa! A carne era deliciosa. O dr. Fernando achou-a também excelente. Tilinha garantiu que jamais comeria carne tão saborosa. Repetiram e tornaram a comer outro pedaço... Fartaram-se da tal carne, que foi elogiada, já pelo sabor ou mesmo pelo preparo que recebera das mãos habilidosas de Salino, que recebeu os maiores encômios como se fora um esplêndido cozinheiro.

E já em casa à noite ele dizia a Alzira, sua mulher:

— Hoje sai de boa. A danada da muié queria cumê bôto. E eu passei a perna nela.

Riu-se, um riso ladino, satisfeito e satisfeito.

— O que é que tu deu p'ra ela? — perguntou curiosa Alzira.

— Um jacarezinho que eu comprei em Mangaratiba. Ela nem estranhou, purquê a carne do bicho é boa mesmo. Onde é que eu ia arranjá bôto?... Foi uma sorte achá o jacaré. Quem não tem cão... U diabo vai sê si ela inventá de cumê um vagão da Centrô à escabeche...

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante".

Experimente-o

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurasenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras dragéias aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem-estar geral.

"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula do Prof. Austregésilo
Remetemos pelo Recibo Postal
Cr\$ 20,00 o vidro
Produtos PANVITAL — Rua da Estréla, 6
RIO DE JANEIRO

conversar e se distrair, e formar ao mesmo tempo verdadeiras e duradouras amizades.

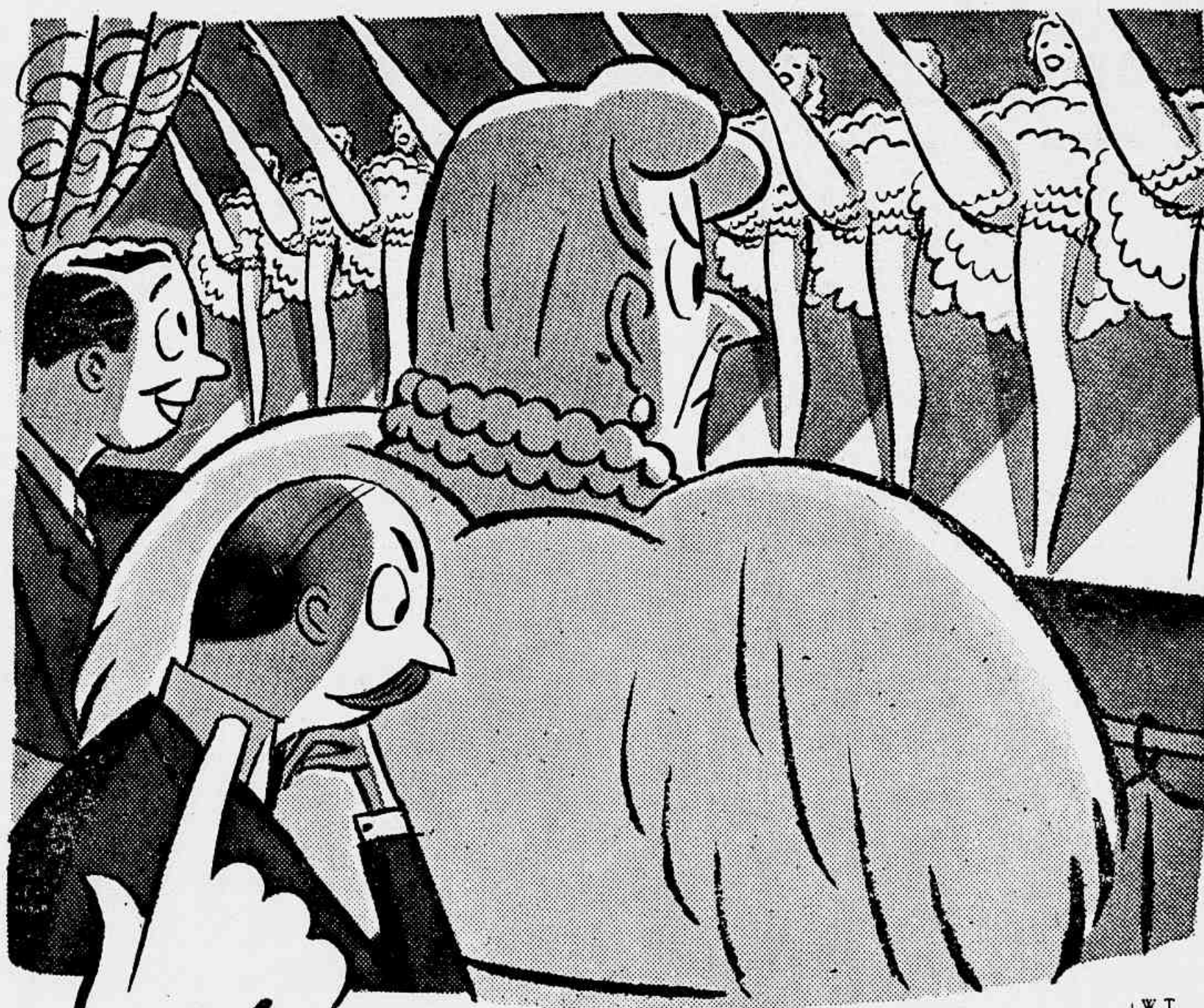
A Casa do Estudante foi fundada durante a primeira Grande Guerra, no outono de 1917, como um monumento aos estudantes britânicos mortos na guerra, e foi sem dúvida um dos monumentos mais úteis já levantados no mundo. No período de anos compreendido entre as duas guerras, quando centenas de estudantes de todas as nações afluíam a Londres, a sala principal do clube se encontrava, na hora do chá, e depois do jantar, sempre repleta de rapazes e moças de uma dúzia de diferentes nacionalidades. Havia escandinavos, indianos, africanos e russos. Representantes de setenta diferentes nações visitaram o clube. Na Sala de Jogos, no sub-solo, chineses jogavam com abissínios, e persas com lituanos. Índus e maometanos eram vistos comendo juntos no restaurante. No Salão da Biblioteca os sócios se entregavam à leitura ou ao estudo. De um total de quase mil sócios, um terço apenas era composto de cidadãos britânicos. Estes não gozavam de qualquer privilégio especial, assistindo-lhes apenas os mesmos direitos que assistiam a qualquer outro sócio de qualquer nacionalidade. A diretoria do clube, a junta através da qual eram admitidos novos sócios, e que nomeava as juntas auxiliares para a bi-

blioteca, sala de jogos, etc., parecia uma pequena Liga das Nações.

Logo durante os primeiros dias de sua fundação, o clube logrou estabelecer uma sólida tradição de amizade e entendimento internacional, de sorte que, ao se convulsionar outra vez o mundo entre 1930 e 1940, esta sociedade pôde manter-se firme e auxiliar os seus sócios nas suas inúmeras dificuldades. Em 1933 principiava a receber os primeiros refugiados da opressão nazista. Mais tarde, despedia-se de seus sócios italianos e abissínios que eram chamados à pátria para tomar parte em uma guerra como inimigos. Ainda mais tarde, presenciou a formação das nuvens negras da guerra, que foram temporariamente dispersas em Munich. Mas tudo isso serviu ainda para pôr mais ênfase na necessidade de um maior entendimento entre as nações, de sorte que, quando em 1938 o clube esteve na iminência de fechar por falta de fundos, conseguiu-se levantar mais de 50.000 libras em donativos, em pouco mais de seis meses.

Finalmente veio a guerra em 1939, e agora o Clube se encontra reduzido a cerca de dois terços do seu número de sócios anterior à guerra. Muitos destes foram exilados de seus próprios países. As línguas alemã e japonesa já não mais se ouvem no Clube. Atingido por bombas, tem ficado várias vezes sem algumas janelas, portas e telhados, e até mesmo sem água e gás durante longos períodos, mas continua sempre. E nos anos de paz que se seguirão após a vitória das Nações Unidas sobre as forças maléficas das potências totalitárias, a Casa do Estudante de Londres passará então às mãos dos estudantes da geração futura uma sólida e vigorosa tradição de amizade internacional, que servirá de guia a um mundo melhor, e em que exista mais tolerância e um melhor entendimento entre os homens.

HEMORRHOIDAS? tome
Lec. 3518-14-3 925 D.N.S.P.
ENCONTRA-SE EM TODAS AS DROGARIAS
Pílulas de Herva de Bicho
CONDICIONAIS! ÓPTIMAS!
INFALLÍVEIS!



*Você não sabe
o que está perdendo...*

...não tomando às refeições

MALZBIER da BRAHMA



É verdade! Perde é em sabor e energias. E perde mais ainda se houver falta de algum alimento em sua mesa. Além de ser uma delícia, Malzbier da Brahma nutre, dada sua riqueza em malte. Por ser ligeiramente doce e de baixo teor alcoólico, essa é a cerveja do lar, que dá redobrado valor e prazer às refeições.

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA

CABELOS BRANCOS?
LOÇÃO
Brilhante

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreta

Informações:
Rua Flach, 163-Rio. T. 29-2940
OLEO — LOÇÃO



DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS. — REGIMES
ALIMENTARES
2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

RUGÔL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

1 — Gracioso vestido preto, com aplicação de piqué branco bordado em
côres 2 — Modelinho em seda preta, com renda preta na gola e no "jabot".
3 — Elegante modelo, com renda colocada de forma original.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

Quinta-feira santa. Dia do máximo esplendor e do supremo amor. Realiza-se no cenáculo a última Ceia. Os doze Apóstolos, confusos, são testemunhas do estupendo e assombroso milagre.

Jesus institui a Santa Eucaristia. Quando o Divino Mestre anunciou aos discípulos este dom do Santíssimo Sacramento, que nos queria deixar, não o puderam acreditar e afastaram-se dele murmurando:

— "Dura é esta linguagem, e quem a pode ouvir"?

Mas o que nunca poderiam imaginar os homens, diz Santo Afonso de Ligório, concebeu e cumpriu o grande amor de Jesus Cristo.

A Eucaristia é a própria do cristianismo, o centro do culto católico, a luz radiosa da fé, o máximo esplendor da Igreja. Jesus, Filho de Deus vivo, afirmou, clara e solenemente a sua presença real na Hóstia Divina.

"Eu sou o pão vivo que desci do Céu". Para que maior certeza da verdade eucarística? A palavra de Cristo é a única palavra que não engana, a única palavra que não mente, a única palavra que ilumina verdadeiramente a todo homem que vem a este mundo.

A Sagrada Eucaristia! Eu não sei explicar a indizível alegria que me invade a alma em presença das belezas empolgantes e das doçuras inefáveis do Redentor do gênero humano no mistério impenetrável do seu amor infinito. O que eu sei é que todas as grandezas e todas as glórias prostram-se aos pés do Tabernáculo. E' a sombra do Sacramento, sob o grande e doce olhar de Jesus, que a ciência humana vem, radiante de felicidade e cheia de esperança, dobrar o joelho diante do único Deus verdadeiro, real e substancialmente presente na Hóstia consagrada.

A verdadeira ciência, irmã gêmea da fé, adora o mistério eucarístico, mistério profundíssimo e divino, insondável como o juízo de Deus. A razão humana, iluminada pela fé, admite a presença real de Jesus Cristo debaixo das aparências do pão e do vinho. O nosso grande Padre Vieira resolve maravilhosamente a dificuldade, dizendo: "Na nutrição natural do corpo humano a substância do pão e do vinho se con-

JESUS CRISTO ESTÁ' NA EUCARISTIA

MONSENHOR MELLO LULA

verte em substância de carne e sangue. Pois se a natureza é poderosa para converter pão e vinho em carne e sangue, em espaço de oito horas, por que não será poderoso Deus a converter pão e vinho em substância de carne e sangue em menos tempo? Para confessar este milagre não é necessário ver que Deus é mais poderoso que a natureza; basta conceder que é mais apressado. O que a natureza faz de vagar, por que o não fará Deus um pouco mais depressa"?

Cristo, de fato, está realmente presente na Eucaristia. Nos mistérios divinos não nos é dado alcançar o *como* e o *porque* deles. Só nos resta, portanto, adorar a eterna sabedoria de Deus e crer firmemente na sua palavra de vida e de imortalidade. Os sábios estão sempre com o mistério ante os olhos. Que sa-

bem eles da essência íntima das cousas? Que dizem do *como* e *porque* dos mistérios naturais? Todas as grandes questões continuam a agitar o espírito humano e os sábios permanecem silenciosamente na sua ignorância — letrada.

Os sábios, quando se deixam guiar exclusivamente pela luz da razão, desprezando a grande luz da fé, cáem, quase sempre, nos mais tristes absurdos. A eucaristia é, realmente, um grande e tremendo mistério; mas o ser ele um mistério é razão para não ser admitida, respeitada e adorada? Si assim é, homens do meu século, temos que negar muitos fenômenos, muitas verdades geralmente conhecidas, pois são e continuam a ser — notem bem — verdadeiros mistérios para a ciência, para a pobre razão humana. Compreendemos nós perfeitamente a luz, a eletri-

dade, o ar, a atração; pô-o, o sono, o som, a digestão, o movimento, a vontade, a nossa própria razão? A eucaristia, portanto, não é contrária á razão: é-lhe superior. O mistério está em toda a parte.

Venture, um dos geniais fundadores da moderna astronomia, dizia simplesmente: "Eu conheço as leis da atração; mas si me perguntarem o que é a atração não sei responder".

Quatrebages, interrogado sobre as origens da nossa espécie, respondeu assim: "não sei".

Esta é a linguagem severa dos grandes gênios. Que muito é, pois, que haja mistério na religião, si todos os entes da natureza são para nós mistérios profundos?

Sábios soberbos, como sois pequeninos em face do mistério!

Ciência humana, ergue-te do pó, contempla o Infinito, deixa as hipóteses, ala-te, como a aguia, ás alturas iluminadas, adora os designios impenetráveis da Eterna Sabedoria, e crê firmemente no adorável mistério eucarístico.

Jesus Cristo está na Eucaristia.

Conselho aos tristes

Devem os tristes fazer um auto-exame para descobrir a causa ou as causas que os acabrunham. Muitas vezes o mal consiste em simples perturbação que, removida, dará em resultado o desaparecimento da tristeza. No estado normal há sempre motivo para encarar a vida com alegria e otimismo. Quando não obtiverem resultado, torna-se necessário recorrer a um médico, que verificará se a tristeza e a depressão nervosa resultam de alguma doença ou de simples alteração do quimismo humano. Neste último caso bastará, muitas vezes, modificar a alimentação e usar um medicamento de base fosfórica para restabelecer-se.

Simplese desequilíbrio da glicemia ou do metabolismo dos açúcares causa desordens nervosas. Estas podem resultar também da falta de elementos fosforados no organismo. A medicina atual tem recursos para ambos os casos. Em se tratando de deficiência de fósforo, a medida é fácil e consiste em algumas injeções de Tonofosfan, que concorrem para que o paciente apresente animadores resultados, logo nas primeiras vinte e quatro horas.

Perfume

Orbleu

de BAZIN

Ouro sobre azul dos perfumes!

A VENDA EM TODO O BRASIL

- Água de Colônia
- Brilhantina
- Extrato
- Loção
- Óleo perfumado
- Pó de Arroz
- Sabonete

Neurastenia? Insônia? Angústia?

BENALSEDATIVO do Sistema Nervoso
Fórmula do Professor Austregésilo.

Ver para crer

(Continuação da página 13)

tos que o fizessem um elemento brilhante na sua profissão.

Estava ali a sua oportunidade. Por que não aproveitá-la?

— Diga-me, por favor, a jornalista não se chama Evelyn Thompson, é loura, deve pesar uns cinquenta e quatro quilos, baixa? Não é verdade que estava vestida de azul marinho?

Eis-me um Sherlock famoso, parecia ber-rar a atitude de Robin. E Wallace abriu a boca espantado.

— Como sabe disso?

Robin refreou um impulso de responder.

— Elementar, meu caro Watson.

Porém notou que Rigby estava sorrindo.

— O senhor cruzou com ela na porta, não é verdade? Ia saindo quando o senhor entrou.

Robin engoliu em seco.

— Exatamente.

Wallace pôs-se também a sorrir e Robin compreendeu que seu prestígio decairia.

— Espero que esta seja a última vez, disse Evelyn, ao sentar-se, cruzando as lindas pernas.

Robin apressou-se em pedir desculpas.

— Desculpe incomodá-la mais uma vez, porém queria fazer-lhe umas perguntas.

Rigby interveiu.

— Permita que antes o apresente: um colega da Scotland Yard, inspetor Robin, srta. Evelyn Thompson.

— Muito prazer.

Robin estava nas nuvens. Mas, a um olhar do americano, percebeu que era tempo de voltar à terra. Fez um esforço e reassumiu a pôse sherlokeana.

— Tenha a bondade de repetir os fatos como se deram, de uma maneira simples e resumida, sem, porém, omitir coisa alguma.

Ela sorriu. Que teria? Olhava-o de uma maneira estranha...

— Pois não, inspetor.

A história nada acrescentou aos fatos que ele já conhecia, e Robin já revia um enorme

fracasso na investigação, fracasso este que se revestiria de um aspecto singularmente trágico, especialmente em virtude da presença de Evelyn.

— Mais alguma coisa, inspetor?

Era evidente que Rigby estava zombando dele. Entretanto, era forçoso assumir um ar despreocupado. Pediu para falar novamente com Loring.

Decididamente, antipatizava com Loring. Mas nada tinha contra ele. Para falar a verdade, nada tinha contra ninguém. Como tinha sido cometido o roubo se a única pessoa que tinha tido oportunidade de fazê-lo era o dono do objeto que tivera considerável prejuízo com o roubo?...

Nada esclarecido. Nada descoberto.

— Mais alguma coisa, inspetor?

Robin foi forçado a confessar que nada mais precisava. Agora tinha todos os dados e só lhe restava uma coisa a fazer: resolver o problema.

Foi Evelyn que lhe ofereceu uma escapatória:

— Está na hora do almoço... Precisam de mim ainda?

Robin afirmou que não.

Ela já ia saindo quando, de repente, voltou-se e disse:

— Os senhores também não vão almoçar? Não aceitam almoçar comigo?

Wallace e Rigby recusaram, polidamente. Mas Robin, naturalmente, aceitou. Não que isso não lhe custasse um esforço, mas era o único recurso de sair dali, além do mais, um almoço, sozinho com ela...

Ela botou de lado o menu, olhou-o bem nos olhos e disse:

— Por que finge ser um detective?

Ele arregalou os olhos:

— Como?

— Perguntei por que finge ser um detective?

— Como sabe?

— Muito simples. Você disse que era um detective. Isso, talvez, eu pudesse acreditar, mas que você fosse um detective inglês de passagem pela América, não posso. Porque eu o vejo, há muito tempo, na rua. Não sei se é porque você mora perto de mim, mas quase todos os dias o vejo. Isso há muitos anos. Além disso, seu sobretudo tem a marca de uma casa americana. E é um sobretudo que evidentemente já teve longo uso. Ora, se você é um inglês que está de passagem na América como é que tem um sobretudo velho fabricado aqui? A única possibilidade é uma loja de roupas de segunda mão. Mas a uma loja de roupas de segunda mão só vão aqueles que não podem comprar roupa nova. Entretanto, se você fosse um detective da Scotland Yard não teria razões para comprar roupa velha, pois estaria muito bem financeiramente. Gostou?

Não posso dizer que ele houvesse ouvido tudo o que ela falou. Muito pelo contrário, ao que parece, ele nem mesmo prestou atenção às suas palavras. Estava absorto na contemplação da sua beleza...

— Por que fez-se passar por detective? Ele voltou à terra novamente.

— Bem.

— Vamos, explique-se.

E, de repente, ele teve uma inspiração. Diria a verdade, era a sua chance. Assim fez.

— Foi por sua causa...

Contou tudo. Contou como a seguia na rua. Como sua imaginação poderosa, alimentada por histórias policiais fizera com que ele criasse na sua imaginação aquele personagem fantástico, como ao vê-la sair daquela loja ele resolvera investigar a causa da sua irritação...

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

Ao terminar ele nem ousou encará-la. Sabia que ela, com certeza, o desprezava. Nem tinha coragem de falar...

Mas como o silêncio se prolongasse ele levantou lentamente os olhos e viu que ela o encarava com um ar espantado:

— Você fez tudo isso só por minha causa?

A única maneira de livrar-se dessa complicação, disse ela, é resolver o caso.

— Mas como?

— Isso depende de você...

— Eu tenho minhas suspeitas, mas não sei de que maneira...

Entretanto, naquele momento, sentindo a ação da inspiração poderosa daqueles olhos azuis que o encaravam, ele pensou:

— Não sei... eu tinha reparado uma coisa. Não me lembro o que... Mas... Que teria sido? Tenho certeza de que era alguma coisa importante, lá na loja... Uma porta que... Ah!

Ele nem se lembrou de que o almoço que tinham ido comer ainda não chegara. Levantou-se e puxou-a pelo braço.

— Achei! Achei!

Rigby já estava começando a desconfiar... Mas, ao ver o jovem de volta com Miss Thompson, tranquilizou-se. Se fosse um impostor, não teria a coragem de voltar... Era verdade que ele não apresentara documento algum, mas...

— Descobri!

Rigby perguntou, espantado:

— O ladrão?

— Não somente isso, mas a maneira pela qual ele conseguiu o seu objetivo. Escute: já viu como uma pessoa pode ser sugestionada pelo hábito?

— Como?

— Wallace estava habituado a ver o cálice famoso, mas a porta é somente metade de vidro: a outra metade é de madeira. Assim Wallace, do lado de fora, via somente que Loring entregara a Miss Thompson um cálice, mas, como esperava que fosse o cálice que ia a leilão, afirmava que era esse. Entretanto ele não podia ver de onde estava o que é que Loring colocara na prateleira. Fiz a experiência e verifiquei isso. Ora, Loring mostrou a Miss Thompson um outro cálice, o que eu provei, pedindo que ela desenhasse o cálice que viu e que somente se parece com o cálice verdadeiro. Loring não contou com a observação minuciosa da reporter... Tinha roubado o cálice na véspera e possuía um alibi a toda a prova. Isto é: a toda a prova é o modo de dizer...

Rigby assobiou:

— Por Deus, você tem razão...

— E' claro que eu tenho razão. Veja com seus próprios olhos.

— E' verdade...

— Bem... Agora me lembro, Miss Thompson, que deixámos o almoço pelo meio...

— E' verdade...

— E se fôssemos terminá-lo?

— Ótima idéia.

— Até breve, Mr. Rigby.

— Até breve. Espero vê-lo muito breve...

— Veremos, veremos...

E Robin saiu — coisa incrível! — com Evelyn pelo braço. Jurou que naquele momento enterraria para sempre o personagem de Scotland Yard que sua imaginação criara, mas acontece que, logo ao transpor a porta, ele já estava longe, muito longe, sonhando...



O caso da criada

(Continuação da pág. 34)

recreações e protestos, ditos ao ouvido do marido, que escutava com um período:

— É, meu amor.

Depois do cinema, David tomou um taxi e deu ordem ao chauffeur para que rodasse pelo parque, procurando de preferência as alamedas escuras. O homem olhou-o com surpresa, mas divisando Cláudia piscou o olho, com ar de cumplicidade:

— Pois não.

Cláudia disse bem alto:

— Francamente, Mr. Holt, quem pensa o senhor que eu sou? Sou uma moça direita e recuso-me a passear com um "gavião" como o senhor em alamedas escuras...

David assumiu a atitude de conquistador profissional:

— E a pulseira de brilhantes que lhe dei?

Cláudia protestou, em tom indignado:

— As minhas carícias, meu caro senhor, são pagas com ouro puro...

David não ficou atrás:

— Nesse caso, entre no carro. No fim da viagem apresentar-me-á a conta...

— Não me esquecerei.

O chauffeur abriu a boca. No interior do carro David e Cláudia riam perdidamente do espanto dele.

Era uma vida alegre a que levavam. Viviam a fazer brincadeiras loucas. Mas a tragédia está sempre esperando os incautos na esquina da vida. David e Cláudia dobraram na rinda e caíram, de repente, num drama tremendo. Berta esperava-os em casa com as malas prontas.

— Minha filha suicidou-se.

Cláudia sentiu morrer o riso nos lábios. David adiantou-se.

— Como foi isso, Berta?

— Recebi um telegrama do marido dela hoje. Ele ficou só com as três crianças...

Cláudia não compreendia...

— Mas por que? Por que?

— Minha filha não tinha coragem de enfrentar a vida. Ela e o marido estavam em dificuldades e... resolveu escolher a solução mais rápida...

— Oh!

Quando Berta partiu, Cláudia disse:

— David, eu estou com remorsos...

— Por que?

— Você sabe o que eu pensei, enquanto Berta me contava a tragédia da filha?

— Que foi?
— Foi mesquinho, meu amor. Sua mulher é um espírito mesquinho, mas — Deus me perdoe — eu não pude deixar de pensar: "E agora... Eu estou sem criada"...
— Você amanhã passa numa agência...

Agência? A primeira empregada que a agência lhe mandou disse:

— Madame, francamente, este emprego, não me serve. Eu quero liberdade e dinheiro.

Diante dessas reivindicações, Cláudia curvou-se.

A segunda criada não admitia crianças. Assim passaram-se quinze dias, um mês. David já entrava em casa com ar desconsolado. E quem não entraria sujeito à culinária encantadoramente absurda de Cláudia?

Afinal, chegou Jane. David perguntou a Cláudia se ela tinha visto a carteira profissional da nova criada.

— Meu Deus, p'ra que? Ela é um amor! É perfeita!

— Eu te conheço, Cláudia.

— Mas...
— Deu referências?
— Deu um número de telefone.
— Você falou para lá?
— Não.
— Então fale.
— P'ra que?

David não respondeu. Olhou para ela, calado.

— Está bem. Não precisa ficar aí imitando Boris Karloff.

Depois de conversar meia hora com a patroa de Jane, Cláudia voltou.

— Então?

— Francamente, David, eu sabia que esse problema de criadas estava horrível, mas nunca pensei que a culpa fosse das patroas.

Contou a ela a história de Jane. Era o drama de uma mulher que casara com um assassino. A patroa a despedira porque ela se recusara a abandoná-lo, insistindo em ir visitá-lo todas as semanas na prisão.

Quando Cláudia acabou de contar a história, David reparou com surpresa que ela estava chorando:

— Que é isso? Não precisa chorar pela miséria dos outros. Já basta a miséria da gente...

— Não é isso!

— Que é então...

— É que eu estava pensando... hum... que... se você matasse alguém e eu fosse me empregar e me despedissem porque eu ia visitar você na prisão, eu virava assassina também e ia para a cadeia com você...

David riu:

— Que imaginação!

— Mas eu matava mesmo!

— Está bem, minha assassinzinha. Vamos jantar.

Naquela noite Cláudia disse a Jane:

— Jane, você precisa escolher o seu dia de folga... Terça-feira serve?

— Está ótimo. Muito obrigado, madame.

— De nada.

Quando Jane saiu, Cláudia disse:

— David!

— Hum?

— Miau!

— Já sei. Está me comprando para ir ao cinema.

Ela riu:

— Você é comprável, moreno?



3 RAZÕES PARA UMA SÓ ESCOLHA!...

★ Quem exige um sabonete fino e de preço econômico - prefere o DORLY. Quem prefere um sabonete consistente e suavemente perfumado - usa o DORLY. Quem usa um sabonete de classe - escolhe também o DORLY, porque o sabonete DORLY - preço por preço é o melhor!

Sabonete DORLY

A VENDA EM TODO O BRASIL

P.F.

O preço desta edição é de Cr\$ 1,50 em todo o Brasil, não podendo ser vendido por preço maior.



Occasiona-lhe sérias preocupações principalmente quando a terrível diarreia ataca-lhe o organismo. Pode-se entretanto evitar esta grave enfermidade com os famosos comprimidos de Eldoformio.

Combata as diarreias infantis com comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.



MALTOGENO
"Granado"

Medicação
tônico - nutritiva
útil às MÃES e
AMAS DE LEITE



T. TARQUINO

fixbril
assenta e dá brilho
ao cabelo!

Está ao alcance de todos a maravilhosa edição do **ALMANAQUE** para 45. A editora atende pelo reembolso.

Rua Maranguape, 15 - Rio

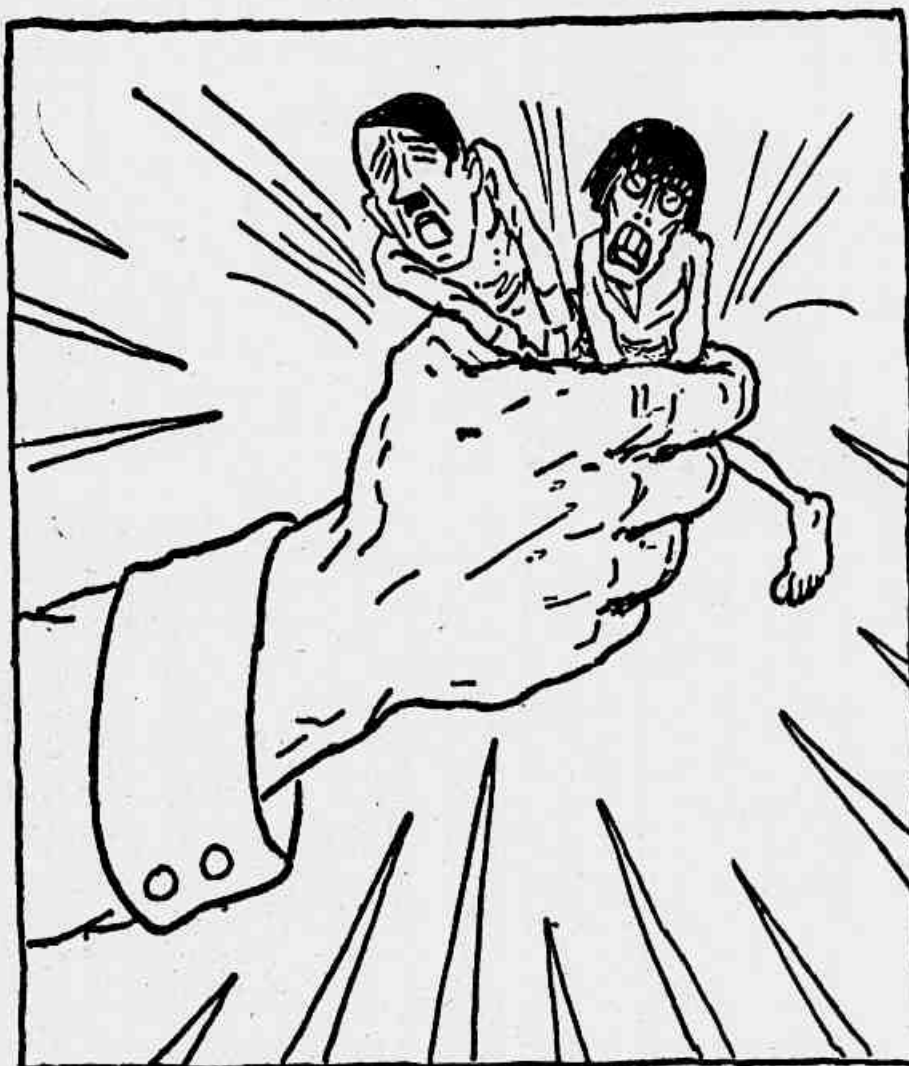
...Ramos...



- Que fazem vocês?
- Urramos!...



- E vocês?
- Berramos!...



- Mas nós vos amarramos



e vos torramos



E a paz no mundo ferramos.

Imagine que o carro virou por cima de mim. Eu ainda tive muita sorte.

GERALDO — Em todo o caso vai pegar aí uns três meses de cama, hein?

NOVAIS — Hum... só esta perna quebrada. Isto aqui é coisa para muito tempo... que massada, meu Deus.

GERALDO — Mas não se mexa tanto. O senhor está muito nervoso. Está tomando algum calmante?

NOVAIS — Já, sim. Já tomei. É, tem razão, meu caro Geraldo. O meu estado de nervos é deplorável!

GERALDO — Aliás, há já algum tempo eu vinha notando uma certa alteração no seu gênio. A irmã Luíza certa vez comentara comigo. O senhor doutor Novais sempre se fez notar pela paciência, pelo seu bom humor, e ultimamente andava bem mudado. E' justo, pois, que agora, depois desse choque, o seu nervosismo se manifeste em mais alto grau. Precisamos tratar disso, meu amigo. E' preciso ver uns calmantes, é preciso que estudemos um meio de evitar uma neurastenia. Os homens úteis e bondosos como o senhor são criaturas preciosas. Não se devem estragar por um motivo qualquer.

NOVAIS — Um motivo qualquer? Ah, meu caro Geraldo. Não blasfeme. Eu tenho fartas razões; tem origens longínquas o meu desassossego!... Não julgue nunca uma pessoa apenas pelo aspecto. Este jeitão tranquilo, êste ar assim burguês de que me revisto, por certo dão a toda gente a idéia de um cavalheiro pacato, incapaz de conter dentro de si o sentimento que, no entanto, há longos anos me consome.

GERALDO — Que diz, doutor Novais?

NOVAIS — Espantou-se, não é? Talvez até eu o esteja escandalizando. Um velhote, já de cabelos brancos, falando em certas coisas...

GERALDO — Por isso não, doutor Novais. Mas a sua vida de celibatário sempre nos pareceu tão tranquila...

NOVAIS — E' a tal história, meu amigo. A ilusão das aparências... E no entanto que mundo misterioso, que Atlântida não se esconde sob êste lago tranquilo. Águas paradas, águas profundas, meu amigo.

GERALDO — Desculpe, doutor Novais, mas nós estamos alimentando uma palestra inútil. O senhor bem sabe que eu estou ansioso para lhe fazer algumas perguntas. E eu preciso, angustiosamente, de suas respostas.

NOVAIS — Estou à sua disposição. Pergunte o que quiser.

GERALDO — Logo após a operação do Luiz lembro-me de que o senhor se ofereceu para ir levar pessoalmente à minha irmã o resultado, não foi?

NOVAIS — Sim. Foi.

GERALDO — E' bem possível que o senhor ainda a tenha encontrado em casa. E eu tenho mesmo a impressão de que o seu acidente deve ter alguma relação com a fuga de Regina. Esclareça-me, doutor Novais. Sim. O senhor deve ter sabido, antes de qualquer pessoa, e deve saber melhor do que ninguém, a resolução de minha irmã.

NOVAIS — Mas você não leu a carta que ela lhe deixou?

GERALDO — E como sabe dessa carta?

NOVAIS — Chegando lá para lhe dar o resultado da operação, encontrei as portas abertas, e a casa estava vazia. Fui entrando. Assustado, pressentindo uma desgraça, subi ao quarto de dona Regina. Uma vez lá, vi a carta sobre a mesa, endereçada a você. E justamente nessa hora ouvi que um automóvel se movimentava no jardim. Cheguei à sacada e vi então o carro que saía, levando dona Regina, a Josefa e o Zé Pedro, que ia na direção. Compreendi tudo. Imediatamente. E resolvi segui-los. (Emocionado) Eu queria saber para onde ela ia...

GERALDO — Agradeço muitíssimo o seu interesse, dr. Novais. Mas me parece que o seu dever seria avisar a família de Regina, e não sair assim no seu encalço.

NOVAIS — Dever? Ah, meu amigo. Que palavra tão elástica! Olhe, Geraldo. Eu tinha o direito de segui-la.

GERALDO — O direito? Que quer dizer com isto, doutor Novais?

NOVAIS — Geraldo. Você sabe que eu fui amigo de seu pai. Embora bem mais moço que êle, eu o estimava muito. Fomos companheiros no internato. Depois, seu pai se formou e casou-se. Sua mãe, uma criatura encantadora, ficou minha amiga também. De maneira que nossa amizade cada vez mais se fortificou, numa convivência quase diária, numa camaradagem ideal. A casa de seu pai era quase o meu lar. Só, sem família, sem afetos, era junto de seu pai e sua mãe que eu encontrava a atmosfera de carinho que meu coração pedia.

GERALDO — Lembro-me bem. Quantas vezes não fui, pela sua mão, ao circo de cavalinhos!...

NOVAIS — Tinha eu, naquela ocasião, vinte anos. E ria com a mesma infantilidade que você das piadas do palhaço. Pois bem. Tempos depois sua irmã nasceu. E também, logo depois, eu fui terminar o meu curso na Europa. Lá me demorei 15 anos. Voltando procurei imediatamente a sua família e... Oh... Geraldo! Eu tenho que lhe fazer uma grande revelação. Geraldo... quando voltei à sua casa, 15 anos depois, quem me recebeu foi Regina. Ela estava no jardim e me acolheu com aquêl sorriso extraordinário que a fazia ainda mais linda. (Afastando) Perguntei por seu pai e...

CENA RETROSPECTIVA

REGINA (aproximando) — Quem devo anunciar, senhor?

NOVAIS — Diga-lhe que é o seu amigo Novais.

REGINA — Ah, é o senhor, então? Permita que lhe dê as boas vindas. Dê-me um abraço. O meu pai vai ficar felicíssimo. Não se passa um dia aqui em casa que não se fale no senhor. Cresci ouvindo o seu nome, ouvindo as suas cartas. De maneira que já lhe queria bem antes de o conhecer.

NOVAIS — Muito obrigado, senhorita. Muito obrigado.

REGINA — Mas meu pai ignorava a sua volta?

NOVAIS — Ignorava, sim. Eu quis lhe fazer uma surpresa.

REGINA — Bem. Então eu vou ser sua cúmplice. Ele está no escritório. Vamos até lá. Mas na ponta dos pés, hein? Caminhe sempre atrás de mim.

(Música rápida)

PAI DE REGINA — Tire estas mãozinhas de meus olhos. Já conheço muito êstes dedinhos. Eu já sei de quem são estas unhasinhas. Hum... até parecem as de uma gatinha brava!

REGINA — Não senhor. Não lhe tiro a venda enquanto não adivinhar quem é que está aqui de pé, solene e belo, diante da sua cadeira.

PAI — Já sei, é o Geraldo.

REGINA (rindo) — Nada disso. Escute. E' uma pessoa alta, morena, de têmporas grisalhas, com uns olhos grandes, simpática.

PAI — Já sei. E' sua mãe.

REGINA — Ora, paizinho. Ainda há pouco eu não lhe disse: solene e belo?

PAI (rindo-se) — Ah, é verdade. Então é um homem?

REGINA — E' um homem, sim. Um homem que o senhor estima muito. Veja. Aí está.

PAI (um grito de júbilo) — Novais!...

NOVAIS (afastando) — Meu amigo! Que filha, encantadora tem você!

VOLTA À CENA ANTERIOR

GERALDO — Bem, não nego que é ótima a sua maneira de encarar este caso, meu amigo... Isto, porém, não impede que eu me sinta como que pasmado diante da sua frieza.

LUIZ — Você bem sabe, Geraldo, que eu costumo analisar e receber as coisas da vida sob um ponto de vista prático e decisivo. Regina era o meu grande amor. Agora, será uma lembrança boa e eterna. É preferível assim do que conservá-la a meu lado sem que pudéssemos voltar ao enlévo de outros tempos. Retê-la junto a mim, amargurada, infeliz, humilhada, sem lhe dar o carinho que antes lhe dava? Não. Eu prefiro mil vezes perdê-la.

GERALDO — Minha pobre irmã! Que Deus se compadeça dela! Que Deus a acompanhe. Ah, minha pobre Regina!...

(Música)

REGINA — Aqui está bem, Zé Pedro. Vamos descansar aqui. Você deve estar fatigado. Vamos repousar um pouco. E quando sairmos eu tomarêi conta do volante.

ZÉ — Não senhora, dona Regina. Era só o que faltava. Eu faço questão de ir até o fim na direção do carro. Não é a primeira vez que eu faço esta viagem.

REGINA — É verdade, Zé Pedro. Já passámos por aqui em ocasiões tão felizes! Primeiro foi com meu pai. Eu era ainda uma menina. Ele me trouxe para conhecer a estrada. Depois, passámos com o Luiz, logo que nos casámos. (Chorando) Oh, meu Deus. Que contrastes medonhos tem esta vida!

JOSEJA — Pronto. Já está Regina chorando outra vez. Já está ela chorando de novo. P'ra que puxou esta conversa, Zé Pedro?

ZÉ — Eu? Que foi que eu fiz, Zefinha?

JOSEFA — Zefinha? Zefinha? Respeite mais a presença de sua patroa, ouviu? E seja mais jeitoso, seu bobo.

ZÉ — Mas, mas que é isto Zefinha... oh... desculpe... Josefa, que é isto? Por que está zangada? (Regina continua chorando).

JOSEFA — É isto mesmo, seu desastrado. Você tinha que falar em certas coisas? Tinha? Só p'ra se gabar. P'ra dizer que já foi uma porção de vezes a S. Paulo. Já se sabe que você é um "ás"... Você é um tolo!

REGINA — Mas Josefa! Você está sendo injusta. O Zé Pedro não é culpado de coisa nenhuma. Ele estava apenas sendo amável.

ZÉ — Pois é. Eu estava dizendo que fazia questão de conduzir o carro até aonde a gente vai morar. Era só isso, Zef... oh... desculpe — Josefa.

REGINA — Pode chamá-la Zefinha mesmo, Zé Pedro. Nós vamos viver juntos. Não pode haver êsse constrangimento a vida toda. Deixa de tolices, Josefa.

JOSEFA — Está bem. Está bem. Eu não quero é que você possa ter alguma queixa do Zé Pedro.

REGINA — Qual nada, Josefa. Zé Pedro também me conhece desde menina. E eu sei que êle é muito bom (pausa). Escute, Zé Pedro. Amanhã chegaremos a S. Paulo, não é?

ZÉ — Se Deus quiser. E se a senhora não estiver muito cansada a gente pode seguir amanhã mesmo para Santos.

REGINA — Então, se for assim, estaremos amanhã mesmo em S. Vicente?

ZÉ — Sim, senhora. Se Deus quiser.

JOSEFA — E chegando lá? Como é que a gente vai arranjar casa?

ZÉ — Pelo que eu soube, lá só tem casinhas de gente pobre. Mas não é difícil alugar uma delas.

REGINA — É uma colônia de pescadores, de gente humilde, de gente muito boa. Não há de faltar quem nos hospede.

JOSEFA — E se êles forem dar com a língua nos dentes lá em S. Paulo, hein? Disso é que eu tenho medo. Você faz tanta questão de não ser descoberta.

REGINA — Não tenha receio, Josefa. Vocês dirão a toda a gente que eu vim de S. Paulo. Que meu marido morreu num desastre e que, nesse mesmo desastre, eu me

queimei e fiquei assim defeituosa. E que fui morar ali para fugir da sociedade, para não ser vista pelos conhecidos assim horrorosa como estou. É quase a verdade. Não é quase esta a minha história?

(Ambiente de kermesse. Ao longe banda de música. Risos, etc.)

CELESTE — Então, sr. Walter, está gostando de nossa festa?

WALTER — Esplêndida, minha senhora. Principalmente pela oportunidade que me proporcionou de poder vê-la mais de perto e mais demoradamente. Quem era aquele moço que estava conversando consigo quando eu cheguei?

CELESTE — Ah... sim... é o Rogério. Um conhecido de meu marido. Por que?

WALTER — A senhora sabe... eu tenho necessidade de conhecer as suas amizades...

CELESTE — Bem, mudemos de assunto. Já tomou o seu chá?

WALTER — Não. Estava esperando encontrá-la para me fazer companhia.

CELESTE — Ótima idéia. Espere um momento. Vou dar umas ordens aqui na minha barraca e irei imediatamente.

WALTER — Estarei lá à sua espera...

(Música)

CELESTE — Não me demoro, ouviu, Marina? Vou tomar um chá e já volto.

ROGÉRIO — Aonde vai, Celeste?

CELESTE — Ah... você ainda está aí?

ROGÉRIO — Ainda e sempre... você bem sabe que não a deixo. Quero saber com quem você vai tomar chá.

CELESTE — Ora, Rogério. Não seja impertinente.

ROGÉRIO — Agora sou impertinente, não é verdade? Há dias, quando você insistia telefonando para a minha casa marcando encontro, não achava que eu era impertinente. Mas não faz mal. Pode ir tomar o seu chá.

CELESTE — Depois conversarei com você. Agora é impossível... e... não faça mau juízo de mim...

ROGÉRIO (irônico) — Absolutamente não, Celeste. Não faço juízo algum.

(Música)

ZÉ PEDRO — Vamos parar um pouquinho aqui, dona Regina? O motor está esquentando de mais. E eu quero evitar um enguiço no carro.

REGINA — Pois não, Zé Pedro. Este lugar aqui está ótimo. Aquelas luzes ali de onde são? Há uma povoação ali adiante, não é?

ZÉ PEDRO — Há sim, dona Regina. Mas nós estamos a uma boa distância. Parece-me que não há inconveniente em pararmos aqui. A senhora não acha?

REGINA — Não. Está muito bem. Mesmo porque nós precisamos descansar. Nossos nervos têm que estar abalados. Esta viagem não é uma viagem comum (pausa). Estamos viajando por etapas.

ZÉ PEDRO — Dona Regina, a senhora dava licença para eu ir até àquela povoação? Ali onde estão aquelas luzes? Eu... eu queria comprar cigarros, dona Regina.

JOSEFA — Credo, Zé Pedro! Você quer deixar a gente sozinha aqui no meio da estrada? Que idéia!

REGINA — Ora, Josefa. Não seja medrosa. Estamos tão pertinho da tal povoação. Garanto que em dez minutos o Zé Pedro vai e volta. Não é, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Vou sim, dona Regina. Olhe, Josefa. Entre para o carro. Sente-se ao lado de sua patroa e você vai ver como, num instantezinho, eu estou aqui de volta.

JOSEFA — Mas por que você não nos leva também? A gente não podia ir até lá de automóvel?

REGINA — Não, Josefa. O Zé Pedro pode ir, mas a pé. Eu não quero chamar a atenção de ninguém para o carro.

JOSEFA — Mas você não tem medo da gente ficar aqui

sozinha, nesta estrada deserta? Já está tão escuro... Hum... Meu Deus! O sol já sumiu há tanto tempo.

REGINA — Deixe de ser medrosa, Josefa. Pode ir, Zé Pedro.

ZÉ PEDRO — Está bem. Eu vou depressa. Obrigado, dona Regina.

(Música)

ZÉ PEDRO — Boa noite, moço, me dê um maço de cigarros...

VENDEIRO — Sim senhor... pode tirar... Já tava admirado do sinhô num tê aparecido aqui. Oia, moço aqui nesta vendinha é que o sinhô acha distração.

ZÉ PEDRO — Tá bem. Tá bem. Eu hei de aparecer, pode contar comigo. Mas agora eu estou com muita pressa, sim? Me dê o maço de cigarros.

VENDEIRO — Não sinhô. O coroné Fagundes é um bom patrão. Ele num vai zangá cum sua demora, não. O sinhô tem que tomá premero uma pinguinha cô a gente. Era só o que faltava.

ZÉ PEDRO — Mas agora não é possível. O... o... meu patrão tem pressa... êle me recomendou que não demorasse.

VENDEIRO — Que é isso, seu moço? O sinhô parece que tá fazendo pouco da gente? Oia, moço, isto aqui não é sertão, não, hein?

ZÉ PEDRO — Eu sei, meu velho. Eu sei. Mas eu venho aqui uma outra hora para conversar. Eu ainda tenho que dar um recado em Guaratinguetá.

VENDEIRO — Ué... mecê vai a pé? Cadê o carro?

ZÉ PEDRO — O carro enguiçou lá adiante. O meu ajudante ficou concertando enquanto eu vim até aqui...

(Passos)

HOMEM — Boa noite, seu Joaquim. Parei aqui p'ra lhe fazer uma pergunta.

VENDEIRO — Pode preguntá.

HOMEM — Imagine o senhor que eu vinha agora na minha carroça pela estrada e encontrei um automóvel parado. Estava lá um homem mudando um pneu. O homem me chamou e me ofereceu cem mil réis por uma informação.

VENDEIRO — E que é que que sabê?

HOMEM — Ele quer saber se não passou por aqui um automóvel com chapa do Rio de Janeiro.

ZÉ PEDRO — Obrigado e até logo.

(Passos)

VENDEIRO — Olhe o seu trôco...

ZÉ PEDRO (longe) — Pode ficar com êle e obrigado.

VENDEIRO — Obrigado o senhor. (Outro tom) E daí? Que é que tem o tal automóvel?

HOMEM — Ah... êle me disse que o carro é do Rio de Janeiro, leva uma senhora com uma rapariga de côr e um chauffeur alto, forte, de côr também. Aí êle me disse que me dava 50 mil réis se eu soubesse informar. O senhor, seu Joaquim, por acaso não viu nada?

VENDEIRO — Não. Automóvel do Rio? Não. Nenhum passou por aqui nestas últimas horas. (Outro tom) Mas... você falô num chofê arto, forte, escuro? Péra... êste camarada que esteve aqui comprando cigarro... tava de boné de chofê... será?

HOMEM — O senhor não o conhecia?

VENDEIRO — Eu não. Eu não conhecia êsse home. Eu nunca tinha avistado essa cara.

HOMEM — Mas então... E'... é isso mesmo. Com certeza êles estão escondidos aí nalguma encruzilhada. Olhe, seu Joaquim. Eu vou correndo avisar o homem lá na estrada. Até já, seu Joaquim. Adeus.

(Música)

JOSEFA — Que idéia do Zé Pedro deixar a gente sozinha no meio da estrada.

REGINA — Mas Josefa, você precisa ser mais acamada do Zé Pedro. A gente quando se casa precisa estar disposta a uma porção de sacrifício, grandes e pequenos. O homem é uma eterna criança e nós, as mulheres, temos que ser para êles eternamente maternas.

JOSEFA — Qual, Regina. O que eu acho é que a gente não deve acostumar a tal criança com certos mimos. Depois êles ficam mal acostumados e a gente é que se aborrece.

REGINA — Nós nos aborrecemos com êles não tem importância, minha amiga. O grande perigo, o que devemos evitar a todo o custo, é que êles se aborçam de nós. E' preferível perder o marido, a sentir que êle está ao nosso lado apenas por um dever. E é por isso que eu aqui estou — fugindo para não ver, nos olhos do Luiz, a indiferença, o desprezo a que nenhuma mulher deve sujeitar-se.

JOSEFA — Mas então, o homem é uma raça tão ruim que a gente p'ra viver bem com êle tem que fazer sacrifícios?

REGINA — Os homens não são maus, Josefa. Mas nasceram para dominar. E a gente quando ama tem até prazer em sacrificar-se, em submeter-se à tirania, para defender, para conservar o amor... você vai se casar. Precisa ser mais companheira. Precisa acostumar-se aos pequeninos caprichos do Zé Pedro.

JOSEFA — Pequenino capricho. Deixar a gente sozinha aqui por causa de uns cigarros. E a esta hora da noite...

REGINA — Não exagere, Josefa. São apenas sete horas. Não seja desmancha prazer. O Zé Pedro estava sentindo falta dos cigarros. Vai ter que viajar uma porção de horas a fio. Era natural que procurasse obter os cigarros. Depois, é tão agradável poder proporcionar um prazer a uma pessoa. Você não viu como êle saiu contente. Ele foi correndo como uma criança.

JOSEFA — Hum... êle saiu voando! Até parecia que tinha calçado as botas de sete léguas...

REGINA — As botas de sete léguas! Como nós gostávamos dessa história, hein Josefa?

JOSEFA — E como a gente acreditava nelas. E quer saber de uma coisa? Agora mesmo, aqui, dentro dêste automóvel, no meio dêste caminho tão deserto, não sei por que, eu estou sentindo o mesmo que sentia quando sua avó contava aquelas histórias de lobisomens, de dragões... Hum... me dava uns arrepios!

REGINA — Você está com medo, não é, Josefa?

JOSEFA — E você não está, Regina?

REGINA — E eu ainda posso temer alguma coisa? O pior já me aconteceu.

(Pausa. Ruidos característicos de floresta à noite)

JOSEFA — Hum... mas como está ficando escuro!... Estes grilos cantando, os sapos... o vento mexendo nas folhas... que medo, meu Deus!

REGINA — Pois olhe, Josefa. Eu estou sentindo um repouso tão grande nesta quietude! Eu tenho a impressão de que Deus está me mandando um recado por meio destas vozes da floresta. Cada folha que se agita, cada grilo que canta, os sapos que gritam, cada qual é um acorde. E' como se fôsse uma grande sinfonia. E' Deus que está cantando, Josefa. E' um hino de paz. Sim, meu Deus! Eu terei coragem! Eu viverei para o meu filho que vai nascer.

JOSEFA — Como é? Seu... seu filho? Você vai ter um filho?

REGINA — Isto mesmo, Josefa. Esplêndido, não é?

JOSEFA — Mas então você vai ter um filho. Que coisa boa, Regina. E que consôlo para você.

REGINA — Foi isto que me deu coragem. O meu filho será o meu alento. E hei de viver para essa criança que virá numa hora tão amargurada como um verdadeiro consôlo de Deus! (pausa).

JOSEFA — Você não acha que o Zé Pedro está demorando? Eu estou com tanto medo.

REGINA — Deixa de ser medrosa, Josefa.

(Passos)

JOSEFA — Escute... não ouve alguém que vem correndo?

REGINA — Ouço. Deve ser o Zé Pedro...

(Passos)

ZÉ PEDRO (ofegante) — Dona Regina... vamos fugir... depressa... depressa...

(Carro saindo em disparada. Súbito, rumor de carro derrapando, ferragens quebradas, etc...)

(Encerramento)

CAPÍTULO VI

...

LOCUTOR — Rogério, satisfeito com a cura de Luiz, faz-lhe uma visita. Na conversa que se desenrola, Luiz continua estranhando que Regina ainda não o tenha visitado. Por que seria? E Geraldo, que ainda não voltou? Quando Luiz fazia tôdas essas perguntas aparece Geraldo e conta-lhe tudo — que Regina desapareceu. A princípio Luiz recebe um choque com a notícia, mas, sabendo depois do verdadeiro motivo por que Regina fugiu de sua casa, Luiz aceita a situação achando mesmo que era a única solução para o caso. Celeste encontra-se numa festa de caridade com o estranho sr. Walter. Rogério, que está gostando de Celeste, acompanha os passos dos dois. A viagem de Regina, Josefa e Zé Pedro é feita por etapas. Procuram sempre chegar à noite nas cidades, para não despertar a atenção de alguém. Durante a viagem Zé Pedro parou na estrada e foi comprar cigarros numa venda, quando aparece um homem do lugar contando ao vendeiro que um senhor que estava com o automóvel desarranjado lhe perguntou se acaso ele não tinha visto passar um automóvel do Rio de Janeiro levando uma senhora e uma outra de côr. Conduzia o carro um chauffeur preto alto, forte. Zé Pedro, percebendo que alguém andava à procura da sua patroa Regina, sai da venda e corre para o automóvel. E o capítulo terminou quando Josefa dizia a Regina...

JOSEFA — Escute... não ouve alguém que vem correndo?

REGINA — Ouço. Deve ser o Zé Pedro...

(Passos)

ZÉ PEDRO (ofegante) — Dona Regina... vamos fugir... depressa... depressa...

(Carro saindo em rápida corrida. Súbito rumor de carro derrapando, Ferragens quebradas)

REGINA — Zé Pedro... que coisa horrível! Pare, Zé Pedrol... aí!... Aí!... Que crueldade, Zé Pedrol! Você não devia ter fugido. Quem estava naquele automóvel? Quem seria Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Quem seria não sei, dona Regina. Só sei é que vinham atrás da gente...

REGINA — Mas você não viu que o carro capotou? Deve haver feridos. Nós devíamos ter acudido. Nós não devíamos ter abandonado aquele carro no caminho.

ZÉ PEDRO — Não há de faltar socorro, dona Regina. A senhora é que não podia se expor. Daqui a pouco vai juntar gente ali. A senhora não reparou que o desastre foi bem na entrada de Taubaté?

REGINA — Mas foi horrível o que aconteceu. Teria havido mortos, Zé Pedro? E por minha causa, meu Deus. E quem seria? Que teria havido, meu Deus?

ZÉ PEDRO — Garanto que nem mesmo gente machucada houve ali, dona Regina.

JOSEFA — E como é que você sabe disso?

REGINA — Você garante? E por que?

ZÉ PEDRO — Porque eu vi bem a derrapagem. E, pela posição em que o carro ficou, não devia ter acontecido grande coisa. Se houvesse gente atrás, aí sim, teria sido

mau. Mas quem ia, ia no volante, e ali na frente pouca coisa deve ter havido.

REGINA — Queira Deus que assim seja, Zé Pedrol!

ZÉ PEDRO — Eu lhe garanto, dona Regina.

(Música)

(Vozes)

VOZ DE HOMEM (do quinto capítulo) — Vejam se é possível abrir a porta do carro. Precisamos tirar o homem lá de dentro. Vamos. Fôrça.

(Rumor de feramentas)

VOZ — Ora, até que enfim. Ele está desacordado.

HOMEM — Está muito machucado?

VOZ — Algumas costelas quebradas pelo menos ele deve ter. Bem. Agora vamos levá-lo para o hospital.

HOMEM — E' um médico, hein! Olhe aqui o anel. E que belo carrol!

VOZ — Ficou bem avariado o pobre do automóvel. Também ele ia numa tal disparada! Menino! Quando este carro passou lá na porta do armazem eu até levei um susto. Chi... mas como está o automóvel! Todo quebrado!

HOMEM — Ora, não faz mal. O camarada deve ter dinheiro. Vamos levá-lo, João. Encosta aqui a tua charanga... vamos... toca para o hospital. Vamos segurá-lo. Assim... agora...

(Porta que se fecha. Automóvel que sai)

(Música)

GERALDO (telefone) — Alô... oh, bom dia, Irmã Luiza. Então? Já tiveram notícias? Ah, sim. Na estrada Rio-S. Paulo? Sim... sim... está muito ferido? Quando chegará a ambulância? Hoje à tarde? Está bem. Sim. Por certo. Eu estarei aí, naturalmente. Então até logo, irmã Luiza. Até logo.

CELESTE — Apareceu o homem?

GERALDO — Sim. Apareceu. Sofreu ante-ontem um acidente na estrada Rio-S. Paulo e está numa enfermária de Guaratinguetá.

CELESTE — Mas, pelo que ouvi você dizer, ele está sendo transportado para cá?

GERALDO — Está. E não era justo deixá-lo só, numa cidade estranha, uma vez que o seu caso não impede a remoção.

CELESTE — Você não acha esquisita esta viagem, inesperada e misteriosa? Hum... se a Regina não estivesse tão... como direi... assim... tão inutilizada... até se podia pensar...

GERALDO — Pensar o que, Celeste?

CELESTE — Bem... você compreende, não é?

GERALDO — Que quer que eu compreenda?

CELESTE — Ora, Geraldo. Não se faça de tolo. Eu acho esquisita a coincidência. Pronto. Era isso o que eu queria dizer.

GERALDO — Se você queria dizer alguma coisa por que não diz tudo de uma vez?

CELESTE — Mas você então não acha estranho que ele tenha desaparecido justamente no dia e na hora em que a sua irmã desapareceu?

GERALDO — Celeste! Eu estou saturado da sua maldade! Quer ter uma gentileza comigo?

CELESTE — Estou à sua disposição.

GERALDO — Retire-se. Por favor. Saia imediatamente!

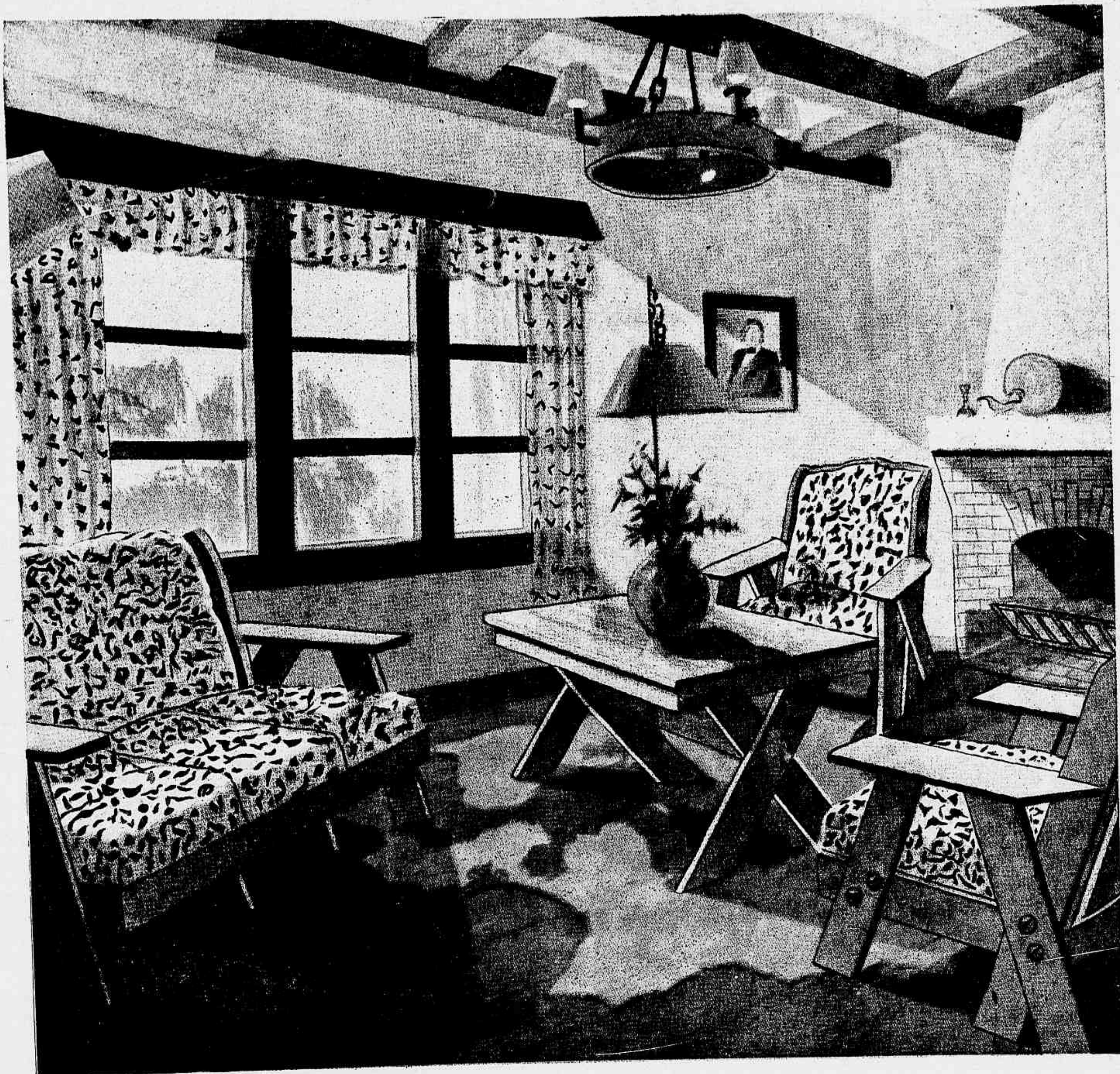
(Música)

GERALDO — Mas que foi isso, meu amigo? Que fuga desastrosa, hein?

NOVAIS — E' verdade, Geraldo. E que péssimo motorista sou eu!

GERALDO — Machucou-se muito?

NOVAIS — Eu nem sei como é que ainda estou vivo.



ESTILO COLONIAL

Apresentamos hoje aos nossos leitores um lindo modelo de sala de estar estilo colonial. Como se pode observar no quadro acima, os móveis não possuem feitio uniforme, dando a impressão exata de fazenda. Esta é mais uma sugestão que oferecemos aos nossos leitores. Estamos certos de que ela agradará a muitos, principalmente àqueles que possuem casa de campo para veraneio.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

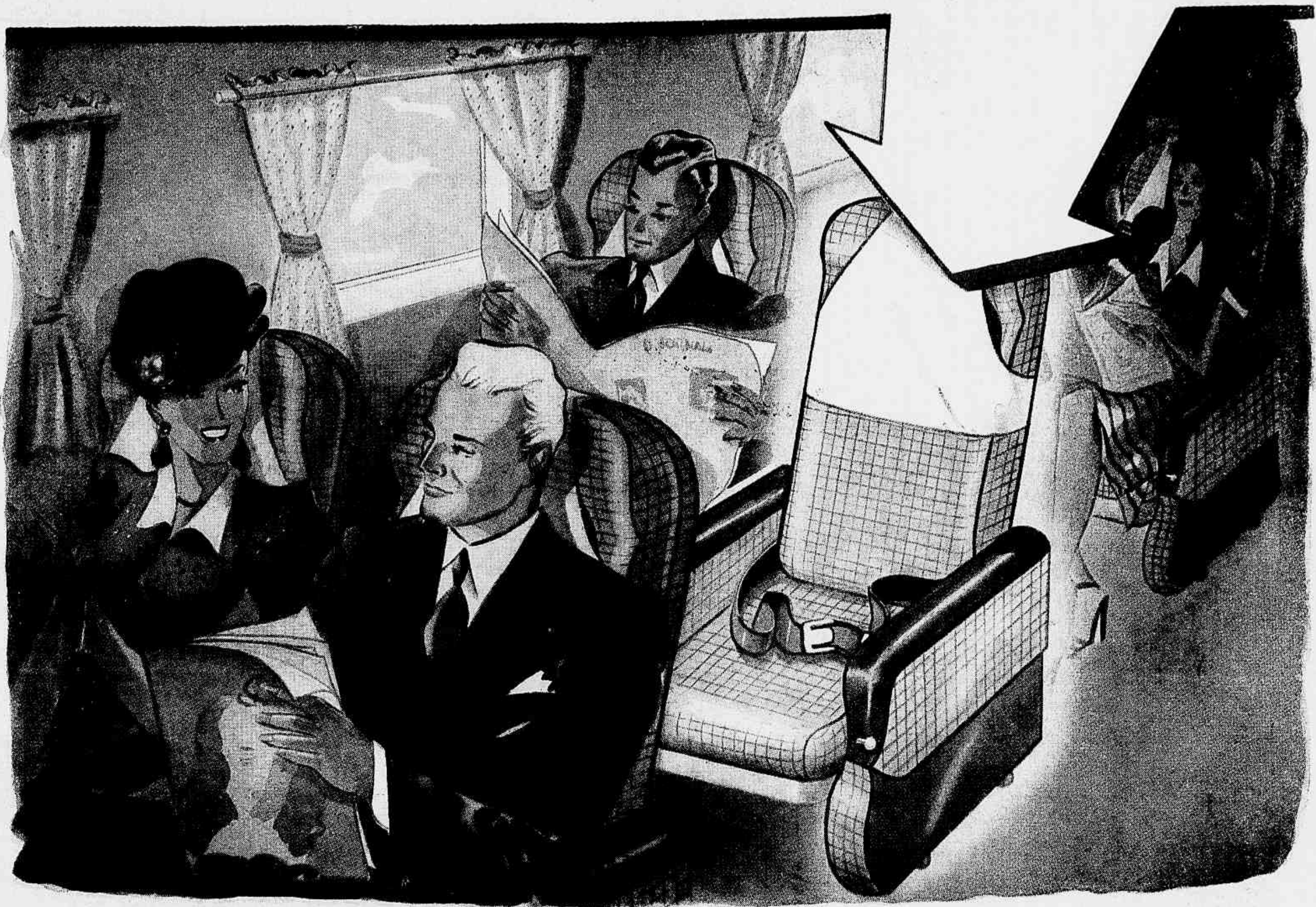
UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

ESTE LUGAR É SEU...



...Porque os problemas do transporte aéreo internacional do futuro estão sendo estudados... e resolvidos – desde já!

Há 18 anos que a ligação aérea internacional é realidade – graças aos confortáveis e rapidíssimos Clippers da PAA, que percorrem as Américas em todas as direções. Amanhã, aviões maiores e ainda mais velozes, já em construção, levarão 60 e 100 passageiros, colocando o transporte aéreo ao alcance de todo o mundo! Rotas, aeroportos e equipamento estão preparados, à sua espera e à espera de sua família. Faça os seus planos de viagem de negócios ou turismo, para o amanhã do tráfego aéreo global.



Ouçã

AQUARELAS DO BRASIL

– Todas as 6as. feiras das 22,05 às 22,35, na Rádio Nacional, em ondas médias (PRE-8, 980 kcs.) e curtas (PRL-7, 30,86 metros). Evocação sonora da tradição musical e do folk-lore nacionais. Um magnífico show com grandes orquestras e coros mixtos, solistas e vocalistas, sob o comando de Almirante. Uma viagem sentimental pelo passado e o presente do Brasil, oferecida pela Pan American World Airways.



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers